

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO**  
**ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**ANA PAULA MENDONÇA GOMES**

**Imigração e Entidades de Benemerência na Comunidade Judaica de São Paulo:  
Sociedade Beneficente das Damas Israelitas e Organização Feminina Israelita de  
Assistência Social (Décadas de 1930 a 1970)**

**Guarulhos**

**2019**

**ANA PAULA MENDONÇA GOMES**

**Imigração e Entidades de Benemerência na Comunidade Judaica de São Paulo:  
Sociedade Beneficente das Damas Israelitas e Organização Feminina Israelita de  
Assistência Social (Décadas de 1930 a 1970)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Profa. Dra. Samira Adel Osman

**Guarulhos**

**2019**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Gomes, Ana Paula Mendonça.

Imigração e Entidades de Benemerência na Comunidade Judaica de São Paulo: Sociedade Beneficente das Damas Israelitas e Organização Feminina de Assistência Social (Décadas de 1930 a 1970) / Ana Paula Mendonça Gomes. – Guarulhos, 2019.

Dissertação (Mestrado) – Universidade federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, 2019.

Orientadora: Samira Adel Osman

Título em inglês: Immigration and Entities of Benemerence in the Jewish Community of São Paulo: Sociedade Beneficente das Damas Israelitas and Organização Feminina de Assistência Social (1930s to 1970s)

1. Comunidade Judaica. 2. Associações de Beneficência e Assistência Social. 3. Imigração. 4. Sociedade Beneficente das Damas Israelitas. 5. Organização Feminina Israelita de Assistência Social – OFIDAS. I. Osman, Samira Adel. orient. II. Título

*Dedico este trabalho à memória da minha avó e  
às minhas amadas mãe e irmã.*

## AGRADECIMENTOS

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Samira Adel Osman pela confiança, respeito, compreensão e paciência a mim dedicados durante todo o Mestrado. Seu apoio foi fundamental para a conclusão deste trabalho e me lembrou que não estamos sozinhos no mundo acadêmico.

À todos os professores e demais funcionários da UNIFESP que tanto colaboraram para a minha formação e crescimento, fazendo do seu trabalho uma afirmação da importância do ensino superior público e de qualidade neste país.

Aos amigos que há anos tem caminhado junto comigo, especialmente aos queridos Liliane Assunção, Lorrane Campos, Nara Catarina, Talita Sanchez e Victor Godoy que, cada um à sua maneira, me deram as mãos e me acompanharam na “longa e sinuosa estrada”.

À rabina Fernanda Tomchinsky-Galanternik, aos funcionários do Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo e à todos os membros da comunidade judaica paulistana com os quais tive o prazer de contar durante essa pesquisa. Meu sincero agradecimento por terem compartilhado comigo seu tempo e conhecimento sempre de maneira gentil e generosa.

Por fim, à todas as mulheres admiráveis que fizeram e fazem parte da minha vida, especialmente à minha avó materna (*in memoriam*), à minha mãe incansável e à minha irmã caçula. Por tudo que me ensinaram, eu agradeço profunda e carinhosamente.

## RESUMO

Esta pesquisa discute sobre a história de duas associações de beneficência e assistência social da comunidade judaica da cidade de São Paulo no decorrer do século XX: a “Sociedade Beneficente das Damas Israelitas” e a “Organização Feminina Israelita de Assistência Social (OFIDAS)”. Considerando tais associações como formas de fixação comunitária na cidade, abordamos sobre sua constituição e funcionamento, especialmente sobre os casos de mulheres por elas atendidos. Para tanto, são analisados os fundos documentais remanescentes das atividades da Sociedade das Damas e da OFIDAS que se encontram sob guarda do Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo (CDM).

**Palavras-chave:** Comunidade Judaica, Associações de Beneficência e Assistência Social, Imigração, Sociedade Beneficente das Damas Israelitas, Organização Feminina Israelita de Assistência Social – OFIDAS.

## ABSTRACT

This research debates the history of two beneficence and social assistance associations run by the Jewish community from the city of São Paulo throughout the twentieth century: the “Sociedade Beneficente das Damas Israelitas” and the “Organização Feminina Israelita de Assistência Social (OFIDAS)”. By looking at these associations or societies as ways of fixing their own community in the city, we investigated both their development and functioning, giving special focus and thought to the cases in which they were assisting women. To do so, we analyzed the documents which remain from the activities developed by the beneficent society of the “Sociedade das Damas” and the “OFIDAS”, which can be found in the archives of the “Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo (CDM)”.

**Keywords:** Jewish Community; Beneficence and Social Assistance Associations; Immigration; Sociedade Beneficente das Damas Israelitas, Organização Feminina Israelita de Assistência Social – OFIDAS.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Colaboradoras OFIDAS por departamentos .....	68
Tabela 2 – Primeiros quadros dirigentes .....	71
Tabela 3 – Quadros dirigentes (1960-70) .....	72
Tabela 4 – Funcionários da OFIDAS .....	74



## GRÁFICO

Gráfico 1 – Ano de chegada .....	91
----------------------------------	----

## SUMÁRIO

<b>Resumo .....</b>	<b>4</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>5</b>
<b>Lista de Tabelas .....</b>	<b>6</b>
<b>Gráfico .....</b>	<b>7</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>10</b>

### **CAPÍTULO I. HISTÓRICOS DAS INSTITUIÇÕES: UMA APRESENTAÇÃO GERAL .....**

### **17**

<b>1.1. Os primeiros anos da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas (1915-30) .....</b>	<b>19</b>
<b>1.2. As atas da Sociedade das Damas (1931-40) .....</b>	<b>23</b>
<b>1.3. Organização Feminina Israelita de Assistência Social (OFIDAS) .....</b>	<b>35</b>
<b>1.4. Reconfigurações: Departamentos, Serviço Social e Federação Israelita do Estado de São Paulo (FISESP) .....</b>	<b>37</b>
<b>1.5. Questões políticas e conflitos internos .....</b>	<b>46</b>

### **CAPÍTULO II. MULHERES, DEPARTAMENTOS E BENEMERENTES: A FORMAÇÃO DE UMA ORGANIZAÇÃO .....**

### **56**

<b>2.1. Um espaço a elas permitido .....</b>	<b>56</b>
<b>2.2. Os departamentos da OFIDAS e suas funções .....</b>	<b>60</b>
<b>2.2.1. Serviço Social .....</b>	<b>61</b>
<b>2.2.2. Departamento de Orientação Educacional e Profissional .....</b>	<b>62</b>
<b>2.2.3. Jardim Maternal (Lar das Crianças) .....</b>	<b>63</b>
<b>2.2.4. Biblioteca e Recreação .....</b>	<b>64</b>
<b>2.2.5. Fonoaudiologia .....</b>	<b>65</b>
<b>2.2.6. Peah .....</b>	<b>65</b>

2.2.7. Higiene Infantil .....	66
2.2.8. Gabinete Dentário .....	66
2.3. Benemerentes .....	67
2.4. Autorreflexão .....	78
 <b>CAPÍTULO III. BENEFICIADOS(AS) E SUAS EXPERIÊNCIAS</b> .....	80
3.1. Diversidade de origens e caminhos .....	84
3.2. Sobreviventes .....	88
3.3. Algumas experiências migrantes – Anos 1950 .....	93
3.3.1. Casos: A Centralidade da Saúde .....	95
3.3.2. Caso J. ....	101
3.3.3. Casos do Departamento Escolar e o Lar da Criança Israelita: o trabalho extradoméstico feminino .....	108
3.4. Mães nervosas, lares instáveis: a figura feminina como ponto central na constituição familiar .....	115
3.5. Casos da Assistência Educacional: Recreação (1952-1970) .....	125
3.6. Assistência Médico Odontológica .....	129
3.6.1. Higiene Infantil .....	130
3.7. Acompanhamentos posteriores de alguns casos atendidos (1960) .....	133
3.8. Década de 1970: mudanças de perfil dos atendidos? .....	135
 <b>Considerações Finais</b> .....	151
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	153
<b>Fontes</b> .....	158
<b>Apêndice</b> .....	166

## **Introdução**

Nos estudos sobre história dos judeus no Brasil, muitas podem ser as abordagens adotadas para a maior compreensão sobre a chegada e estabelecimento deste grupo em território brasileiro. No processo de construção do projeto desta pesquisa, considerei algumas possibilidades para desenvolver este tema que desde a graduação em História tem me chamado atenção. E, assim, soube da existência de um arquivo totalmente voltado à salvaguarda de documentos sobre os judeus no Brasil: o então Arquivo Histórico Judaico Brasileiro (AHJB), hoje incorporado ao Museu Judaico de São Paulo e sob a nova denominação de Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo (CDM). Por meio de visitas ao local, encontrei uma vasta documentação que se constituiu na principal motivação inicial para que eu acreditasse que ainda havia muito a ser pesquisado sobre a matéria. De tal modo, dois fundos em específico me atraíram de imediato: os conjuntos documentais da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas e o da Organização Feminina Israelita de Assistência Social (OFIDAS).

Creio que o principal aspecto ou justificativa para que especificamente esses dois fundos tivessem me chamado atenção foi o fato até então desconhecido por mim de que, já no começo do século XX, haviam organizações de beneficência fundadas e mantidas fundamentalmente por mulheres judias imigrantes (e descendentes) em São Paulo. Assim, essa pesquisa originalmente possui raízes na descoberta de fontes – fontes estas que, ao meu ver, foram pouco exploradas – que muito têm a oferecer aos pesquisadores interessados.

Portanto, fiz consultas ao Centro de Memória em questão para obter uma visão geral dos documentos remanescentes das atividades da Sociedade das Damas e OFIDAS e quais as possibilidades de pesquisa que os mesmos ofereciam. Foi constatado que os dois conjuntos documentais são bem díspares entre si: o primeiro (Damas) é composto basicamente por atas das reuniões realizadas entre os anos 1931 e 1940; enquanto que o segundo (OFIDAS) é bem mais extenso, compreendendo uma ampla variedade e quantidade de tipos documentais como atas, regimentos, relatórios de atividades, bem como listas de diretoras e pessoas atendidas pela Organização.

Com a leitura inicial de alguns destes documentos e da bibliografia até aquele momento encontrada, identifiquei que a Sociedade das Damas, juntamente com mais

outras duas pequenas associações judaicas (a Gota de Leite da *B'nai B'rith*, fundada em 1931 e o Lar das Crianças Israelitas fundado em 1939) é que tinham dado origem em 1940 à OFIDAS e esta, no ano de 1976, fundiu-se com outras associações também judaicas (Ezra e Policlínica *Linath Hatzedek*) para dar origem à UNIBES (União Brasileira Israelita do Bem-Estar Social) que ainda hoje opera em diversas frentes na cidade de São Paulo. Logo, percebi que o estudo da trajetória dessas instituições constituiria um tema interessante para estudo no âmbito do Mestrado Acadêmico, também devido ao fato de que a bibliografia sobre o tema indicar justamente a quantidade diminuta de estudos específicos sobre as instituições judaicas em São Paulo. De acordo com Cytrynowicz (2005, p. 183):

A história das entidades assistenciais ligadas à imigração judaica deixou uma consistente documentação disponível em acervos públicos e institucionais, entre documentos, publicações e fotografias. Estas fontes primárias foram muito pouco pesquisadas até o momento.

Ademais, os poucos estudos contrastam com o considerável número de associações judaicas fundadas na capital paulista ao longo do século XX.

À medida que tomava maior conhecimento sobre o conteúdo dos dois fundos documentais por meio de consultas ao CDM e da bibliografia sobre o tema, bem como com as discussões tecidas nas disciplinas do programa de pós-graduação e das reuniões de orientação com a professora orientadora desse trabalho, pude reformular minhas ideias e hipóteses, auxiliando a levar a pesquisa para além de uma simples história linear dessas instituições. Uma citação da socióloga Eva Blay me chamou atenção para o fato de que o surgimento de associações étnicas entre pessoas de origem imigrante – no caso, judeus – também está relacionado ao próprio estabelecimento dos mesmos nos novos territórios:

Historicamente, os judeus construíram, ao longo do tempo e em diferentes países, instituições para garantir a sobrevivência física, cultural e religiosa. Esta rede de instituições constituiu a base da comunidade judaica nos países de origem. Os imigrantes e as gerações posteriores tanto puderam mantê-las, ampliá-las ou reduzi-las. Estes processos de organização social foram também transferidos e mantidos no Brasil? (BLAY, 2008, p. 28)

Acreditando numa resposta afirmativa à indagação de Blay, visto a considerável quantidade de instituições judaicas fundadas em território paulistano, reelaborei o inicial projeto de pesquisa, incorporando a hipótese de que a formação de grupos organizados em entidades sociais pode ser interpretada como uma das formas de estruturação da comunidade que, ao agregar pessoas de mesma origem étnica-religiosa, acabam servindo também como espaços de viabilização de sua vivência no território. Logo, entendemos que o processo de estabelecimento de formas associativas pode ser interpretado como um dos meios de fixação dos estrangeiros e seus descendentes à nova terra.

Neste processo, percebi que a fundação dessas associações, suas estratégias de funcionamento e organização estrutural, bem como o estudo sobre quem estavam envolvidos em seu empreendimento e, especialmente, o público atendido ao longo das décadas eram pontos importantes a serem tratados. Tal abordagem permitiria uma visão geral sobre a história da Sociedade das Damas e da OFIDAS, somando assim aos estudos sobre as instituições erguidas pela comunidade judaica em território brasileiro. Deste modo, trabalhei com o argumento de que a existência de tais organizações pode ser entendida como indícios do estabelecimento da comunidade judaica na cidade de São Paulo, em que pese a diversidade de seus membros. Assim, a existência de “lugares judaicos” na cidade, em sua origem, teria embasamento na necessidade prática de viabilizar a vivência e continuidade do grupo no território, num contexto em que os direitos destes indivíduos não eram totalmente assegurados pelo Estado (principalmente durante o período estado-novista, de tendências antisemitas).

Contudo, constatei que a maior parte do conjunto documental remanescente das atividades da OFIDAS referia-se principalmente sobre seus atendidos. O discurso sobre as famílias e, sobretudo, sobre as mulheres auxiliadas traziam dados referentes às condições de vida de alguns imigrantes judeus e de seus descendentes que permitiam entrever parte de suas experiências na capital paulista. Além de imigrantes judeus, primordialmente nos últimos anos de existência da OFIDAS, as fontes registravam informações sobre outros atendidos, revelando que o público da Organização foi além da comunidade judaica em São Paulo.

Mas, os relatos de casos especialmente trouxeram à tona questões que, *a priori*, não esperava encontrar. Nas entrevistas e análises de casos, as voluntárias e funcionárias da OFIDAS registraram interpretações sobre a condição feminina e familiar muito

peculiares à época. Veio à superfície um constante discurso sobre a moralidade familiar de cunho médico e higienista que ainda soa perturbadoramente atual. Deste modo, o terceiro e último capítulo deste trabalho, que trata sobre os atendidos da OFIDAS, constituiu-se num texto tecido basicamente a partir de casos individuais, por meio da transcrição e análise de alguns destes, a fim de somar à abordagem mais ampla dos capítulos anteriores.

Um dos desafios, sobretudo do início do processo de escrita do texto, foi a seleção de fontes. Como apontado, o fundo documental da Sociedade das Damas é diminuto, entretanto, a OFIDAS conta com grande número de documentos remanescentes de suas atividades. De uma primeira descrição geral das fontes disponíveis fornecidas pelo CDM, fiz uma seleção dos documentos que mais apresentavam dados sobre a Organização – sobre seu funcionamento geral, estrutura organizativa, colaboradores(as), atendidos(as) – operando assim a partir de um recorte que não visa abarcar todos os aspectos da vida das associações ou fechar conclusões definitivas. No decorrer do processo de consultas *in loco*, ocorria ainda a reorganização do acervo do centro de memória em questão, resultando algumas vezes em referências díspares, devido à nova padronização de descrição dos fundos documentais consultados que estava sendo implementada. A via tomada foi o registro fotográfico e fichamento de alguns dos documentos selecionados na sala de consulta do CDM, para sua posterior leitura e análise, em paralelo com a consulta da bibliografia.

Assim, o texto aqui apresentado oferece interpretações, hipóteses, caminhos a serem revisitados. Ademais, creio que uma das minhas principais preocupações foi demonstrar (ainda que em parte e singelamente) o quão rica é tal documentação e, de modo geral, o próprio CDM como lugar de preservação da memória e da história dos judeus no Brasil. Talvez um dos motivos para algumas das longas citações de fontes feitas neste trabalho resida na minha crença sobre a importância daqueles documentos que estão ali, disponível à consulta de todos.

Considerando que poucos trabalhos acadêmicos trabalharam com os fundos documentais em questão<sup>1</sup>, considerei que havia a necessidade de fazer primeiramente uma

---

<sup>1</sup> Quanto à produção específica sobre as instituições assistenciais judaicas, encontramos poucas publicações. Os livros publicados são basicamente edições comemorativas de aniversário das instituições. O primeiro encontrado, datado da década de 1970, é sobre a história da fundação da CIP (Congregação Israelita Paulista). Trata-se de uma edição especial pela ocasião dos quarenta anos da Congregação, e tem autoria de Alice Irene Hirschberg (1976), com colaboração de Eva Hirschberg e Gabriela Wilder e prefácio

apresentação geral da história destas organizações, visto que acredito que há pouco conhecimento sobre a história das mesmas, principalmente na comunidade não-judaica.

Busquei argumentar sobre possíveis causas para sua fundação e longa continuidade, o contexto sócio histórico brasileiro, as particularidades do caso judaico e, além das motivações práticas da beneficência, os motivos e questões que estavam por trás ou que também podem ser levantados para sua compreensão maior. Não busquei fechar uma análise, mas levantar possibilidades, deixando em aberto o convite para debate. Creio, assim, que a fundação dessas organizações encontra uma de suas causas nas demandas daquele momento sócio-histórico, quando a imigração judaica se tornou significativa no Brasil – se não tanto numericamente<sup>2</sup> – se fazendo presente nos debates políticos da época, principalmente a partir dos anos 1930 até a chegada dos refugiados e sobreviventes do nazifascismo europeu. Com a propagação de ideias antissemitas também em território brasileiro e, somado ao contexto de pouca atenção a questões de bem-estar social na sociedade brasileira em geral, a própria comunidade em formação forja mecanismos para sua vivência no novo território, além das possíveis razões de fundo religioso. Destes primórdios, a expansão das atividades de beneficência e assistência social estará atrelada a mudanças contínuas não somente nas formas de ação, mas também no público atendido.

---

do então Rabino Mor da CIP Fritz Pinkuss. Ainda se tratando de edições comemorativas, há dois livros do historiador Roney Cytrynowicz sobre a UNIBES (2000; 2011) e um sobre o Lar das Crianças da CIP (2003). Essas publicações contam a história das instituições de um modo mais linear. No caso das publicações sobre a UNIBES, estabelece sua origem na fundação da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas, em 1915. Tanto no caso da CIP quanto da UNIBES, transparece uma preocupação com a legitimação de uma determinada memória institucional e da própria comunidade judaica paulistana. Finalmente, podemos destacar duas dissertações de mestrado na área de História que tratam sobre associações judaicas em São Paulo. Renata Mazzeo Barbosa (2008) defendeu a dissertação intitulada *Redes de Solidariedade e Resistência em Tempos Sombrios: As Associações Judaicas No Estado de São Paulo (1937-1955)*, tendo como principal perspectiva de análise a relação entre a criação de formas associativas como frente à ameaça antissemita, trabalhando na chave dos conceitos *solidariedade* e *resistência* para compreender principalmente a atuação da CIP. Márcio Mendes da Luz (2011) defendeu a dissertação *Abençoados aqueles que vêm: imigração e beneficência judaica em São Paulo (1900-1950)*, que objetiva analisar a imigração judaica a partir do estabelecimento das instituições de beneficência em São Paulo, dando especial atenção à questão da formação de uma identidade de grupo dos judeus que então se instalavam na cidade. O último capítulo de sua dissertação contempla especificamente a Sociedade das Damas e a OFIDAS, entretanto, não realiza uma análise aprofundada de seu funcionamento e alcance social.

<sup>2</sup> “De 1887 a 1914, chegaram a São Paulo pelo porto de Santos 1 600 000 imigrantes, e os não encaminhados às fazendas de café eram dirigidos à Hospedaria dos Imigrantes, no bairro do Brás. No ano de 1920 estabeleceram-se no país 19 290 ‘turco-asiáticos’, incluindo-se no número, imigrantes muçulmanos, cristão-maronitas e judeus. São Paulo, com 580 000 habitantes, contava com 6 100 judeus que, em 1934, passaram a 40 000”. (MIZRAHI, 2003, p. 82).



Igualmente é importante sublinhar que os capítulos foram escritos a partir da disponibilidade de informações das fontes consultadas. Ainda que fosse selecionada essencialmente a documentação com maiores informações sobre o funcionamento das associações, permanecem lacunas, como bem explicita a quantidade diminuta de documentos e bibliografia sobre a Sociedade das Damas – antecessora da OFIDAS. Também são mais ou menos limitadas as informações disponíveis sobre as “benemerentes” e demais membras das organizações (como funcionários e demais colaboradoras). A maior parte das fontes e que contam com maior nível de detalhamento de informações versa sobre os atendidos da OFIDAS. Tal disparidade reflete no texto apresentado e justifica a extensão do terceiro e último capítulo que trata sobre a clientela da OFIDAS.

Este trabalho se estrutura em três capítulos, sendo o primeiro deles “Histórico das instituições: uma apresentação geral”, que informa o leitor sobre especificidades e funções da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas e da OFIDAS na comunidade judaica paulistana então em processo de formação. Acreditamos que essa apresentação é importante para o posterior desenvolvimento dos problemas e hipóteses que fazemos nos capítulos subsequentes. Neste ponto, trataremos sobre as possíveis justificativas para a existência de associações deste tipo, analisando fatores que contribuíram para a fundação e expansão das atividades de beneficência e assistência social.

No segundo capítulo, denominado “Departamentos, Benemerentes e Mulheres: a formatação de uma organização”, abordaremos sobre a configuração da OFIDAS no que tange a sua formação por departamentos, o seu quadro de colaboradoras (entre voluntárias e funcionárias) e, ainda, um ponto de vista religioso da questão a partir do depoimento de uma rabinha.

No terceiro e último capítulo, “Beneficiados(as) e suas experiências”, trataremos sobre as pessoas atendidas pela OFIDAS ao longo de suas décadas de funcionamento. Perceberemos que a Organização atendeu principalmente famílias de ascendência judaica até os anos 1960, assim, algumas experiências imigrantes veem à superfície, por meio dos relatos de casos. Nestes relatos, a principal questão que transparece é o entendimento da mulher como figura central para a manutenção da família nuclear, sendo ela judia ou não. O discurso tecido sobre essas mulheres nas fontes consultadas será amplamente discutido, principalmente abordando o viés de cunho médico higienista presente em significativa quantidade das fontes consultadas.

Finalmente, aponto que, de maneira geral, quando perguntavam sobre qual era o tema da minha pesquisa, vinha certo ar de surpresa na reação do meu interlocutor quando respondia de maneira bem simplificada que eu estudava sobre judeus no Brasil. Quando detalhava que o recorte era sobre duas associações femininas judaicas, a surpresa era um pouco maior. Percebi que para estas pessoas, que tinham ou não contato com o ambiente acadêmico, o tema era demasiado específico ou mesmo inusitado. Em suma, para a sociedade não judaica, a existência de organizações como essa ou mesmo sobre a presença judaica no Brasil, são questões não muito conhecidas. Acredito assim, que seja importante a produção e divulgação de trabalhos sobre a matéria, sobretudo ao consideramos que minorias como judeus e mulheres (ainda que não sejam elas minoria numericamente, mas em termos de garantia de seus direitos fundamentais) ainda hoje sejam alvo de estigmatização e de formas diversas de discriminação. Reconhecer a importância das histórias e da dignidade humana de todos os indivíduos é urgente, ainda que tenhamos feito avanços nos últimos anos.

## Capítulo 1

### Histórico das instituições: uma apresentação geral

Neste primeiro capítulo, falaremos sobre os anos de funcionamento da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas, levantando possíveis causas para sua fundação no começo do século XX. A análise de fontes primárias será feita a partir do período iniciado em 1931, quando data a primeira ata de reunião da diretoria da associação. Igualmente, trataremos sobre a criação da OFIDAS em 1940, originada da fusão entre a Sociedade das Damas e outras duas pequenas associações judaicas então existentes. Assim, buscaremos apontar possíveis razões para a fundação e longa existência dessas organizações, considerando suas continuidades e mudanças ao longo das décadas.

Inicialmente sublinhamos que, na especificidade do caso judaico, há necessidade de lugares que forneçam as bases para a vida comunitária: a fundação quase imediata de sinagogas, escolas e cemitérios nos locais onde judeus se instalaram não é à toa. A fundação de instituições que viabilizem a vivência da fé e de seus preceitos é basilar na criação e estabelecimento de comunidades judaicas.<sup>3</sup> Ainda que este trabalho não foque nas motivações religiosas, as associações de beneficência também podem ser lidas como lugares que manifestam a prática do bem e do auxílio ao seu semelhante, ações consideradas como *mitzvá*<sup>4</sup>. Ademais, trabalhar em associações de auxílio ao judeu necessitado pode ser encarado como a prática da *tzedaká*<sup>5</sup>. Sobre a fundação de “lugares judaicos” nas cidades que receberam estes agentes, Lesser considera que:

---

<sup>3</sup> “O início destas comunidades é muito semelhante. Logo que estes imigrantes se estabelecem numa cidade procuram reunir-se a outros conterrâneos, formando assim o *minian*. Organizam sociedades de auxílio mútuo, compram um *Sefer Torá* (o Pentateuco) na Europa e arrumam um salão ou casa para as rezas coletivas. Posteriormente constroem uma escola para seus filhos e o cemitério para a comunidade” (MORASHÁ, *Os Judeus de São Paulo*. Disponível em: <<http://www.morasha.com.br/brasil/os-judeus-de-sao-paulo.html>> Acesso em: 25 mar. 2019).

<sup>4</sup> “ (...) o termo *mitzvá*, que poderia limitadamente ser traduzido como preceito, mas é um valor e uma fé expressados através de boas ações. Isso significa que uma *mitzvá* é tal, não apenas como conceito abstrato ou meras palavras e discurso, mas especialmente por se expressar em ações, especificamente em comportamento ético, integrando, assim, a tríade de pensamento – ação – reflexão e reforçando a ligação entre o judaísmo e a filosofia” (TRZONOWICZ, 2012, p. 52).

<sup>5</sup> “Vem de *tzedek*, justiça. Justiça social, justiça com solidariedade. Preceito que obriga a todos a se preocuparem pelo bem-estar dos outros. Cada pessoa é responsável pela outra, não apenas se estiver bem economicamente. A *tzedaká* é uma obrigação que todos têm, sem importar as suas posses” (TRZONOWICZ, 2012, p. 189).

(...) os judeus que chegavam estabeleciam-se onde a assistência estava mais disponível, trazendo, em seguida, familiares, amigos e antigos vizinhos, que se uniam a uma série de instituições assistenciais e comunitárias para recém-chegados (...). A habilidade de obter rapidamente uma renda combinou-se com a natureza comunitária e de base étnica do processo imigratório para levar os imigrantes judeus a estabelecerem grupos de jovens, escolas, sinagogas e sociedades que mantinham os cemitérios judaicos. Com a criação de instituições judaicas, as famílias de judeus tornavam-se mais inclinadas a investir seu tempo e capital em um futuro brasileiro, e menos propensas a deixar o país. (LESSER, 1995, p. 45)

Para Davis (1964, apud RATTNER, 1977, p. 76-77, grifo do autor) “[...] as comunidades judaicas ocidentais [...] constroem suas instituições locais e indígenas, nos seus respectivos *habitats*, a fim de assegurarem seu futuro como comunidade judaica”. Complementando, Rattner (1977, p. 77) aponta que tais comunidades “[...] tentam adaptar suas aspirações à sobrevivência dos judeus, como grupo etno-cultural-religioso distinto, às circunstâncias e condições específicas de cada ambiente”. Assim, estas pessoas recriam um território por meio de suas instituições, a partir dos “padrões organizacionais e valores de suas comunidades de origem” (RATTNER, 1977, p. 77). Ainda de acordo com Rattner (1977, p. 79):

Devemos entender a emergência e o desenvolvimento histórico das diferentes instituições comunitárias como uma resposta às necessidades de um grupo, procurando assegurar sua existência e sobrevivência, num ambiente nem sempre tão aberto e acolhedor como o é a sociedade brasileira. As variações na estrutura e dinâmica das diferentes organizações comunitárias seriam, portanto, expressões diferentes de uma mesma vontade de sobrevivência, como judeus, adaptada às circunstâncias específicas de cada país e de cada sociedade adotivos. Mudando-se o contexto social e cultural mais amplo, sofrem também transformações, em seus aspectos mais formais e na dinâmica de seu funcionamento, as diferentes organizações comunitárias da coletividade judaica.

Consoante à Rattner, apontamos que a criação de formas organizacionais como as associações de beneficência e assistência social deve ser compreendida à luz de diversos fatores, como as necessidades cotidianas do grupo no novo território, além de possíveis motivações religiosas. Tais questões perpassarão este trabalho, a partir das trajetórias da Sociedade das Damas e da OFIDAS.

## 1.1) Os primeiros anos da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas (1915-30)

*Em 1915 três senhoras se reuniram para o chá das cinco e descobriram que a mesa tinha lugar para muito mais gente (...).<sup>6</sup>*

A Sociedade Beneficente das Damas Israelitas foi criada em 1915, sendo considerada a primeira organização de auxílio ao imigrante judeu da cidade de São Paulo. Nas fontes consultadas lemos o seguinte trecho em relação à sua fundação:

Um dia, Olga Tabacow, Bertha Klabin e Olga Nebel olharam em volta e não viram nenhum local ou sociedade que prestasse um serviço social eficiente aos pobres. Elas então resolveram transformar as salas de visitas de suas casas em postos de assistência. Ali elas alimentavam, davam roupas, orientação e um pouco mais de esperança à vida de muita gente. Os que precisavam de serviços médicos eram enviados ao Hospital Santa Catarina, onde o Dr. Walter Seng atendia gratuitamente a pedido das três senhoras. Em pouco tempo o movimento começou a crescer e passou a se chamar Damas Israelitas. Alguns anos depois o Círculo Israelita cedeu uma sala em sua sede para as Damas Israelitas. Foi o primeiro reconhecimento ao trabalho delas. Mas, durante mais de 15 anos, quase tudo era realizado apenas pelas três. Elas distribuíam leite, arrumavam sócios contribuintes, faziam sapatinhos de tricô, cobravam mensalidades de porta em porta, pediam emprego para alguém que não sabia fazer nada etc. Só em 1931, 16 anos depois, foi possível formar a primeira diretoria das Damas Israelitas.<sup>7</sup>

Fica explícita a informalidade que regeu os primeiros dezesseis anos de existência da Sociedade das Damas. O trecho acima enfatiza um determinado perfil espontâneo da fundação e do desenvolvimento das atividades, além de reforçar o altruísmo das fundadoras. O fundo documental da Sociedade das Damas é composto somente por um livro de atas, que compreende os anos entre 1931 e 1940 e um livro de presença (incompleto) com as assinaturas das participantes das reuniões da diretoria entre 1931 e 1938. A explicação para tal ausência de registros documentais datados entre 1915 e 1930 muito provavelmente tem lugar nessa informalidade dos primeiros anos de atividades da Sociedade das Damas. O trecho citado acima é de um folheto da OFIDAS, organização

---

<sup>6</sup> CDM, Fundo OFIDAS, Cx. 07. *Divulgação*, FI0008-COM-PB-L4/32, sem data, não paginado.

<sup>7</sup> Idem.

criada em 1940 a partir da fusão entre Sociedade das Damas, Gota de Leite da *B'nai B'rith* e Lar das Crianças.

Ademais, fica evidenciado que a fundação da Sociedade das Damas em 1915 teve como uma de suas razões a própria necessidade daquele cotidiano: quando “olharam em volta e não viram nenhum local ou sociedade que prestasse um serviço social eficiente aos pobres”, evidencia-se que havia uma demanda por assistência aos judeus necessitados já nos primeiros anos do século XX, ligado ao próprio fluxo crescente de entrada de imigrantes judeus em território brasileiro a partir do período republicano (Cf. PÓVOA, 2007, p. 79-81). Ademais, de acordo com Cytrynowicz (2011, p. 23):

Estabelecer uma rede de proteção social para os imigrantes judeus, com a Sociedade das Damas e a Ezra, não era apenas uma questão comunitária. Nos anos 1910 as instituições e políticas públicas sociais eram quase inexistentes no País. Ainda eram os tempos em que “a questão social era um caso de polícia”.

Ainda de acordo com Cytrynowicz (2005, p. 170) “[...] estas instituições ocupavam um espaço não preenchido pelo Estado, que começava a organizar estes serviços, até então dependente de instituições provadas de caridade”. E prossegue:

A implantação do serviço social em São Paulo deu-se com a urbanização e a industrialização, a partir dos anos 1910, antes que se definisse uma legislação trabalhista. Paralelamente à repressão contra os sindicatos livres, a assistência social era executada nos marcos da caridade e do assistencialismo, diante da miséria e das más condições de trabalho, moradia, alimentação e higiene da maioria da população (CYTRYNOWICZ, 2005, p. 170).

A fundação em 1916 da segunda associação judaica de beneficência, denominada Sociedade Beneficente Amigo dos Pobres Ezra, também indica a existência de uma demanda de auxílio a judeus necessitados. A Ezra, entretanto, era uma organização fundada e dirigida por homens, pelos “senhores da comunidade” que, várias vezes, eram aparentados ou mantinham contato institucional com as Damas Israelitas<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> “A Ezra atendia basicamente homens e considerava que ajudando-se o homem estava-se ajudando a resolver a situação da família. Esta ajuda era basicamente financeira e alimentar, fosse ela mensal ou pontual” (CYTRYNOWICZ, 2011, p. 67).

No início da Primeira Guerra Mundial, 1914 e 1915, a população judaica em São Paulo contava de duzentas a trezentas famílias, algumas chegadas uma ou duas décadas antes, mas sem constituir entidades ou uma comunidade. A fundação da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas e da Ezra representam não apenas o início do trabalho organizado de auxílio aos imigrantes, mas definiram o próprio marco zero da formação de uma comunidade judaica organizada em São Paulo, seguindo-se a primeira sinagoga, Kahalat Israel (Comunidade de Israel), fundada em 1912, depois o movimento sionista Ahavat Zion e a sinagoga Knesset Israel (ambos em 1916), e, em seguida, nos anos 20, o Gymnasio Hebraico-Brasileiro Renascença e o Cemitério Israelita da Vila Mariana (CYTRYNOWICZ, 2011, p. 18).

Apesar de o trecho retirado do folheto da OFIDAS não especificar, vamos conferir especialmente no terceiro capítulo desta dissertação que, ao apontar a necessidade de “um serviço social eficiente aos pobres”, tal necessidade referia-se primordialmente ao atendimento a judeus. O atendimento a pessoas de outra religião não era vetado, entretanto, constituía a minoria dos casos pelo menos até os anos 1970, quando a Sociedade das Damas já havia se transformado em OFIDAS.

A existência de associações judaicas voltadas ao amparo de imigrantes e seus descendentes judeus que necessitavam de auxílio financeiro é uma evidência contra a ideia ainda presente no senso comum de que os judeus são sempre pessoas financeiramente bem estabelecidas. Certamente, alguns já migraram com determinado capital financeiro e intelectual, mas a realidade de muitos, ao chegarem no novo território, era de penúria.<sup>9</sup> Importante lembrar que os anos de fundação destas primeiras associações judaicas de beneficência (década de 1910) coincidem com o período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) que assolou o continente europeu, origem de muitos judeus que adentraram no Brasil durante as primeiras décadas do XX<sup>10</sup>. Outrossim, as condições

---

<sup>9</sup> “Mesmo compondo um grupo étnico, não se pode traçar um perfil único e homogeneizador desses imigrantes. As diferenças de cultura e condição social experimentadas na Europa Oriental e Ocidental impõem-lhes características particulares. Deve-se ter em mente, por exemplo, que os judeus oriundos da Europa Ocidental viviam em cidades mais ricas e culturalmente mais fervilhantes do que seus ‘primos mais pobres’ da Europa Oriental. Neste sentido, a tradição diferenciada que cada grupo carregou até as Américas trouxe distintas contribuições para o país de chegada, como também um particular desenho e identidade à comunidade formada” (KUSHNIR, 1996, p. 54).

<sup>10</sup> “As duas primeiras décadas do século foram (...) anos de grandes deslocamentos de imigrantes, seja pelos que buscavam novas oportunidades de uma vida melhor, seja pelos que fugiam do preconceito, da violência e da perseguição. Foi durante e ao final da Primeira Guerra Mundial que começou a chegar em São Paulo um significativo fluxo de imigrantes judeus originários especialmente da Europa Oriental, quando restrições legais à entrada nos Estados Unidos, no Canadá e na Argentina tornaram o Brasil um lugar atraente aos imigrantes” (CYTRYNOWICZ, 2011, p. 18). Consoante à afirmação de Cytrynowicz, Beatriz Kushnir destaca o fechamento dos portos norte-americanos e argentinos como um dos fatores que contribuíram para maior entrada de imigrantes judeus no Brasil: “O Brasil torna-se uma alternativa de chegada a partir das leis restritivas que estabelecem quotas de entrada de imigrantes naqueles países. O

gerais de vida para os judeus do velho continente, mesmo antes das duas guerras mundiais, nunca foram das melhores: restrições de direitos (como ao acesso à terra), pobreza e antissemitismo eram fatores que contribuíram para a imigração judaica (Cf. PÓVOA, 2007, p. 47-55).

O estado de pobreza de muitos judeus também podia contribuir para a entrada em atividades condenadas pela religião e moralidade judaicas, no caso, a prática da prostituição. A fundação de entidades como a Sociedade das Damas também pode ter como uma de suas justificativas tal questão, que causou mal-estar dentro a comunidade judaica em formação na capital paulista durante as duas primeiras décadas do século XX. A existência de prostitutas e rufiões judeus em São Paulo gerou preocupação por parte desse grupo com sua imagem como comunidade, além das implicações religiosas, já que o judaísmo proíbe a prostituição. De acordo com Lesser, havia “um número pequeno mas visível de prostitutas e rufiões judeus na maioria das grandes cidades”, sendo que “A comunidade judaica tomou parte de forma ruidosa no movimento antiprostituição” (LESSER, 1995, p. 71). Ainda de acordo com o historiador,

(...) a imprensa popular e os “intelectuais” anti-semitas, fazendo uso da visão cristã tradicional que encarava o judaísmo como uma religião ritual e não moral, criaram a imagem que associava prostituição e decadência moral com a comunidade judaica imigrante (LESSER, 1995, p. 72).

Assim, acreditamos que a criação da Sociedade das Damas Israelitas, pode estar ligada também a esse contexto de combate à prostituição, à medida que, ao prestar auxílio primordialmente às mulheres, a entidade também contribuía numa espécie de controle das pessoas que podiam se desvirtuar do caminho moral e religiosamente desejado.

A lei judaica proíbe a prostituição e a comunidade judaica brasileira procurou impedi-la de forma vigorosa. Em resposta ao problema da escravidão branca, foram formadas no Brasil sociedades para a proteção de mulheres judias, geralmente com recursos de organizações judaicas europeias. Em 1924 o Brasil mereceu atenção especial e em 1925 a

---

*National Origins Act*, estabelecido pelos EUA em três momentos – 1921, 1924 e 1929 –, criava condições de se restringir a entrada de numerosos contingentes de imigrantes de uma mesma nacionalidade (...). Se nos EUA, certamente, essa preocupação se vinculava às convulsões sociais vividas pelo país, na Argentina, outro porto privilegiado, duas leis também são editadas no fim de 1922, o que diminui a imigração, assim como a especificamente judaica (Lesser, s/d). Os anos 20, com o fim da 1ª Guerra, justificam tal coincidência” (KUSHNIR, 1996, p. 53).



*Jewish Association for the Protection of Girls and Women* (Associação Judaica para a Proteção de Moças e Mulheres) de Londres destacou o Brasil como uma área-problema (...). Os imigrantes judeus no Brasil também assumiram uma posição firme, por razões tanto de ordem moral como de aparência (LESSER, 1995, p. 75-76).

A visita do rabino Isaiah Raffalovich ao Brasil em 1923 é um indício da busca pela estruturação da comunidade judaica no país, objetivando, de acordo com Beatriz Kushnir, “o combate e a repressão ao tráfico de escravas brancas” (KUSHNIR, 1996, p. 56). A existência de uma comunidade judaica bem estruturada – que fornecesse as bases para a vida social e religiosa – e que fosse capaz de amparar os pobres da comunidade que poderiam “desvirtuar-se” da retidão esperada, aparentemente foi uma preocupação central entre os primeiros imigrantes judeus em São Paulo. Tal esforço, contou com apoio de organizações judaicas internacionais como a *Jewish Colonization Association* (JCA) – que organizou as primeiras ondas imigratórias judaicas sistemáticas e organizadas para a América Latina – e a *Jewish Association for the Protection of Girls and Woman* (JAPGW), na especificidade das organizações femininas (KUSHNIR, 1996, p. 56).

Deste modo, é possível inferir que a fundação da Sociedade das Damas faz parte do processo de estabelecimento e estruturação de uma comunidade judaica em São Paulo, bem como da criação de redes de sociabilidade e proteção entre aqueles agentes: a solicitação de serviços ao médico da comunidade, o bater de porta em porta para angariar fundos, a cessão de uma sala em outra organização judaica (o Círculo Israelita), são exemplos de ações que indicam que vínculos comunitários se formavam.

O apoio comunitário que as fundadoras encontraram durante os primeiros anos de existência da Sociedade das Damas foi um dos fatores que estimulou a ampliação de seus serviços. Assim, buscaram formar um quadro de sócias dentro da comunidade. Essas mulheres contabilizavam o dinheiro que recebiam de doações e ajudavam nos casos daqueles que a elas recorriam.<sup>11</sup> Destas primeiras ações, verifica-se um processo constante de complexificação de suas atividades.

## **1.2) As atas da Sociedade das Damas (1931-40)**

---

<sup>11</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Históricos OFIDAS*, FI0008-ADM-B5/1 a /1, 1970-75, p. 01.

A primeira ata da Sociedade das Damas é datada em cinco de outubro de 1931 e já traz o endereço de sua primeira sede própria, situada na Rua 15 de Novembro, no centro de São Paulo. Estabelece que haveria reuniões semanais da diretoria, a serem realizadas todas as segundas-feiras às 15 horas. Estipula também a forma de auxílio que seria oferecida:

(...) resolveu-se que só seriam prestados socorros médicos, hospitalares e remédios, não podendo ministrar ajuda em dinheiro e estas somente serão feitas depois da respectiva sindicância. Também ficou deliberado fazer publicações na imprensa sobre o endereço official da sociedade, para onde deverão ser encaminhados os pedidos de auxilio etc.<sup>12</sup>

No mesmo documento, deliberou-se sobre o expediente da Sociedade e foi proposta a realização de uma festa para angariar fundos. Essa primeira ata, logo, deixa transparecer um caráter inaugural de uma nova fase da Sociedade das Damas, ao formalizar questões basilares da associação de beneficência, como a natureza dos auxílios a serem prestados, sua sede e horário de funcionamento.

As próximas atas, datadas entre outubro e dezembro de 1932, têm como tema principal a organização de uma festa em benefício dos cofres da Sociedade. A festa contou com números musicais e literários, além de jogos e danças. Neste ponto podemos perceber a existência de uma forma específica de sociabilidade daquele grupo, visto que, além da finalidade de arrecadação de fundos, a promoção de atividades festivas era promovida, organizada e voltada para a comunidade judaica –, como deixa transparecer a formação de uma comissão de senhoras judias (não componentes da diretoria) para auxiliar na organização do baile, os convites especiais enviados aos médicos da Sociedade das Damas e a divulgação do evento apenas nos jornais israelitas<sup>13</sup>. Não são feitas menções a um envolvimento de pessoas externas à comunidade em festividades como esta, pelo contrário, aqui o caráter corporativista é que transparece. Ademais, são feitas menções a festivais promovidos por outras organizações judaicas, como da Sociedade Beneficente *Linath Hatzedek* (Policlínica, fundada em 1929).<sup>14</sup>

---

<sup>12</sup> CDM. Fundo Damas Israelitas, Cx. 01, Administração, Livro de Atas I, *Ata da primeira sessão ordinária*, 1931, não paginado.

<sup>13</sup> CDM. Fundo Damas Israelitas, Cx. 01, Administração, Livro de Atas I, *Ata da vigésima primeira sessão ordinária*, 22 nov. 1932, não paginado.

<sup>14</sup> Cf. CDM. Fundo Damas Israelitas, Cx. 01, Administração, Livro de Atas I, 1931-40.

Havia troca de correspondências, convites e recados entre as diretoras da Sociedade das Damas e demais membros da comunidade judaica: são mencionados convites de casamento, recados aos médicos que prestavam serviço à associação, publicações mensais na imprensa israelita dos seus balancetes e pedidos de cooperação com outras organizações. A maioria destas também eram judaicas, como a Agremiação Feminina Nosso Grupo de São Paulo (também de mulheres judias), *Linath Hatzedek* (Policlínica), Associação dos Israelitas Poloneses e Sport Club Israelita, Sociedade Israelita Amigos dos Pobres Ezra, Sociedade Sionista, Sociedade Beneficente das Damas Israelitas do Rio de Janeiro<sup>15</sup>, Agência Israelita Rerem Haissod, Sociedade Macabé, Sociedade Polonesa, União das Instituições Israelitas; além da Maternidade de São Paulo, Hospital Alemão e Sanatório Santa Catarina. Em quatorze de fevereiro de 1933, foi lida uma carta enviada às Damas pela Sociedade *Frauenberatungsstelle*, cujo assunto era o atendimento às parturientes:

(...) a sra. F. Zausner, representando aquella sociedade propôs novamente que as senhoras da Sociedade das Damas Israelitas exigissem antes de fornecer cartões as parturientes, que estas apresentam primeiramente a Soc. Frauenberatungsstelle. Outrossim essa sociedade ficaria incumbida de tratar de receber a dos recém-nascidos de paes pobres, sob a condição de receber a Frauenberatungsstelle ajuda pecuniária da Sociedade das Damas Israelitas.

Ficou deliberado fornecer à Frauenberatungsstelle o subsídio de 100\$000 (cem mil reis) mensais.<sup>16</sup>

A existência de outra sociedade de mulheres judias que também atendia as mulheres grávidas é indicador de um aspecto recorrente na história das organizações judaicas de auxílio fundadas em São Paulo: a existência de várias associações com atividades semelhantes, cujo elemento diferenciador poderia ser somente a região de origem dos fundadores e membros das associações. As chamadas *landsmannschaften*, algo como “organização de compatriotas”, foram fundadas por judeus provenientes da

---

<sup>15</sup> Não encontramos relação direta entre a Sociedade Beneficente das Damas Israelitas de São Paulo e a do Rio de Janeiro. A associação carioca foi fundada oito anos após sua homônima paulistana, da qual pode ter tirado referência para seu nome social. A Sociedade das Damas do Rio de Janeiro existe ainda nos dias atuais e atua principalmente junto a idosos. (FROIEN FARAIN. *Mais de 90 Anos de Trabalho Social*. Disponível em: <<http://www.froienfarain.org.br/quem-somos>> Acesso em: 01 mar. 2018).

<sup>16</sup> CDM. Fundo Damas Israelitas, Cx. 01, Administração, Livro de Atas I, *Ata da vigésima segunda sessão ordinária*, 14 fev. 1933, não paginado.

Europa, os chamados *ashkenazim*<sup>17</sup>, nos diversos territórios para onde imigraram, incluindo a América Latina. No caso paulistano, consideramos a Sociedade das Damas uma *landsmannschaft*, devido ao fato de que as suas fundadoras e diretoras foram primordialmente judias de origem leste europeia<sup>18</sup>.

A existência de diferentes organizações de ajuda fundadas de acordo com a origem de seus membros poderia incorrer na descentralização das atividades de auxílio comunitário, formando assim subgrupos dentro da pequena comunidade judaica em formação e estabelecimento em São Paulo. Uma prova desta questão é a existência da Sociedade das Damas e da mencionada *Frauenberatungsstelle*, entretanto, aparentemente, foi somente a primeira que perdurou: não foram encontradas documentação primária ou pesquisas sobre a segunda. Perante tal diversidade, muitas vezes a via encontrada foi a fusão de organizações pequenas de atividades semelhantes, como foi o caso da Sociedade das Damas, que se uniu à Gota de Leite da *B'nai B'rith* e ao Lar das Crianças em 1940 para dar origem à OFIDAS, centralizando assim as atividades beneficentes referentes ao cuidado com a mulher e com a criança dentro da comunidade judaica.

Outro ponto importante a ser tratado é a formação dos primeiros quadros diretores da Organização. Em dezesseis de maio de 1932, a então presidente Bertha Klabin pediu demissão de seu cargo, interrompendo assim os dezessete anos que esteve à frente da Sociedade das Damas. Anteriormente, em dezembro de 1931, o médico da Sociedade, L. Lorch também pediu desligamento da organização. Esses desligamentos poderiam indicar uma espécie de renovação dos quadros diretores da Sociedade das Damas, mas não foi exatamente isso que aconteceu. Verificamos que durante a existência da Sociedade das Damas e, posteriormente, da OFIDAS, houve recorrência de alguns sobrenomes compondo os quadros diretores. O segundo grupo diretor da Sociedade das Damas, empossado em seis de junho de 1932, também tinha como presidente uma membra da família Klabin: Luba Segall Klabin, casada com Salomon Klabin. Salomon era irmão do marido de Bertha, Maurício Freeman Klabin, fundador da empresa Klabin Irmãos & Cia<sup>19</sup>. Outro sobrenome associado à filantropia – além de Klabin, Segall e Lorch – e que

---

<sup>17</sup> Judeus da Europa central e oriental, muitas vezes falantes do idioma *íídiche*.

<sup>18</sup> Este aspecto será mais detalhadamente abordado no capítulo dois desta dissertação, que tratará sobre quem foram as pessoas que estiveram à frente da Sociedade das Damas e OFIDAS.

<sup>19</sup> “Com os pais de Mauricio também veio [da Lituânia] a noiva dele Bertha Obstand, com a qual contraiu matrimônio em 1895. Bertha Klabin tornou-se depois conhecida como uma das fundadoras da ‘Sociedade

também aparece no segundo quadro diretor da Sociedade das Damas é Mindlin, na pessoa de Fanny Mindlin. Assim, as novas diretoras empossadas em 1932 eram: Luba Klabin (presidente), Fanny Mindlin (vice-presidente), Rosita Gordon (primeira secretária), Riva Berezovsky (segunda secretária), Anna Gorenstein (primeira tesoureira) e Polly Zaslowsky (segunda tesoureira). Na mesma assembleia, a nova diretoria propôs que fosse conferido às fundadoras e antigas diretoras “o título de sócias beneméritas da sociedade pelo extenuante trabalho de mais de 17 annos de continuidade administrativa, o que foi aprovado por aclamação”.<sup>20</sup>

Uma das primeiras medidas da nova diretoria foi convidar novamente L. Lorch para o posto de médico da Sociedade, bem como providenciar mais dois médicos “sendo para um cirurgia geral e outro para clínica geral”<sup>21</sup>. Podemos observar que uma das principais atividades da Sociedade das Damas, durante a década de 1930, continuou sendo o atendimento médico, mais particularmente o auxílio às mulheres grávidas. Provavelmente também ocorreu um aumento da demanda desse serviço: nas atas são feitas menções constantes à falta de leitos para as parturientes nos hospitais aos quais a Sociedade das Damas encaminhava essas mulheres, como a Maternidade de São Paulo e o Instituto Baronesa de Limeira. A volta de L. Lorch para a Sociedade das Damas, pelo menos momentaneamente, resolveu a questão: na assembleia de vinte e sete de junho de 1932, Fanny Mindlin comunicou que “por intermédio do Dr. Lorch foi conseguido que na Maternidade serão acceitas parturientes sob regulamento que será por elles apresentado”.<sup>22</sup>

A resolução dos problemas e a realização das atividades cotidianas da Sociedade das Damas aparentemente teve caráter pessoal durante todo seu período de existência: o intermédio de nomes já influentes na comunidade, como L. Lorch, na questão das vagas disponíveis nas maternidades é um bom exemplo. Outro indicador é que as próprias diretoras é que passaram a realizar visitas às mulheres hospitalizadas, além de ser apontado como “inconveniente” o atendimento às doentes fora da Sede e por pessoas

---

Beneficente das Damas Israelitas (...) como a primeira ativista da Wizo [Women's International Zionist Organization] no Brasil (...)” (FALBEL, 2008, p. 736).

<sup>20</sup> CDM. Fundo Damas Israelitas, Cx. 01, Administração, Livro de Atas I, *Ata da décima terceira sessão ordinária*, 06 jun. 1932, não paginado.

<sup>21</sup> CDM. Fundo Damas Israelitas, Cx. 01, Administração, Livro de Atas I, *Ata da décima quarta sessão ordinária*, 08 jun. 1932, não paginado.

<sup>22</sup> CDM. Fundo Damas Israelitas, Cx. 01, Administração, Livro de Atas I, *Ata da décima sétima sessão ordinária*, 27 jun. 1932, não paginado.

“estranhas à diretoria”<sup>23</sup>. Também em 1932 “Sendo mencionada a necessidade pecuniária em que se encontra pessoa conhecida da directoria, ficou resolvido nomeá-la cobradora da sociedade, em substituição de pessoa até agora incumbida deste serviço”<sup>24</sup>. Em ata de quinze de novembro do mesmo ano, após deliberarem a realização de um baile para angariação de fundos, a presidente Luba Klabin incumbiu-se de “mandar imprimir 1.000 convites na typographia Klabin Irmãos e Cia”<sup>25</sup>. Tais fatores indicam que o cotidiano da Sociedade das Damas era regido na base dos vínculos existentes dentro da comunidade judaica. Não há indícios de profissionais da área de Serviço Social trabalhando na Sociedade das Damas até o final de suas atividades em 1940. Como apontaremos mais detalhadamente no próximo tópico deste trabalho, um dos primeiros cursos de Serviço Social no Brasil foi instituído na PUC-SP no ano de 1936, sendo que, com a criação da OFIDAS nos anos 1940, deu-se início à contratação de profissionais da área para atuar nas organizações judaicas de beneficência.<sup>26</sup>

As únicas referências claras a algum tipo de envolvimento com questões externas à comunidade judaica, estão nas atas de onze de julho de 1932 e num registro não datado no verso de tal ata, onde a questão em debate é a arrecadação de donativos em dinheiro e mantimentos, devido ao “tempo anormal, devido à revolução”<sup>27</sup>. Trata-se da Revolução Constitucionalista de 1932, quando as componentes da diretoria da Sociedade das Damas resolveram dar apoio ao movimento paulista:

(...) Fanny Mindlin faz a proposta que a directoria da sociedade se ponha a disposição do governo de S. Paulo para qualquer auxílio que for necessário, resolve-se enviar uma carta ao Presidente do Estado de S. Paulo, bem como anunciar pelo “O Estado de São Paulo” e “Diário da Noite”, pedindo à colônia israelita que enviem donativos para a sede

---

<sup>23</sup> “A snra. Fanny Mindlin propõe que as doentes fossem visitadas semanalmente por comissão da directoria, sendo acceito a proposta, a sra. Presidente designa para commissão [sic] destasemana a si e a snra. Fanny Mindlin. A presidente levanta a questão sobre a incovenencia [sic] de serem atendidas doentes fora da sede por pessoas estranhas a directoria, depois de discutir este assumpto, ficou deliberado tomar providências a respeito”. (CDM. Fundo Damas Israelitas, Cx. 01, Administração, Livro de Atas I, *Ata da décima oitava sessão ordinária*, 04 jul. 1932, não paginado).

<sup>24</sup> CDM. Fundo Damas Israelitas, Cx. 01, Administração, Livro de Atas I, *Ata da décima quarta sessão ordinária*, 08 jun. 1932, não paginado.

<sup>25</sup> CDM. Fundo Damas Israelitas, Cx. 01, Administração, Livro de Atas I, *Ata da vigésima sessão ordinária*, 15 nov. 1932, não paginado.

<sup>26</sup> Tal mudança de concepção pode ser conferida na própria alteração de nome das organizações aqui trabalhadas: a Sociedade das Damas Israelitas era de *beneficência*, enquanto a sigla OFIDAS faz referência à *assistência social*.

<sup>27</sup> CDM. Fundo Damas Israelitas, Cx. 01, Administração, Livro de Atas I, *Ata da décima nona sessão ordinária*, 11 jul. 1932, não paginado.

das Damas Israelitas, a fim de serem enviados a Cruz Vermelha Brasileira.<sup>28</sup>

No registro do verso da ata, lê-se que foi iniciada a angariação dos donativos em dinheiro e também de objetos para serem doados para a Cruz Vermelha. Paralelamente,

(...) para ajudar os necessitados da Colonia [judaica], cujo estado agravou-se devido ao movimento revolucionário, ficou constituída uma Comissão de Socorro, composta das Diretoras da Sociedade das Damas Israelitas em conjunto com a Sociedade Beneficente “Ezra” e mais senhoras D.D. Maria Bedlovsky, Esther Liber, Luisa Lorch, Mme. Zausner e outras senhoras.<sup>29</sup>

Além disso, instalou-se um posto de distribuição de mantimentos e artigos de primeira necessidade na sede da Ezra, além de serem entregues à Cruz Vermelha objetos diversos e uma quantia em dinheiro. Outra medida que chama atenção, foi a confecção de capuzes para os combatentes pelas próprias membras da Sociedade das Damas.<sup>30</sup>

Em 1935 a Sociedade das Damas mudou-se para a Rua São Bento, também no centro da cidade. Neste ano realizou-se uma festa em comemoração aos vinte anos de funcionamento da associação<sup>31</sup>, contando com a formação de uma comissão organizadora composta exclusivamente por mulheres. Tal ano também foi importante pela decisão de fundar uma creche para atender às crianças judias:

A diretoria da Soc. Bem. Damas Israelitas resolveu unanimemente abrir o livro de Ouro com o donativo de 25:000\$000, ficando todas as directoras incumbidas de angariar donativos para o mesmo fim.

A snra. Presidente congratula-se com as snras. Directoras pela effectivação da ideia que ellas tanto almejavam e faz um apello

---

<sup>28</sup> CDM. Fundo Damas Israelitas, Cx. 01, Administração, Livro de Atas I, *Ata da décima nona sessão ordinária*, 11 jul. 1932, não paginado.

<sup>29</sup> CDM. Fundo Damas Israelitas, Cx. 01, Administração, Livro de Atas I, sem título, sem data, não paginado.

<sup>30</sup> “Por proposta de sra. Fanny Mindlin ficou resolvido fazer capuzes para os soldados, com o dinheiro angariado entre a Colonia Israelita, de cujo feitio encarregou-se a própria Comissão da Soc. Ben. das Damas Israelitas. Foram feitos 942 capuzes que entregaram à Cruz Vermelha Brasileira. Em vista de haver-se acabado o dinheiro para a distribuição de mantimentos a Loja Moses Mendelssohn angariou gentilmente 19:2707000 (Dezenove contos duzentos vinte sete reis). Graças a este gesto poderam continuar a distribuição [sic], concorrendo, assim para minorar o soffrimento de inúmeras famílias, durante longo tempo”. (CDM. Fundo Damas Israelitas, Cx. 01, Administração, Livro de Atas I, sem data, não paginado).

<sup>31</sup> CDM. Fundo Damas Israelitas, Cx. 01, Administração, Livro de Atas I, *Ata da vigésima sétima sessão ordinária*, 04 mai. 1935, não paginado.

vehemente para que todas se interessam e que trabalhem para esta finalidade.<sup>32</sup>

Podemos constatar, deste modo, o crescimento e a ampliação das atividades da Sociedade das Damas. Após vinte anos de existência, possivelmente devido à demanda crescente ligada ao aumento da imigração judaica para o Brasil a partir dos anos 1920, a Sociedade abria uma nova frente de trabalho, provavelmente também para atender às crianças que já haviam nascido em solo brasileiro. Outro indício que aponta em tal direção é o convite feito em junho de 1935 à N. Gantman para compor o quadro diretor, devido à necessidade de “mais gente para attender o serviço”<sup>33</sup> Consideramos tais fatores como uma espécie de consolidação da Sociedade das Damas, consolidação esta ligada ao desenvolvimento da própria comunidade judaica em São Paulo.

A última ata de assembleia ordinária da Sociedade das Damas é datada de vinte e dois de dezembro de 1938, totalizando trinta e uma atas registradas. Ou seja, foram poucas as reuniões que contaram com esse tipo de registro ou simplesmente foram poucas as que chegaram até os dias atuais. A maioria são dos anos de 1931 e 1932, havendo um espaçamento cada vez maior ao longo do livro de atas. O nível de detalhamento destes registros é diminuto, não havendo larga descrição das atividades de beneficência executadas. Algumas vezes, lê-se a frase genérica “foram depois tratados diversos assumptos afim de melhorar os trabalhos da Sociedade”<sup>34</sup>, sem pormenorizar suas ações cotidianas. Pelo visto, eram citados nas reuniões ou registrados em ata apenas os eventos “especiais”, como a organização de festas, o Movimento de 1932, as modificações do quadro diretor, etc. As poucas fontes remanescentes de suas atividades contrastam com a vasta documentação encontrada sobre sua sucessora, a OFIDAS.

O último registro da Sociedade das Damas é a ata da assembleia geral extraordinária de maio de 1940 que deliberou sua fusão com o Lar da Criança Israelita e com a Gota de Leite *B'nai B'rith*. A reunião foi convocada pela presidente Luba Klabin perante petição a ela endereçada por duzentos e noventa associados solicitando a reforma dos Estatutos, medida provavelmente justificada para possibilitar a fusão da Sociedade

---

<sup>32</sup> CDM. Fundo Damas Israelitas, Cx. 01, Administração, Livro de Atas I, *Ata da vigésima oitava sessão ordinária*, 11 nov. 1935, não paginado.

<sup>33</sup> CDM. Fundo Damas Israelitas, Cx. 01, Administração, Livro de Atas I, *Ata da vigésima nona sessão ordinária*, 10 jun. 1935, não paginado.

<sup>34</sup> CDM. Fundo Damas Israelitas, Cx. 01, Administração, Livro de Atas I, *Ata da trigésima sessão ordinária*, 03 fev. 1936, p. 16.



das Damas com as outras duas organizações judaicas. A assembleia foi realizada na sede do Círculo Israelita e presidida por F. Levisky.<sup>35</sup> Assim, a antiga diretoria renunciou e outra foi eleita para dar continuidade aos trabalhos de auxílio, agora sob novo nome social. Conclui-se então uma mudança, entretanto, com traços de continuidade: as mesmas mulheres que trabalhavam para a antiga Sociedade das Damas foram eleitas para compor a nova organização que atenderia pela sigla OFIDAS. Luba Klabin, antiga presidente da Sociedade das Damas foi eleita para o mesmo cargo na OFIDAS e Mina Gantman, Anna Gorenstein e Fanny Mindlin completaram a diretoria da nova organização.

O processo de transição da Sociedade das Damas para Organização Feminina Israelita de Assistência Social (OFIDAS) foi permeado por mudanças e continuidades. O objetivo da organização continuou sendo principalmente o auxílio às judias e seus filhos necessitados, bem como as mulheres à frente da obra social permanecem sendo as mesmas que dirigiam a antiga Sociedade das Damas. Mas, pela fusão das três entidades confere-se um desejo de centralização e, ao mesmo tempo, ampliação de suas atividades: reuniu-se, sob a mesma denominação, três organizações que se voltavam a um tipo específico de trabalho – o auxílio à mulher e à criança – e, como veremos, foram abertos novos departamentos e frentes de atuação com a formação da OFIDAS. Ademais, essa fusão igualmente está ligada ao empenho na eliminação das duplicidades no atendimento, empenho esse que será contínuo ao longo dos anos entre as entidades judaicas de São Paulo.

Apesar de não termos encontrado documentação primária remanescente das atividades da Gota de Leite e do Lar da Criança Israelita, num livreto sobre o histórico da OFIDAS, encontramos breves menções sobre essas duas organizações:

Ainda nessa época [década de 1930], as Sras. Luiza K. Lorch, Alice Krausz, Anny Zausner, Fanny Mindlin e outras senhoras, cuidavam de bebês recém-nascidos e deram o nome para esse serviço de Gota de Leite da B'NAI B'RITH. Forneciam leite, remédios, enxovais e

---

<sup>35</sup> “(...) o Snr. Presidente explica a situação jurídica decorrente da reforma dos Estatutos, esclarecendo os presentes sobre a possibilidade de se deliberar sobre a fusão já na presente Assembléia; feito isso, é submettida a votação a proposta de se fundir a Sociedade Beneficente das Damas Israelitas com o Lar da Criança Israelita e com a Gotta de Leite B'nai B'rit, proposta que é unanimemente aprovada”. (CDM. Fundo Damas Israelitas, Cx. 01, Administração, *Ata da assembleia geral extraordinária da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas*, FI0006-ADM-A8/2, 21 mai. 1940, não paginado).

contavam com a orientação pediátrica do Dr. Angelo Candia, sempre em estreito contato com as Damas Israelitas.

Essas senhoras e mais Ema Gordon Klabin, Mina Gantman, Polly Zaslowsky, Riva Berezovsky, Dora Deutch, Vera Prouchan e Jenny Zlatopolsky, viram a necessidade de um lar para crianças de 3 a 7 anos semi-internas para que as mães dessas crianças pudessem trabalhar (...). Sua inauguração [do Lar das Crianças] foi a 12 de abril de 1939, sendo a primeira diretoria presidida por D. Luba Klabin, ocupando outros cargos as mesmas senhoras que já trabalhavam na Gota de Leite e na diretoria das Damas Israelitas.<sup>36</sup>

Percebemos novamente que as mulheres ligadas à Sociedade das Damas, Gota de Leite e Lar das Crianças eram as mesmas e que as atividades das três associações eram correlatas. Esses fatores certamente justificaram sua fusão em 1940, afirmando assim o auxílio à criança e à mulher judia como um campo específico na filantropia judaica para essa comunidade.

Outra questão a ser considerada nesse processo de fundação de associações judaicas é que, ao longo dos vinte e cinco anos de existência da Sociedade das Damas, muitas coisas haviam mudado tanto no que tange à percepção dos imigrantes judeus sobre a viabilidade do Brasil como destino definitivo, quanto à própria conjuntura política brasileira e os debates desencadeados em torno da imigração. Para o historiador Jeffrey Lesser (1995, p. 86):

Por volta do início da década de 30, a comunidade judaica brasileira havia mudado significativamente. Enquanto uma década antes os judeus encaravam o Brasil meramente como uma parada intermediária em seu caminho rumo à riqueza em outra parte, agora a remigração era rara. Muitos percebiam que “se não fosse possível, dentro da conjuntura atual, fazer fortuna no Brasil, ainda é mais fácil ganhar a vida aqui do que em qualquer outra parte do mundo” (...). À medida que 1933 ia se aproximando, o “País do Futuro” parecia oferecer uma grande promessa para a comunidade judaica brasileira.

Ao analisar a elaboração de uma *questão judaica* nos debates políticos e intelectuais desde os primeiros anos do período republicano, Lesser aponta que houve um melhoramento da imagem que os imigrantes judeus tinham sobre o Brasil: estes passaram a ver o país como destino viável perante seu desenvolvimento econômico e também pela criação de instituições judaicas (como as de beneficência) em solo brasileiro, que forjavam as bases da vivência comunitária. Entretanto, ao longo dos anos 1930, o

---

<sup>36</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Históricos OFIDAS*, FI0008-ADM-B5/1, 1970-75, p. 02.

nacionalismo e o antissemitismo tornaram-se cada vez mais presentes na retórica política e intelectual brasileira, fortemente influenciada pelo “pensamento científico europeu racista” (LESSER, 1995, p. 33), inflamando assim o debate em torno dos imigrantes “indesejáveis” (não-brancos e não-cristãos) e dos refugiados do nazismo. Lesser aponta que “O advento do Estado Novo deixou os judeus no Brasil em posição precária” (LESSER, 1995, p. 180): discussões sobre uma política antijudaica abrangente, notícias sobre deportações planejadas, emissões de circulares<sup>37</sup> e leis restritivas à entrada e permanência de estrangeiros no país e a proibição do sionismo, por exemplo, eram elementos do programa de nacionalização estado-novista implementado no país a partir de 1937.<sup>38</sup> Entretanto, de acordo com Maria Luiza Tucci Carneiro (1994, p. 162, grifo do autor):

Este estado de alerta – traduzido pela política de nacionalização e pela aplicação de uma política anti-semita – ocasionou atitudes de resistência. É comum, nos momentos de *aceleração da história*, o apego ao passado, à língua materna e às tradições religiosas como forma de resistência e de preservação da identidade cultural; mesmo quando o grupo étnico já se adaptou à realidade brasileira e seus representantes já se encontram na segunda ou terceira geração. Muitos dos “poloneses”, “alemães” e “italianos”, atingidos pela política de nacionalização adotada por Vargas, já eram brasileiros natos. No entanto, carregavam o estigma de serem *filhos de imigrantes e/ou neto de judeu*.

Assim, podemos entender as associações de auxílio aos imigrantes judeus e seus descendentes também como espaços de resistência frente às ameaças do Estado Novo: a existência de lugares comunitários e a formação de redes de apoio dentro da comunidade

---

<sup>37</sup> Como a famosa Circular Secreta nº1127, de 7 de junho de 1937: “A circular nasceu de um acordo realizado entre o Ministério das Relações Exteriores e o do Trabalho, Comércio e Indústria, sancionado pelo Presidente da República. O Itamaraty considerou adequado dirigir-se ao Presidente a fim de adotar medidas contrárias ao espírito e letra da Constituição. A circular secreta nº 1127 era precisamente o documento que os cônsules na Europa Central e Oriental estavam à espera durante anos. Eles estavam à espera de um ato oficial que viesse legitimar suas motivações e vontades. Na prática, a circular nº 1127 outorgou aos cônsules a responsabilidade exclusiva na seleção dos candidatos. Os judeus da Europa Oriental continuaram recebendo ‘cartas de chamada’ de seus parentes no Brasil, no entanto os cônsules ficaram autorizados a ignorá-las e também a negar vistos enviados legal e oficialmente do Brasil” (CARNEIRO, 2007, p. 389).

<sup>38</sup> Para Giralda Seyferth, “A partir da década de 30, diversos recursos de retórica são utilizados para diluir o discurso racial, mas as práticas voltadas para a imigração e os imigrantes mostram a persistência do mito e a preocupação com a homogeneidade nacional – cultural e racial. Daí a ênfase na necessidade de assimilação e caldeamento que redundou na campanha de nacionalização implantada após 1937” (SEYFERTH, 1999, p. 212).

certamente contribuíram para a permanência e melhores condições de vida destes sujeitos num momento em que não tinham direitos totalmente assegurados pelo Estado.

É necessário apontar que o surgimento da OFIDAS em 1940 provavelmente também encontra justificativa no outro “tipo” de judeu que começou a adentrar no país: o *refugiado*, que, na maioria das vezes, desembarcava sem boas condições econômicas e dependia do auxílio de parentes já instalados no Brasil e/ou das associações judaicas de beneficência, aumentando assim a demanda pelos seus serviços. Ainda de acordo com Lesser, algumas organizações assistenciais judaicas atuavam obtendo vistos para que judeus viessem para o Brasil e que a ajuda aos refugiados era “provavelmente a questão mais crucial naquele momento” (LESSER, 1995, p. 189). Não há indícios de que a Sociedade das Damas e a OFIDAS tenham prestado esse tipo de serviço, sendo que a Ezra – representante e subvencionada da *Jewish Colonization Association* no Brasil – é que tomou frente na questão.

Assim, acreditamos que a Sociedade das Damas, ao longo de vinte e cinco anos, experimentou um crescimento paulatino, à medida que diferentes fatores contribuíram para a ampliação de suas atividades e para o incremento da demanda pelos seus serviços. Ademais, consideramos esse processo de fundação e desenvolvimento da associação de beneficência como uma via de mão dupla: ela surge basicamente pela necessidade de auxiliar os “pobres da colônia” e, ao mesmo tempo, a fundação de entidades desse caráter é um dos fatores que contribui para o estabelecimento de judeus no país e a formação de uma comunidade.

Deste modo, tentamos levantar algumas hipóteses para a criação da Sociedade das Damas naquele contexto sócio-histórico, além das possíveis explicações religiosas (prática de uma das *mitzvot* e da *tzedaká*) que, apesar de não serem foco neste trabalho, abordaremos no próximo capítulo deste trabalho. Acreditamos que o aumento do fluxo de imigrantes e refugiados judeus para o Brasil foi um dos principais fatores para a existência e ampliação de associações judaicas como esta. Ao mesmo tempo, a fundação de instituições judaicas – como associações de auxílio, sinagogas, escolas, cemitérios – também são elementos de atratividade para judeus imigrantes. Acreditamos que esse processo forja o desenvolvimento e o estabelecimento de uma comunidade judaica na cidade. Logo, vemos um processo ativo destas pessoas que não somente vieram para o Brasil devido às restrições de entrada nos Estados Unidos e Argentina, mas passaram a ver no país um destino viável.

As atividades da Sociedade das Damas Israelitas foram pioneiras no campo da filantropia judaica paulistana. O termo *filantropia* talvez seja um dos que mais corresponda às atividades das Damas, visto que o teor que transparece na documentação remanescente de suas atividades é o do altruísmo, a vontade de doar-se ao outro. O envolvimento e modos de ação das diretoras e associadas é um indício de quanto tais relações estavam permeadas pela pessoalidade. O trabalho da diretoria e demais pessoas envolvidas era voluntário; somente a partir da fundação da OFIDAS é que profissionais passaram a trabalhar na organização formal e remuneradamente.

Finalmente, ressaltamos que os documentos disponíveis sobre a Sociedade das Damas Israelitas certamente não dão conta da totalidade das suas atividades. Entretanto, nos permitem ver algumas características que auxiliam na formação de interpretações sobre como foi o início da primeira sociedade de beneficência fundada por mulheres judias em São Paulo.

### **1.3) Organização Feminina Israelita de Assistência Social (OFIDAS)**

A OFIDAS foi oficialmente fundada em 10 de junho de 1940, em assembleia realizada no Círculo Israelita de São Paulo. Após a leitura dos novos estatutos elaborados pela comissão promotora da fusão, confirmou-se a eleição da seguinte diretoria: Luba Klabin (presidente), Fanny Mindlin (1ª vice-presidente), Vera Prouchan (2ª vice-presidente), Bassia Dreizin (1ª secretária), Emma Klabin (2ª secretária), Jenny Zlatopolsky (1ª tesoureira), Mina Gantman (2ª tesoureira), Luiza Klabin Lorch, Alice Krausz, Polly Zaslowsky e Riva Berezovsky (vogais); Dora Deutch, Anna Gorenstein e Malvina Teperman (conselho fiscal).<sup>39</sup> Ou seja, toda a diretoria era composta por mulheres que, pelos sobrenomes, inferimos que tinham ascendência judaica. Dentre elas, várias já haviam trabalhado para a antiga Sociedade das Damas (Luba Klabin, Mina Gantman, Anna Gorenstein, Fanny Mindlin, Polly Zaslowsky e Riva Berezovsky).

Quanto à manutenção, a Organização angariava fundos por meio das mensalidades dos sócios, donativos, cartão de ouro<sup>40</sup>, patrocínatos, sócios beneméritos,

---

<sup>39</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Ata de fundação*, FI0008-ADM-A8/1, 1940, p. 01-03.

<sup>40</sup> “Cartão de Ouro: sempre que você tiver um momento feliz para comemorar, como Bar-Mitzva, casamento, bodas de ouro, de prata ou uma inauguração, não custa nada dividir um pouco desta felicidade

reembolsos, caixinhas, realizações, subvenções, alugueis de imóveis, aluguel de salão e bazares relâmpago<sup>41</sup>. Também contava com trabalho de voluntários nos departamentos, incluindo toda a diretoria.<sup>42</sup>

Em estatuto registrou-se que a OFIDAS tinha como objetivo prestar assistência moral e material à mulher e à criança, devendo a totalidade de sua renda à filantropia e à conservação de seu patrimônio, estabelecendo a não remuneração de seus administradores. Do mesmo modo, estabeleceu-se que os sócios da OFIDAS poderiam ser de ambos os sexos e seriam classificados nas seguintes categorias: fundadores, efetivos, beneméritos e honorários. Entretanto, a diretoria e o conselho fiscal só podiam ser compostos por pessoas do sexo feminino. A mensalidade mínima com a qual cada sócio contribuiria seria estipulada a cada ano pela diretoria. Havia ainda comissões permanentes e provisórias, nomeadas pela diretoria, e que podiam ser compostas por mulheres e homens, sendo elas: Comissão do Lar, Comissão de Colaboradores e Comissão de Senhores. Ademais, o estatuto indica como sede da OFIDAS um endereço diferente em relação à antiga Sociedade das Damas: do centro de São Paulo, a associação mudou-se para o bairro Bom Retiro.<sup>43</sup>

Assim, conferimos algumas continuidades e rupturas entre a Sociedade das Damas e OFIDAS. O foco continuou sendo os cuidados com a mulher e a criança, solidificando assim um âmbito de atuação específico, diferenciando-se de outras organizações judaicas de auxílio ao imigrante e seus descendentes. Algumas mulheres continuaram dirigindo a associação, indicando a consolidação de determinados sobrenomes no campo da filantropia judaica em São Paulo. Assim como na Sociedade das Damas, a diretoria e, agora, o conselho fiscal, eram compostos somente por mulheres, garantindo a elas um lugar de protagonismo, em meio àquele contexto sócio-histórico ainda marcadamente machista e excludente. A participação masculina não era vetada, mas restrita à condição de sócios ou de participantes de conselhos específicos.

No que tange às rupturas, a própria mudança física da sede da Organização foi um traço importante em sua história. A sede das Damas, então situada no Triângulo Histórico

---

com um pobre, fazendo um donativo. Em troca, a Ofidas envia um Cartão de Ouro para você”. (CDM. Fundo OFIDAS, Divulgação, Cx. 07, sem título, FI0008-COM.PB-L4/32, sem data, não paginado).

<sup>41</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Programa*, FI0008-ADM-P14/1, sem data, p. 02.

<sup>42</sup> Idem, p. 01.

<sup>43</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Estatutos*, FI0008-ADM-E6/1 e E6/2, sem data, não paginado.

da cidade, era razoavelmente distante do local onde os judeus, por um longo período, instalaram-se na capital paulista: o Bom Retiro, que, por variados motivos, foi o ponto central da vida judaica durante décadas (pelo menos até os anos 1970). Como veremos no terceiro capítulo deste trabalho, de acordo com as fontes referentes aos atendidos pela OFIDAS, estes residiam em sua grande maioria no Bom Retiro. O estabelecimento de organizações judaicas no bairro aponta a formatação do local como uma espécie de lembrança do velho *shtetl*.<sup>44</sup> Entretanto, uma das principais diferenças que conferimos entre a antiga Sociedade das Damas e a OFIDAS, foi a criação de departamentos específicos para cada frente de trabalho. Acreditamos que esse fator está ligado à introdução do conceito de *serviço social* na obra e à chegada no país dos refugiados da Segunda Guerra.

#### **1.4) Reconfigurações: Departamentos, Serviço Social e Federação Israelita do Estado de São Paulo (FISESP)**

A fundação da OFIDAS em 1940 significou a organização das atividades por diversos departamentos, estabelecendo diferentes frentes de trabalho. Em documento atribuído à R. Bacaleinick, ex-diretora da Organização, lemos que com a fusão das três entidades e criação da OFIDAS é que “houve uma estrutura definida de trabalho. Assim é que estatutariamente a finalidade da OFIDAS passou a ser o amparo à mulher e à criança. Nessas condições os departamentos da Organização foram se definindo nessa linha”<sup>45</sup>. Ademais, o termo *serviço social* passou a ser utilizado na documentação da Organização: “Na OFIDAS, o Serviço Social é o ponto de partida para o desenvolvimento do trabalho em todos os demais Departamentos”<sup>46</sup>. De acordo com Cytrynowicz (2011, p. 68):

---

<sup>44</sup> “Os judeus na Europa, ressalvadas as raras exceções, não eram colonos, lavradores ou camponeses; as cidadezinhas de onde provinham eram, em última análise, pequenos aglomerados urbanos, localizados em meio a áreas rurais, de plantação e pastoreio, às quais os judeus tinham pouco ou nenhum acesso. Em ídiche, uma variedade de grafias indica ‘cidadezinha’ como *shteitel*, *shtetl*, *schtetl*, *shtetel* e *shteitele*, como aparecem nas recordações e nas canções dos judeus do centro e do leste da Europa” (IGEL, 1997, p. 22).

<sup>45</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Evolução da OFIDAS*, FI0008-ADM-B5/3, sem data, não paginado.

<sup>46</sup> O termo “serviço social” era entendido, de acordo com a documentação da OFIDAS, da seguinte maneira: “Serviço Social é uma técnica ou atividade profissional destinada a ajustar, reajustar ou prevenir desajustamentos individuais ou grupais. É portanto uma atividade que objetiva a promoção do indivíduo. O Serviço Social procura através dos métodos próprios de trabalho, desenvolver no indivíduo as suas

Foi na década de 1930 que ocorreu uma transição no perfil dos que trabalham em assistência social, deixando de ser, em linhas gerais, uma moça da sociedade devotada ao apostolado social para tornar-se um trabalhador especializado. O trabalho de assistência social, naquele período, ainda estava ligado às senhoras beneficentes e à moldura de assistencialismo patrocinado pelo Estado. Em São Paulo, o curso de Serviço Social teve início em 1936 e, no Rio de Janeiro, em 1938, na Escola Técnica de Serviço Social. Em 1940 foi introduzido o curso de Preparação em Trabalho Social na Escola de Enfermagem Ana Nery. Os primeiros cargos para as assistentes sociais em 1934 eram os de fiscais para o trabalho feminino e de menores no Departamento Estadual do Trabalho. Em 1937 começaram a atuar no Juízo de Menores e na Submonitoria de *Play-ground* da Prefeitura de São Paulo. Em 1938 foi criado o Serviço de Proteção aos Migrantes, com vagas para assistentes sociais e, em 1939, o Departamento de Serviço Social do Estado, criado em 1935, abriu vagas para assistentes sociais.

Deste modo, a OFIDAS parece ter estado alinhada à renovação que acontecia no campo do serviço social no Brasil. Com a contratação de assistentes sociais – pelo menos a partir dos anos 1950 – o modelo de auxílio passava da filantropia, num primeiro momento, para a *assistência social*. Posteriormente, o termo *assistência* foi substituído por *serviço*, como deixa entrever a ata de uma assembleia de 1963:

D. Fanny Tabacow Felmanas passou ao segundo ponto da Ordem do Dia, esclarecendo que na concepção moderna usa-se o conceito de SERVIR às pessoas e não ASSISTIR, e por êsse motivo, a Comissão do Departamento de Assistência Social propõe que o Departamento passe a se chamar DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL, nome que foi aceito e aprovado pela Assembleia.<sup>47</sup>

A profissionalização das atividades da Organização visava diminuir a pessoalidade dos atendimentos e fornecer aos assistidos o sigilo e dignidade necessários.<sup>48</sup> De acordo com Therezinha Davidovich, ex-funcionária da OFIDAS, a forma encontrada para garantir a atuação de assistentes sociais na Organização foi a concessão, pela

---

potencialidades a fim de que ele consiga superar suas dificuldades”. (CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Programa*, FI0008-ADM-P14/1, sem data, não paginado).

<sup>47</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, Livro de Atas de Assembleias Gerais, *Ata da Assembleia Geral Extraordinária da Organização Feminina Israelita de Assistência Social*, 04 dez. 1963, p. 47.

<sup>48</sup> “Evidentemente que ao longo de todo o tempo de atividades da Organização, a OFIDAS acumulou experiências de trabalho, não só da coletividade israelita, como também de fora dela. A necessidade de profissionalização, fez com que técnicos fossem sendo contratados em substituição ao trabalho leigo, passando o voluntariado a funcionar como órgão de assessoria nos diferentes departamentos” (CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Parecer*, FI0008-ADM-P3/1, [1962?], não paginado).



Federação Israelita, de bolsas de estudos no curso de Serviço Social da PUC-SP. Em contrapartida, as bolsistas comprometiam-se a prestar serviços à OFIDAS. Davidovich ressalta ainda que isto foi de grande valia visto que, nos anos 1950, outra leva de imigrantes judeus chegaram a São Paulo, provenientes de países como Egito, Polônia e Hungria, incrementando a demanda da OFIDAS (DAVIDOVICH, 2017).<sup>49</sup> Para Cytrynowicz (2005, p. 181):

Entre as décadas de 1950 e 1960, as entidades assistenciais em São Paulo passaram a contar com o trabalho profissional de assistentes sociais, que profissionalizaram e tecnicaram o atendimento. OS conceitos de “serviço social” tornaram-se diretrizes centrais nestas entidades, e também definiram uma crítica ao modelo de caridade, no qual os diretores filantropos recebiam pessoalmente os necessitados.

Assim, a entrada da noção/conceito de serviço social e o aumento da demanda pelos seus serviços, são possíveis justificativas para a consolidação de departamentos específicos dentro da OFIDAS. Outro fator importante foi a eclosão da Segunda Guerra Mundial, evento que mobilizou a comunidade judaica paulistana de diversas maneiras, como a criação de campanhas para auxílio aos judeus da Europa e a organização de uma rede de apoio aos sobreviventes que chegavam à capital paulista. Tal mobilização acabou por colaborar para a fundação da Federação Israelita do Estado de São Paulo, no ano de 1946.<sup>50</sup> A Federação dedicou-se a coordenar os trabalhos das organizações judaicas que prestavam auxílio aos imigrantes e refugiados judeus, criando para isso, vários conselhos, dentre eles, o de Assistência Social:

---

<sup>49</sup> “A Federação [Israelita] também estendeu suas ações, a partir de 1955/1956, num programa de apoio às entidades de assistência social, concedendo bolsa de estudos para alunos da PUC/SP (a primeira e única na metrópole paulistana), no curso de Serviço Social, tendo, como contrapartida, o compromisso desses alunos, de fazer seus estágios regulamentares nas entidades assistenciais da comunidade, que não contavam com esta categoria de profissionais em seus quadros de funcionários” (MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO JUDAICA. *Seminário com debate “Assistência Social em S. Paulo – História e Memória”*, realizado por Therezinha Davidovich em 18 out. 2017. Disponível em: <<http://memij.com.br/images/publicacoes/CICLO-DE-PALESTRAS-MEMORIAL.pdf>> Acesso em: 17 abr. 2019).

<sup>50</sup> “Durante os anos da Segunda Guerra Mundial, inúmeras campanhas foram criadas e desenvolvidas pela comunidade. A mais conhecida foi o Comitê Central Israelita de Socorro às Vítimas da Guerra, vinculada à Cruz Vermelha Brasileira. Outra entidade ativa foi a Sociedade Escudo Vermelho de David. Havia também o Comitê Hebreu-Brasileiro de Socorro às Vítimas da Guerra (fundado pelo Centro Hebreu-Brasileiro), que enviou roupas e outros itens aos refugiados de guerra na Europa. Em 1942 foi iniciada a Campanha Unida (ou Apelo Unido), movimento visando unificar a arrecadação de recursos da comunidade judaica e que acabou levando à criação da própria Federação Israelita em 1946” (CYTRYNOWICZ, 2011, p. 63).

Em 1948 a Federação instalou um Comitê de Emergência de Assistência aos Imigrantes. Um ano depois, em 1949, criou um Conselho de Assistência Social, cujo principal objetivo era prestar auxílio aos imigrantes e coordenar o trabalho das várias entidades judaicas: Ezra, Ofidas, Linath Hatzedek, CIP e Asilo dos Velhos (CYTRYNOWICZ, 2011, p. 73).

Em 1966 fundou-se o Serviço Social Unificado, composto pela OFIDAS, Ezra, CIP, *Mekor Haim*, Sociedade Brasil Bessarábia e Sociedade Cemitério Israelita. O objetivo do Serviço Social Unificado era o “atendimento único, visando evitar a duplicidade de serviço por entidades afins”. Seu trabalho tinha “a mesma orientação técnica” e era executado por assistentes sociais.<sup>51</sup>

A implantação do serviço social, com suas críticas ao modelo de caridade, à sobreposição de funções entre as várias entidades e à falta de sistematização técnica, levaram à criação, na comunidade judaica, do Serviço Social Unificado, em 1966, uma tentativa de estabelecer uma rede assistencial que integrasse as entidades assistenciais e inúmeros serviços assistenciais promovidos por outras entidades, como as sinagogas (CYTRYNOWICZ, 2005, p. 182).

Havia ainda o Serviço Social de Imigrantes que prestava “atendimento ao imigrante refugiado, até 2 anos para a sua adaptação no País”, sendo pertencente a *United Hias Service*<sup>52</sup>. Foi adotado também um procedimento padrão para os atendimentos: entrevista inicial, matrícula, fichários, prontuário, visita domiciliar, encaminhamentos e orientação.<sup>53</sup>

A unificação dos serviços, por meio do Serviço Social Unificado e do Serviço Social de Imigrantes, é um fator que aponta a busca pela racionalização dos serviços de assistência. Como citado, ao longo das primeiras décadas do XX, várias associações judaicas foram fundadas em São Paulo, tendo os mais diversos focos de atuação. Entretanto, muitas delas por vezes atuavam no mesmo campo – como no caso das associações “femininas” –, gerando possíveis duplicidades no atendimento. A necessidade de uma triagem de casos e encaminhamento às devidas organizações e seus departamentos específicos fez-se necessária. A organização da OFIDAS por

---

<sup>51</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Histórico*, FI0008-ADM-B5/1, 1970-75, p. 03.

<sup>52</sup> A *Hebrew Immigrant Aid Society* é uma organização judaica fundada em 1881 e baseada nos Estados Unidos. Foi fundada como reação à perseguição e expulsão dos judeus do Império Czarista.

<sup>53</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Histórico*, FI0008-ADM-B5/1, 1970-75, p. 03.

departamentos também seria um indicador da maior formalização da Organização como um todo, da ampliação de suas atividades e da busca pela racionalização dos serviços.

Apesar da relativa colaboração inicial, a OFIDAS não aderiu à Federação de imediato. Ainda de acordo com Cytrynowicz (2011, p. 74), “O debate no interior da Ofidas sobre filiar-se ou não à Federação e participar da Campanha Unida estendeu-se entre 1946 e 1951, quando se deu a vinculação”. O debate em torno da centralização e coordenação dos trabalhos das organizações judaicas estendeu-se durante todo o período de existência da OFIDAS, tendo por argumento a necessidade de eliminar a duplicidade na prestação dos serviços assistenciais. Um parecer pertencente ao fundo documental da OFIDAS (provavelmente datado de 1962) refere-se à tentativa de coordenação dos trabalhos sociais de auxílio ao imigrante e seus descendentes:

1 - Tudo o que for feito no sentido de se esquematizar o trabalho da comunidade israelita dentro de um sistema, com objetivos centrais, que possibilitem a ação conjunta de todas as Obras, convergindo para esses objetivos, deve ser apoiado. É importante analisar que, se as entidades foram criadas por grupos de boa vontade, desenvolveram-se de acordo com a necessidade de seus assistidos, expandiram-se e alcançaram um ponto que para dar continuidade ao seu trabalho, será preciso ampliar consideravelmente os recursos financeiros para poder estar à altura das necessidades técnicas de recursos humanos e materiais, que permitam o alcance de seus objetivos. Ora essas dificuldades, na maioria das vezes impedem a ação da entidade, porquanto a absorção de novos encargos viria a sufocar o já deficitário orçamento de cada uma. Portanto, na forma proposta, poder-se-á estabelecer um sistema em que as próprias Obras se complementem inclusive no carreamento de recursos para o atendimento das suas necessidades.

2 – Evidentemente, há interdependência das atividades desenvolvidas pelas diferentes entidades. Assim é, que cada uma faz o seu trabalho, amplia seus serviços ou extingue outros, sem a preocupação de consulta ou pesquisa junto a própria comunidade para a qual presta os serviços. Há inclusive o desconhecimento total entre as entidades e dos seus objetivos (...).<sup>54</sup>

Assim, o fator financeiro também era um dos argumentos usados para sustentar a necessidade de maior racionalização dos serviços sociais da coletividade. Aparentemente, a questão da arrecadação e distribuição dos recursos para as diversas entidades judaicas foi um ponto de discussão presente durante os anos de existência da OFIDAS. Tal fator

---

<sup>54</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Parecer*, FI0008-ADM-P3/1, [1962?], não paginado.

certamente contribuiu na criação e apoio à Federação, que também desempenharia papel na arrecadação e distribuição dos recursos da comunidade.

Ainda de acordo com o mesmo parecer, ao olhar o conjunto de entidades judaicas, era possível pensar que uma complementava a outra, havendo determinada interligação entre elas. Entretanto, isso era “apenas uma ótica”, visto que “cada uma desenvolve suas atividades sem a preocupação de atuar dentro de um esquema comunitário, chegando mesmo a bloquear a participação de outras entidades na utilização dos seus recursos”.<sup>55</sup> Consideramos que a fundação de diversas entidades judaicas na cidade ocorreu a partir da considerável imigração judaica para o Brasil no século XX e das necessidades específicas que tal grupo demandava para sua vivência no novo território. A construção de instituições judaicas na cidade tem a ver com o estabelecimento destas pessoas no local, indicando sua existência e modos de vida na paisagem. Entretanto, a fundação de várias organizações de beneficência e assistência social acabou gerando um problema de organização e coordenação de serviços entre elas. Percebemos tudo isto como parte do processo – entremeado de debates e tentativas – de estabelecimento de uma comunidade judaica em São Paulo. O Serviço Social Unificado foi uma das respostas à necessidade de centralizar a prestação de serviços das entidades judaicas que tinham objetivos em comum, contudo encontrou resistências:

Este serviço (...) procura ser o órgão catalizador da problemática da coletividade. Por isso, encontra dificuldade na distribuição dos casos para as diferentes entidades, principalmente pelo fato da aceitação pelas entidades do papel de membros de um todo, cujas finalidades devem se irmanar na concretização do objetivo comum, de solucionar o problema de um ser humano, que se apresenta numa entidade e espera dela a resposta para a sua necessidade.<sup>56</sup>

É possível entrever o forte senso de coletividade e o desejo de unificação de um grupo social que também podia apresentar diversas disparidades entre si. Seja pelo nível socioeconômico, seja pelas diversas origens geográficas, as diferenças podiam ser muitas. Entretanto, foi constante o discurso sobre o coletivo, os objetivos em comum, e a necessidade de compor um todo social. As entidades teriam que “trabalhar no sentido comunitário”, superando possíveis particularismos e interesses conflitantes. O parecer,

---

<sup>55</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Parecer*, FI0008-ADM-P3/1, [1962?], não paginado.

<sup>56</sup> Idem.

que claramente advoga a favor da centralização das obras sociais judaicas, chega a mencionar que “a ação social da comunidade israelita é insuficiente e inadequada”. Tal necessidade de maior organização e racionalização das atividades – e seus recursos – das diversas associações também tinha a ver com sua profissionalização, combatendo a pessoalidade que ainda poderia permanecer:

De nada adianta manter uma entidade, apenas por tradição, por orgulho de seus dirigentes, quando na realidade não existe nem mesmo condições de justificar perante aqueles que a mantem o emprego do capital que lhes foi confiado, que não é de propriedade particular de um grupo de pessoas, mas sim de toda a comunidade.<sup>57</sup>

Perante a quantidade de serviços ofertados pelas diversas associações judaicas, havia a necessidade de estabelecer prioridades:

O estabelecimento de prioridades é absolutamente necessário. Habitação, manutenção, saúde, emprego por exemplo, são metas prioritárias que precisam ser observadas com visão comunitária. Não podem e não devem ser entregues a uma só entidade. Primeiro porque nenhuma teria condições de auto-suficiência para a tender a todos esses problemas. Segundo porque a distribuição de serviços em áreas específicas, viria racionalizar o atendimento, possibilitar o estudo mais profundo e a sistemática revista e aplicada, sempre atualizada à luz das necessidades momentâneas.<sup>58</sup>

A busca pela otimização dos serviços oferecidos e a organização das diversas entidades certamente encontra raízes no aumento do número de indivíduos judeus na cidade e a complexificação das diversas relações sociais e demandas por eles apresentadas. A necessidade de oferecer moradia, emprego, alimentação para tais pessoas também nos remete a outras duas questões: que ainda havia uma carência de recursos significativa entre os indivíduos componentes da comunidade judaica – certamente ligada às levadas imigratórias dos judeus europeus pós-segunda guerra, dos judeus *sefaradim* e orientais<sup>59</sup> – e que a prestação de tais auxílios também contribuía para a imagem geral da

---

<sup>57</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Parecer*, FI0008-ADM-P3/1, [1962?], não paginado.

<sup>58</sup> *Idem*.

<sup>59</sup> “Os imigrantes judeu-orientais diferenciam-se dos sefaradis em muitos aspectos. Esses imigrantes, falando árabe, enfrentaram dificuldades de relacionamento com os naturais, retardando a acomodação em terras brasileiras. Como os imigrantes asquenazis, os judeus-orientais reforçaram valores e a cultura de origem nas cidades onde se fixaram” (MIZRAHI, 2003, p. 73).

comunidade judaica na cidade. O constante reforço na ideia de coletividade com objetivos em comum deixa entrever a preocupação com uma pretensa unidade comunitária que ajudava seus semelhantes, contribuindo para seu bem-estar social. O reconhecimento de seus esforços pela comunidade judaica e pela sociedade em geral também era uma preocupação:

Qualquer entidade ao realizar uma atividade, espera da comunidade o apoio necessário, a compreensão não só da comunidade israelita, como também das autoridades, do poder público e no fundo, o reconhecimento pelo esforço que desenvolveu. Mas isso nem sempre ocorre. Sabemos que muitas entidades são procuradas por organismos alheios à comunidade israelita, reconhecendo-lhes o valor do serviço prestado, tentando aproximação através de contatos entre seus técnicos e até mesmo propostas de convênios, quando dentro da comunidade são esquecidas e ignoradas.<sup>60</sup>

Fica clara a intenção de encarar tais entidades como algo de responsabilidade de todos os membros da comunidade judaica. Responsabilidade que vinha com o *status* de poder se dizer participante de organizações que desfrutavam de “condição de nível cultural diferenciado”: “Inexiste o índice de analfabetismo em nosso meio”.<sup>61</sup> O ser humano tem a necessidade de pertencer a algo maior, que vá além de sua individualidade. Para o caso judaico, o sentimento de pertencimento também é fundamental, sobretudo ao considerarmos que, historicamente, os judeus foram excluídos e marcados pela pecha do não pertencimento. A noção de pertencimento – dada pela religião ou pela participação em organizações comunitárias – também pode ser considerada como fator de coesão grupal.

Assim, a OFIDAS fez parte da discussão sobre a integração e diálogo entre as diversas entidades judaicas da época, colocando-se disposta a integrar um plano conjunto de ação social comunitária. Entretanto, tal tentativa de articulação social entre as entidades judaicas nem sempre conseguia ressoar ao nível dos indivíduos que colaboravam com as obras sociais da comunidade. Para desenvolvimento de novos planos de ação, a questão dos recursos financeiros era central e “A ampliação do quadro social [era] difícil”:

---

<sup>60</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Parecer*, FI0008-ADM-P3/1, [1962?], não paginado.

<sup>61</sup> *Idem*.

A partir da falta de conhecimento dos serviços prestados pela Organização por parte da população israelita, observa-se o desinteresse do contribuinte em acompanhar o desenvolvimento das atividades e das necessidades da Obra. Assim é, que o aumento da contribuição mensal, implica em evasão de sócios, dificuldades administrativas, cancelamento de fichas, recibos etc.

A promoção de atividades beneficentes tais como bazares, jantares, “avant-premieres” [sic] e outras constituem dificuldade, visto todas as entidades assistenciais necessitarem de lançar mão dos mesmos recursos. Vem então o fantasma da venda de ingressos ou convites, sobrecarregando pessoas físicas e jurídicas da coletividade israelita que são bombardeados com a falta de recursos financeiros das várias Organizações.<sup>62</sup>

Podemos observar que, paralelo à fundação e crescimento de diversas organizações judaicas na cidade, houve dificuldades para sua manutenção, ou seja, o engajamento e vinculação entre as obras da comunidade e seus membros não foi total, gerando problemas na sustentação das diversas atividades de assistência social.<sup>63</sup> Neste cenário, os “donativos espontâneos” foram em grande parte responsáveis no equilíbrio das contas e as subvenções públicas cooperavam com pequena parcela do orçamento. Assim, muitas vezes a Organização trabalhava em situação de *déficit* orçamentário.<sup>64</sup>

A saída para tal situação seria, como foi proposto, o trabalho conjunto entre as diversas entidades, coordenado pela Federação e sem perda da autonomia das obras. A OFIDAS chegou a elencar as atribuições que esperava que a Federação realizasse, entre elas: a coordenação de todo o trabalho social das entidades filiadas, impedimento da criação de novas associações ou de novos serviços sem estudo prévio sobre sua necessidade, elaboração dos objetivos centrais da comunidade, divulgação dos trabalhos das entidades dentro e fora da comunidade judaica, promoção do intercâmbio entre a documentação e os profissionais de cada entidade vinculada e estímulo ao aperfeiçoamento do quadro de funcionários das associações. Logo, a Federação teria um papel “norteador do trabalho geral da coletividade”.<sup>65</sup> Aparentemente, o caminho da federalização das diversas entidades judaicas de São Paulo foi triunfante. A atual FISESP conta com mais de cinquenta federados, incluindo a UNIBES<sup>66</sup>, sucessora da OFIDAS

---

<sup>62</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Parecer*, FI0008-ADM-P3/1, [1962?], não paginado.

<sup>63</sup> Entre 1966 e 1969, os sócios contribuintes da OFIDAS estiveram em torno dos 3.200 indivíduos. (CDM, Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Lista*, FI0008-ADM-L3/3, 1966-69, p. 04).

<sup>64</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Parecer*, FI0008-ADM-P3/1, sem data, não paginado.

<sup>65</sup> *Idem*.

<sup>66</sup> FEDERAÇÃO ISRAELITA DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Entidades Filiadas*. Disponível em: <<https://www.fisesp.org.br/entidades-federadas/>> Acesso em: 17 abr. 2018.

quando da sua fusão com a Policlínica *Linath Hatzedek* e Ezra em 1976. Ademais, houve tentativas de intercâmbio empreendidas pelas próprias entidades, como demonstra um Relatório de atividades da gestão de 1966 a 1969:

Nos últimos meses da gestão desta Diretoria concretizou-se, aliás ainda em experiência, um velho ideal do Serviço Social da comunidade, a centralização de todos os casos do Serviço Social.

Nas muitas reuniões preliminares para as quais foram convidadas tôdas as instituições que se preocupam com S. Social foram elaboradas as linhas gerais para o funcionamento, sendo que a OFIDAS foi escolhida para o atendimento, fichário central, etc.

De tôdas as instituições até agora somente 4 Organizações – Ezra, OFIDAS, CIP e Mekor Haim aderiram a êste plano e a partir de 1º de abril de 1969 reúnem-se cada 5ª feira na OFIDAS com os representantes de cada uma das 4 Organizações para discutir casos.<sup>67</sup>

Toda essa discussão em torno da articulação entre as obras a necessidade de maior apoio da comunidade como um todo levou a debates entre a diretoria, que buscava compreender o porquê da situação.

### **1.5) Questões políticas e conflitos internos**

Na ata da assembleia geral datada de 1949, após a leitura dos relatórios e contas apresentadas pela diretoria, a presidente da assembleia A. Krausz leu um acréscimo aos relatórios apresentados, que considerava as contas de sua gestão incompletas e também trazia algumas considerações sobre a questão de alguma possível união entre a OFIDAS e outras instituições. Ademais, tal acréscimo pontuava que só era desejável a união com instituições de assistência social local, não havendo vantagens ou interesse em unir-se com instituições de variadas finalidades locais e mundiais e que, ainda:

Os muitos fatos observados provaram que dentro de um grupo de interesses tão diversos, a sociedade de assistência social não pode conservar a integridade de sua tarefa, pois muitas vezes ela fica na obrigação de externar opiniões ou tomar posições sobre assuntos alheios a suas finalidades. Isto é um desenvolvimento logico e natural,

---

<sup>67</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Lista*, FI0008-ADM-L3/3, 1966-69, pg. 2.



pelo qual não cabe culpa a ninguém. Em vez de tratar dos problemas da assistência e do trabalho já exaustivo, a Directoria teria sempre de considerar os mais variados problemas que por cada membro são encarados sob outro ângulo, conforme suas convicções pessoais e políticas. A harmonia até agora reinante seria forçosamente destruída e a Ofidas ficaria privada de que nós consideramos como essencial e extremamente precioso: a sua base completamente neutra e apolítica [grifo da fonte] que permite a colaboração de todas as pessoas de boa vontade, independente de suas eventuais convicções políticas e outras, as quais podem ser difundidas em outros setores que não dizem respeito à assistência social.<sup>68</sup>

Fica clara a preocupação por parte das sócias da OFIDAS em distanciar-se de qualquer debate ou posicionamento político que poderia estar ocorrendo externa e/ou internamente, estabelecendo que o campo da assistência social deveria ser neutro. Foi repudiada a associação da OFIDAS com outras organizações judaicas cujas atividades políticas e vieses ideológicos pudessem desempenhar papel central, ou seja, a almejada união entre as associações judaicas deveria ser balizada pelas finalidades de cada uma. Logo, para aquelas mulheres, qualquer posicionamento político poderia prejudicar as atividades da Organização. O documento ainda continua:

Podem crêr, minhas amigas, que não foi fácil conservar a “Ofidas” neste plano neutro e a nossa posição não foi tomada levianamente, mas foi o resultado de aprofundando exame da questão. Em nossa recusa de unirmos a outros grupos, de finalidades diferentes, nunca foi [?] motivo pessoal, nem julgamo-nos superior a outras, nem fomos anti-sionistas ou sionistas, porque nenhum ponto de vista nos cabe neste plano, pois somos exclusivamente uma sociedade de assistência social local. O que houve foi a compreensão bem clara e nítida da nossa tarefa e das nossas falhas e estamos convencidas de temos escolhido o caminho que mais garantia oferece para a continuação de um trabalho independente e cada vez melhor, em benefício da mulher e da criança necessitada.<sup>69</sup>

Provavelmente a recusa em questão se refere à filiação à recém instituída Federação Israelita, que à época, era associada aos sionistas. O debate em torno do sionismo estava em plena efervescência com o fim da Segunda Guerra:

A movimentação foi intensa na comunidade judaica após a Segunda Guerra Mundial, com a chegada de imigrantes e o ativismo sionista (...).

---

<sup>68</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Livro de Atas de Assembleias Gerais*, 15 set. 1949, p. 15v.

<sup>69</sup> Idem, p. 15v.-16.

A Organização Sionista do Brasil começou a funcionar em agosto de 1945, depois seria a vez da organização Sionista Unificada e, depois, a Organização dos Sionistas Revisionistas Unidos do Brasil, refletindo as diversas posições ideológicas no interior do movimento pró-estabelecimento do Estado judeu em Israel (CYTRYNOWICZ, 2011, p. 73).

Contudo, o discurso da OFIDAS também encontrava respaldo no desejo de afirmar-se como instituição local, ou seja, brasileira, desvinculada do recém-criado Estado de Israel:

Ainda vibra o entusiasmo e a emoção causados pela criação do Estado de Israel e é compreensível que o estabelecimento de um *modus vivendi* entre Israel e os judeus cidadãos de outras nações, seja prematuro e portanto a situação ainda um pouco confusa. Mas estamos observando que sempre mais tende a generalizar-se o ponto de vista que deve ser feita uma distinção entre Israel que é uma nação, com seus cidadãos, Israeli, abrangendo pessoas de todas as religiões e Judaísmo e Judeus que se referem a uma religião histórica e às pessoas que a professam e que são cidadãos dos países onde nasceram ou cuja cidadania adotaram. Acreditamos que a adoção deste ponto de vista fará desaparecer a confusão, delimitando com clareza a posição dos indivíduos e das sociedades que poderão seguir em harmonia seu rumo, umas em benefício da assistência local, outras em favor do reestabelecimento de Israel, orgulhando-se mutuamente pelos progressos que farão e que visam o mesmo ideal: contribuir para que a humanidade se torne mais feliz.<sup>70</sup>

Assim, podemos verificar a preocupação da OFIDAS em afirmar seu campo de atuação separado de possíveis ações de apoio a Israel, relegando tal papel a outras instituições. Afirmaram-se como *Israeli* – ou israelitas – mas não israelenses. Entretanto, não descartamos a ideia de que os membros da OFIDAS poderiam ter as mais diversas posições políticas particulares.

O debate sobre as dificuldades enfrentadas para a manutenção da OFIDAS e o tema da criação do Estado de Israel teve continuidade ao longo dos anos, como demonstra a ata de uma assembleia extraordinária de agosto de 1951. A eleição de uma nova diretoria ocorreria apenas um ano depois, em 1952, entretanto, tal assembleia foi convocada para eleger uma nova diretoria e um novo conselho fiscal, devido aos conflitos entre a gestão que havia tomado posse em 1949. Uma das sócias da OFIDAS, A. Lifschitz, fez um

---

<sup>70</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Livro de Atas de Assembleias Gerais*, 15 set. 1949, p. 16.

discurso em nome da diretoria, onde pontuava que há muito tempo havia necessidade de uma reorganização dos quadros da diretoria e demais colaboradoras da Organização e que “essa necessidade traduzia-se claramente na falta de interesse que a coletividade demonstrava para com qualquer iniciativa da Ofidas, embora ninguém nunca negasse o valor dos serviços por ela prestados (...)”<sup>71</sup>. Lifschitz continuou:

Verificando esse fato como patente e inegável, parte da diretoria, após acuradas pesquisas, atribuiu a culpa desse estado de cousas que prejudicava a Ofidas, impedindo seu natural desenvolvimento, a própria Diretoria em si, que, ou devia mudar seu modo de agir ou então devia deixar o mandato. As outras diretoras porém, e essas em maior número, só conseguiram por a culpa na própria coletividade, que, ao que diziam não se interessava pelas instituições locais, só apoiando iniciativas pró Israel. Não levavam elas em conta porém que o assunto Israel, é relativamente recente, ao passo que a indiferença para com a Ofidas vem de data bem mais longínqua...<sup>72</sup>

Assim, de acordo com o documento em questão, um pequeno grupo de mulheres que discordava dessa visão da diretoria procurou remediar a situação, buscando formas de angariar mais fundos à OFIDAS junto à comunidade judaica. Elas acreditavam que a OFIDAS se encontrava à margem da coletividade, quando “pelo seu merecimento devia ocupar um lugar central e em evidência”. A estratégia para chamar a atenção da comunidade para a OFIDAS foi publicar periodicamente nos três jornais *íddiche*<sup>73</sup> e, não sendo isso suficiente, “apelaram pelo auxílio de colaboradoras com mais contato e maior prestígio dentro da coletividade”. Tal apelo foi bem-sucedido, resultando em doações materiais e conselhos e sugestões para administrar de forma mais eficiente os trabalhos da Organização. Deste modo, perceberam que “o erro” estava na atuação da diretoria, e não na falta de apoio da coletividade. A diretoria, ainda segundo Lifschitz, se afastou dos trabalhos, prejudicando a Organização em suas tarefas internas. O auge da tensão foi quando a diretoria acabou se demitindo coletivamente, deixando a condução dos trabalhos a cargo de somente duas diretoras remanescentes. Deste modo, as eleições foram adiantadas e a missão das novas diretoras incluiria “entrar em contato com figuras de

---

<sup>71</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, Livro de Atas de Assembleias Gerais, *Ata da Assembleia Geral Extraordinária da Organização Feminina Israelita de Assistência Social*, 09 ago. 1951, p. 23.

<sup>72</sup> Idem.

<sup>73</sup> Idioma falado por judeus da Europa central e oriental.

destaque na coletividade, despertando seu interesse para os trabalhos que a Ofidas vem executando em prol da parte menos favorecida da coletividade”.<sup>74</sup>

Foi apresentada uma nova chapa para a aprovação da assembleia, entretanto, um sócio da OFIDAS, L. Hein, contestou sua composição. Hein alegou que não tinha nada contra as mulheres que a compunham, mas achava que era:

um grande êrro não permitirem a colaboração de elementos do setor da língua alemã, que como é do conhecimento de todos, não só representam uma grande força na nossa coletividade do ponto de vista social, como também financeiro, considerando-se ainda que sempre participaram ativamente dos trabalhos da Ofidas.

Disse que tudo isso é o produto de uma vingança pessoal da Sra. A. Lifschitz que provavelmente custará muito caro à Ofidas, pois pode se prever facilmente uma bancarrota da mesma, devendo-se por a mesma na conta de dona A. Lifschitz.<sup>75</sup>

Ficam claras as discordâncias em torno da condução da Organização e, no caso do protesto de L. Hein, somos levados a levantar novamente a questão das *landsmannschaften*. As várias associações judaicas fundadas em São Paulo tinham como uma de suas bases a questão das origens geográficas de seus fundadores, havendo a tendência de cada grupo judaico fundar suas instituições separadamente. Um bom exemplo são as várias sinagogas fundadas por judeus poloneses, alemães, orientais, etc. Obviamente essa divisão não era tão hermética, havendo intercâmbio entre os diferentes grupos; como os judeus egípcios que, ao chegarem principalmente durante os anos 1950, frequentaram as sinagogas já existentes na cidade até terem condições de fundar as suas próprias.<sup>76</sup> Outro exemplo foi a Congregação Israelita Paulista (CIP), fundada por judeus alemães. A OFIDAS, entretanto, foi uma das entidades pioneiras, sendo fundada pelas mulheres das famílias mais antigas da cidade provenientes principalmente do leste

---

<sup>74</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, Livro de Atas de Assembleias Gerais, *Ata da Assembleia Geral Extraordinária da Organização Feminina Israelita de Assistência Social*, 09 ago. 1951, pg. 23v-24.

<sup>75</sup> Idem, p. 24v-25.

<sup>76</sup> “Já os que falavam ladino, em sua maioria *ismirlis* (de Esmirna), organizaram em 1929 a Comunidade Israelita Sefaradi de São Paulo, que receberá vários nomes, dentre eles, se chamará Sinagoga Israelita do Rito Português, na década de 1940. Ela será conhecida como a sinagoga da Abolição, nome da rua onde esteve localizada até ser demolida, em 2005. Já que se esvaziara, com a mudança de seus membros para outros bairros de São Paulo, esta comunidade foi historicamente uma anfitriã para judeus que chegaram depois deles, muitas vezes em situações difíceis. Recebeu os alemães e italianos que fugiam dos regimes nazi-fascistas e, mais tarde, os egípcios e sírio-libaneses, que também iriam construir as suas sinagogas”. (MORASHÁ, *Os Judeus de São Paulo*. Disponível em: <<http://www.morasha.com.br/brasil/os-judeus-de-sao-paulo.html>> Acesso em: 25 mar. 2019).

europeu. Os diferentes ritos, idiomas, costumes e tradições eram fatores que diferenciavam e conferiam características múltiplas aos judeus que aqui chegaram.

A origem histórica da organização comunitária paulistana, imigrantes, aqui chegados nos primeiros anos deste século [leia-se século XX], e que visavam a continuar a tradição e os costumes do *Stetl*. Reunindo imigrantes da mesma origem geográfica (da Bessarábia, Polônia, Rússia), construindo cada grupo sua sinagoga, sua escola e, em conjunto, liderados pelos grupos mais ativos, fundando instituições de assistência aos imigrantes recém-chegados, aos doentes ou necessitados de um empréstimo para iniciar atividades econômicas, foram lançadas as bases de uma futura organização comunitária mais ampla (RATTNER, 1977, p. 80).

A fala de L. Hein explicita a existência de um setor alemão e um setor do leste europeu/*iidichista*<sup>77</sup> que, embora convivessem ao participar da OFIDAS, teve tensões a partir do não reconhecimento da importância do outro. Assim, sublinhamos que a comunidade *ashkenazi* – judeus da Europa central e oriental – também era internamente diversa, podendo haver divergências no que tange à organização comunitária. Os judeus alemães passaram a chegar a São Paulo com maior intensidade a partir da década de 1930 e, de modo geral, nos anos 1950 já desfrutavam de boa posição socioeconômica, tendo influência social e força de patrocínio nas obras da comunidade. O discurso de L. Hein revela a busca pelo reconhecimento e prestígio dentro da comunidade e nos mostra que haviam tensões na administração destas associações.

É inconfundível, todavia, a profunda influência exercida pelos imigrantes judeus, vindos da Alemanha, Áustria e outros países da Europa Central, com seu notável senso de organização e disciplina comunitárias; suas tendências mais liberais no que se refere à prática do culto religioso, o que permitiu uma série de inovações e adaptações do rito e dos livros de orações, adequando-os às necessidades e exigências da vida moderna; a introdução do ensino religioso judaico, como complemento à instrução geral ministrada em escolas leigas, públicas ou privadas e, sobretudo, a criação e manutenção de diversos movimentos juvenis, de tipo escoteiro, reconhecendo neles fonte importante de identificação e solidariedade grupais. Ademais, a contribuição dos judeus centro-europeus fez-se sentir também, nas atividades econômicas da sociedade paulista, onde muitos fundaram indústrias e empreendimentos comerciais, neles implicando seus conhecimentos e experiências profissionais, bem como princípios organizacionais e administrativos consoantes com os padrões

---

<sup>77</sup> Falante do *íidiche*.

adquiridos, durante séculos, nos países de origem (RATTNER, 1977, p. 77).

Sobre essa tensão que aparece na documentação, lembremos que os primeiros imigrantes judeus a chegarem a São Paulo no início do século XX eram, em sua maioria, oriundos da Europa oriental e falantes do *ídiche*. Esta parte do grupo *ashkenazi* se estabeleceu principalmente no bairro do Bom Retiro e compôs a maioria numérica da diversa comunidade judaica paulistana. Ao tratar sobre o estabelecimento de organizações comunitárias judaicas, Rattner afirma que “É essencial para a compreensão dos padrões de ajustamento na sociedade brasileira, bem como da persistência de normas e valores tradicionais judaicos, conhecer as origens sociais e culturais da maioria dos imigrantes judeus [ou seja, os *ashkenazim*]” (RATTNER, 1977, p. 78). Ainda de acordo com Rattner (1977, p. 79):

Para os judeus da Europa Oriental, procedentes do *Stetl*, a emigração não era apenas um deslocamento no espaço geográfico, mas antes uma penetração num novo universo social e econômico. Acostumados a viver em comunidades fechadas, experimentaram pela primeira vez, oportunidades e possibilidades de progresso e ascensão social numa sociedade aberta, organizada de acordo com critérios universalistas. Em consequência, à medida que eles se integraram nos padrões da sociedade adotiva e os absorveram, mudaram também a fisionomia e a estrutura organizacional, bem como os processos de recrutamento e seleção das lideranças das diferentes entidades religiosas, educacionais e culturais da comunidade.

Apesar da discordância, a chapa proposta consegue se eleger por setenta e sete votos a favor contra catorze em branco. Contudo, após a contagem dos votos, S. Frank explicou que os catorze votos representavam o protesto das pessoas que achavam que a OFIDAS pertencia “a toda coletividade e não apenas a um só grupo”<sup>78</sup>.

Ademais, as dificuldades financeiras continuaram. Segundo um documento de autoria de R. Bacaleinick, ex-presidente da OFIDAS (1971-75), em 1955 a Organização estava prestes a fechar “pois não tinha mais meios de subsistir”<sup>79</sup>. No mesmo ano, F.

---

<sup>78</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, Livro de Atas de Assembleias Gerais, *Ata da Assembleia Geral Extraordinária da Organização Feminina Israelita de Assistência Social*, 09 ago. 1951, p. 25v-26.

<sup>79</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Histórico da OFIDAS pela presidenta Rachel Bacaleinick*, FI0008-ADM-B5/4, sem data, p. 03.

Tabacow Felmanas assumiu a presidência (1955-69) e, de acordo com o texto de Bacaleinick, Felmanas formou “uma diretoria dinâmica, com força de vontade, onde todas trabalharam para erguer novamente o nome da Ofidas”<sup>80</sup>. Verifica-se a ênfase em atribuir os triunfos da Organização a determinadas “pessoas de boa vontade” que, graças a seus esforços pessoais em prol do coletivo, conseguiram construir e reconstruir a Organização.

Outrossim, a criação da FISESP e posterior filiação da OFIDAS à tal Federação foi lida posteriormente como algo positivo, apesar do supracitado debate em torno da questão: em panfleto de divulgação da OFIDAS datado da década de 1970, lê-se que “Com a criação da Federação Israelita do Estado de São Paulo, a Ofidas ganhou um forte aliado e começou a crescer tanto que a pequena casa da Rua Bandeirantes já não podia mais acomodar tanta gente”<sup>81</sup>. Por conseguinte, o Serviço Social da OFIDAS aumentou tanto que as instalações na Rua Bandeirantes não atendiam mais à demanda. As sócias da OFIDAS recorreram então à L. Klabin que, em 1958, doou um terreno situado na Rua Rodolfo Miranda. As sócias então fizeram uma campanha e conseguiram construir a sede própria da Organização que foi inaugurada em 1960 completamente equipada.<sup>82</sup> De acordo com Cytrynowicz (2011, p. 91):

Na década de 1960 Ofidas, Policlínica e Ezra inauguraram sedes novas e modernas no Bom Retiro, evidenciando um processo de renovação não apenas dos prédios, mas dos conceitos e serviços de assistência social. Na mesma década foi organizado o Serviço Social Unificado (SSU) entre as três entidades e outras da comunidade judaica em São Paulo, centralizando e padronizando o trabalho.

Estes processos foram consequência da valorização dos assistentes sociais e da profissionalização do atendimento aos imigrantes e aos assistidos após o fim da Segunda Guerra Mundial e na década de 1950, com as ondas migratórias do Egito e da Hungria. Pode-se afirmar que, embora, tenham havido ao longo da história inúmeras reuniões sobre unificar as entidades, foi nesta década que se gestou efetivamente a fusão que levaria à criação da Unibes em 1976.

---

<sup>80</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Histórico da OFIDAS pela presidenta Rachel Bacaleinick*, FI0008-ADM-B5/4, sem data, p. 03.

<sup>81</sup> CDM, Fundo OFIDAS, Cx. 07, *Divulgação*, FI0008-COM-PB-L4/32, sem data, não paginado.

<sup>82</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Histórico da OFIDAS pela presidenta Rachel Bacaleinick*, FI0008-ADM-B5/4, sem data, p. 03.

Assim, a OFIDAS deixou de existir sob essa denominação em 1976, quando fundiu-se com a Ezra e a Policlínica *Linath Hatzedek*, e passou a se chamar *União Brasileiro-Israelita do Bem-Estar Social – UNIBES*. Os debates sobre tal unificação, entretanto, eram mais antigos: de acordo com Cytrynowicz (2011, p. 68), “Em 1942, dois anos após a criação da Ofidas, Ezra e Linath Hatzedek discutiram pela primeira vez a possibilidade de uma fusão”. Aparentemente, só em 1971 é que tal possibilidade se tornou mais efetiva, como demonstra uma ata de reunião realizada na sede da Federação Israelita. O encontro contou com a presença de representantes da OFIDAS, Policlínica e da própria Federação, que balizou o processo de unificação das organizações. Os representantes da Ezra não compareceram a esta reunião, mas M. Firer, da Federação, ficou incumbido de fazer o repasse aos membros. O motivo da reunião foi a formação de um comitê que ficaria encarregado de dar início ao processo de fusão. As representantes da OFIDAS (R. Bacaleinik, B. Lafer, C. Cohn e R. Gleich) concordaram com as proposições levantadas, mas frisaram “que muito depende de que serão as pessoas que farão o trabalho, que é de muita responsabilidade”.<sup>83</sup> Ficou estabelecido que a Comissão se reuniria periodicamente na sede da Federação para desenvolver os debates e estudos sobre a unificação. Antes dessa reunião houve mais outras três, realizadas nas casas dos representantes das organizações envolvidas, contudo, não há registros delas.<sup>84</sup> O documento conclui que: “As organizações em aprêço manifestaram a total aceitação ao princípio de sua unificação, tendo o Dr. A. Berezin expressado sua satisfação por tal resolução, que veio de encontro aos anseios da Ezra”.<sup>85</sup>

Contudo, o processo de fusão entre as três organizações foi longo, sendo efetivado apenas em 1976. Apesar de não termos indícios dos motivos da demora, uma ata de setembro de 1976 da Policlínica indica que a unificação entre as entidades era conveniente: “(...) levando em conta as inegáveis vantagens que para o melhor atendimento dos fins sociais representará a unificação de ambas as Entidades, com a profícua junção de seus respectivos acervos patrimoniais e humanos”<sup>86</sup>. A Ezra realizou

---

<sup>83</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Ata da reunião do Comitê de Unificação das Entidades de Serviço Social*, FI0008-ADM-A8/5, 05 out. 1971, não paginado.

<sup>84</sup> “Esta reunião foi precedida por três outras reuniões, dedicadas ao assunto da Unificação, tendo sido realizadas as primeiras duas na residência do Dr. Marcos Firer e a terceira na residência do Dr. Adolpho Berezin, com a presença dos presidentes das três organizações, Ofidas, Ezra e Policlínica, mais os Srs. Firer, Orenszejn e Mielli.” (CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Ata da reunião do Comitê de Unificação das Entidades de Serviço Social*, FI0008-ADM-A8/5, 05 out. 1971, não paginado).

<sup>85</sup> Idem.

<sup>86</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Ata da assembleia geral extraordinária da Sociedade Beneficente Linath Hatzedek*, FI0008-ADM-A8/3, 20 set. 1976, não paginado.



sua última reunião em 21 de setembro de 1976, na qual autorizou a doação de seus bens à OFIDAS e, no mesmo dia, em assembleia extraordinária, a OFIDAS concluiu a união com a Ezra (CYTRYNOWICZ, 2011, p. 103). A diretoria da UNIBES foi eleita em 13 de outubro de 1976, sendo que as novas diretoras eram mulheres que compunham a antiga diretoria da OFIDAS.<sup>87</sup>

Assim, buscamos apresentar um percurso geral sobre a história da fundação da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas em 1915, o surgimento da OFIDAS em 1940 e sua posterior transformação em UNIBES no ano de 1976. No próximo capítulo, apresentaremos uma entrevista realizada com uma rabina, a fim de trazer esclarecimentos sobre algumas questões religiosas referentes ao trabalho feito em organizações de beneficência e assistência social. Também falaremos mais pormenorizadamente sobre os departamentos da OFIDAS e sobre as pessoas que neles trabalharam.

---

<sup>87</sup> Rachel Bacaleinick foi eleita presidente honorária, Antonieta Bergamo assumiu a presidência e Betty Lafer foi eleita primeira vice-presidente. (CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Ata da assembleia geral extraordinária*, 13 out. 1976, não paginado).

## Capítulo 2

### Mulheres, Departamentos e Benemerentes: a formatação de uma organização

*“A beneficência constitui preocupação básica do judaísmo e prescrita nos livros sagrados. A fundação da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas – a Ofidas, em 1915, e a da Sociedade Israelita, Amigos dos Pobres Ezra, em 1916, foram essenciais. Suas histórias confundem-se com o crescimento da própria comunidade, porque integraram e fortaleceram os laços de coesão e solidariedade entre os judeus de São Paulo” (MIZRAHI, 2003, p. 226).*

A OFIDAS desenvolveu um amplo campo de atuação ao longo dos anos, num processo de expansão e sistematização das suas atividades. Os serviços oferecidos compreendiam primordialmente a área do cuidado com a mulher e a criança, configurando assim um modo de agir específico na área do serviço social. Sua predecessora – a Sociedade Beneficente das Damas Israelitas – estava calcada nos moldes da filantropia e suas sócias agiam a partir das suas redes de contato dentro da emergente comunidade judaica. Entretanto, a partir do aumento do fluxo imigratório judaico e o incremento da demanda pelos serviços de auxílio ao imigrante (ou refugiado), as associações judaicas tiveram que se reorganizar. Um dos caminhos foi a centralização e racionalização das atividades e recursos, sendo o nascimento da OFIDAS (por meio da fusão com outras duas entidades) e da Federação Israelita indicadores de tal organização e estabelecimento comunitário.

Ainda na leitura sobre os sentidos componentes da formação de organizações de beneficência e assistência social da comunidade judaica em São Paulo, é plausível considerar sobre a interpretação religiosa da matéria e, mais especificamente, da atuação feminina em tal campo.

#### 2.1) Um espaço a elas permitido

Em entrevista concedida por Fernanda Tomchinsky-Galanternik, rabina da CIP<sup>88</sup>, esta afirma que tradicionalmente, por muito tempo, foi reservado às mulheres judias o mundo da casa – assim como o foi em outras culturas além da judaica. Contudo, isso não quer dizer que não existisse os “grupos femininos”, em outras palavras, lugares onde as mulheres se encontravam, como o *mikvá*.<sup>89</sup> Ainda que seja difícil falar de uma maneira geral, em nome de todo povo judeu, visto que cada grupo/tradição tem uma maneira de encarar a diferença de gênero<sup>90</sup>, para Galanternik, tais diferenças podem ter mais a ver com a geração do que com o fato religioso em si, havendo atualmente dentro de uma concepção mais “liberal” e secular, mulheres e homens que transitam pelo mundo do trabalho e pelo mundo doméstico. Ademais, para ela, a mulher sempre teve uma voz forte na família, visto que era a mulher quem educava as crianças e coordenava os afazeres domésticos, incluindo a garantia dos preceitos judaicos dentro de casa e, assim, configurando uma “autonomia do mundo privado e não do mundo público” (GALANTERNIK, 2019). O homem podia trazer as diretrizes legais, mas era a mulher quem comandava o cotidiano familiar.

Além disso, para Galanternik, a fundação de associações judaicas femininas já no começo do século XX estaria relacionada com a própria necessidade das mulheres em contribuir para que a comunidade pudesse crescer no novo território: “(...) dentro da comunidade [judaica antes da imigração] as coisas funcionavam, aqui elas têm que contribuir com alguma coisa” (GALANTERNIK, 2019). Considerando que para o homem era mais fácil conseguir um trabalho, mas que a mulher também precisava trabalhar a fim prover o sustento da família, a fundação de associações beneficentes centradas no auxílio à mulher e à criança relacionavam-se tal demanda: “(...) então acho

---

<sup>88</sup> “Fernanda Tomchinsky-Galanternik é psicóloga formada pela PUC-SP e rabina pelo Seminário Rabínico Latinoamericano ‘Marshall T. Meyer’, de Buenos Aires. Durante dois anos e meio morou em Jerusalém onde estudou na Conservative Yeshiva e posteriormente no Instituto Schechter. Ante de começar seus estudos universitários fez intercambio no Rotorua Girls High School na Nova Zelândia. Formou-se na liderança comunitária na tnuva Noam, fundando o movimento em São Paulo e participando ativamente em Israel e Buenos Aires chegando a ser Rosh Chinuch do Noam AmLat, encarregada da educação do movimento juvenil na região. Trabalhou no Camp Ramah Poconos (na Pensilvania, EUA) como educadora de judaísmo durante uma temporada. Enquanto estudou na Argentina trabalhou no próprio Seminário como professora de Talmud, na Comunidad Amijai e na Escuela Comunitaria Arlene Fern”. (CONGREGAÇÃO ISRAELITA PAULISTA. *Rabinato*. Disponível em: <<http://cip.org.br/home-2/rabinato/>> Acesso em: 25 mar. 2019).

<sup>89</sup> Lugar de mergulho ritual após o período menstrual objetivando a purificação.

<sup>90</sup> “Existem algumas comunidades, por exemplo, em que só as mulheres trabalham. Porque os homens passam o dia todo dedicados ao estudo (...). E tem outros lugares onde as mulheres ficam restritas simplesmente ao trabalho doméstico e ao cuidado com os filhos. Inclusive as que tem que trabalhar, elas têm que cuidar da casa e cuidar dos filhos” (GALANTERNIK, 2019).

que essas primeiras sociedades de mulheres de beneficência elas também surgem por conta da situação em que elas próprias se encontram, de que elas precisam de algum jeito contribuir para que essa família, ou que essa comunidade (...) possa crescer” (GALANTERNIK, 2019). Essa necessidade de ordem prática, de garantia do sustento do lar, teria mais peso do que uma pretensa relação direta ou expectativa sobre a mulher para praticar ações filantrópicas.

Igualmente, a existência de associações de beneficência estaria relacionada à importância central que a filantropia tem no judaísmo: “A questão da filantropia dentro do judaísmo... ela é uma coisa muito importante. Ela é um valor muito básico e muito principal” (GALANTERNIK, 2019). Neste aspecto, há um conceito específico, a *tzedeká*:

Existe o conceito de *tzedaká*, que ele é obrigatório. Os escritos judaicos dizem que inclusive uma pessoa que todo o dinheiro que ela tem no mundo é de *tzedaká*... [o que ela] recebe de *tzedaká*, é o tamanho que ela também deveria dar de *tzedaká*, de tão importante que é esse valor. Então acho que isso é uma coisa que está intrínseca dentro das comunidades e da sociedade, dos grupos judaicos, de fazer alguma coisa nesse sentido (GALANTERNIK, 2019).

Galanternik complementa ponderando que “Obviamente não quer dizer que todo mundo faz. [Mas deveria fazer] inclusive aquele que vive de dinheiro doado para ele, de *tzedaká*, também deveria dar *tzedaká*” (GALANTERNIK, 2019).

Colocada a indagação se a existência dessas organizações de beneficência e assistência social pode ser vista como a prática de *tzedaká*, Galanternik afirma:

Isso com certeza. O conceito de *tzedaká*... ela não é caridade. O conceito de *tzedaká* vem de *tzedek*, a palavra *tzedek* que em hebraico quer dizer justiça. Então a palavra *tzedaká* ela tem dentro dessa palavra a questão da justiça. Através da *tzedaká* você busca uma justiça social, não é uma caridade, não é “eu te dou porque eu tenho pena de você”. Eu dou porque eu acredito que a gente deva ter condições iguais, porque você como um ser humano como eu devemos ter as mesmas possibilidades (...), termos uma sociedade mais justa. O objetivo da *tzedaká* é uma sociedade mais justa (...). O conceito da *tzedaká* justamente ele vem para tentar fazer essa justiça social, para poder garantir que todo mundo possa ter uma condição digna de vida e não explorar essa pobreza (GALANTERNIK, 2019).

Assim, de acordo com Galanternik, a prática da filantropia ou, ainda, da *tzedaká*, é uma responsabilidade de todos, independentemente do gênero. Dentro do que é a tradição judaica geral – em que pese as diferenças dentro do mundo judaico que é muito amplo e diverso – essa divisão de gênero quanto à prática da filantropia não é tão clara, sendo algo mais relacionado ao mundo secular, não à algum incentivo maior à filantropia feminina por motivo religioso. Assim, indagada se se espera mais das mulheres a prática da benemerência, Galanternik acredita que não, que talvez simplesmente houvesse por parte delas maior disponibilidade de tempo livre para fazê-lo.

Segundo a rabina, um dos importantes papéis que organizações judaicas como as de beneficência tiveram foi congregar as pessoas sob um mesmo propósito. Considerando que antes da migração, essas pessoas viviam nos mesmos vilarejos – havia entre elas “uma conexão de cidade, de vila, de vilarejo” (GALANTERNIK, 2019) – e que ao chegarem ao novo território, poderiam se encontrar na situação de estarem “por si”, condição esta bastante assustadora, essas organizações tinham então um papel fundamental em:

(...) construir ou dar as bases para essas pessoas poderem bater asas e voar, quase que como uma família, pensando nesse sentido de que essas instituições elas ajudaram as pessoas a terem um lugar de refúgio depois de estarem a semana inteira trabalhando num lugar sem entender uma palavra de português e ter um lugar onde elas possam depois conversar em *íddiche* com alguém e se sentir em casa, e voltar e ter essa nostalgia de estar em casa (...). Eu acho que tem aí uma questão de sustentação dessas pessoas para enfrentar as dificuldades que elas enfrentavam quando elas chegaram aqui, quando elas chegaram nesse país sem saber a língua, sem um tostão no bolso... (GALANTERNIK, 2019)

Indagada sobre a importância da filantropia como uma responsabilidade, principalmente no que tange a ações voltadas ao auxílio às mulheres e às crianças pobres da comunidade, Galanternik crê que esses sujeitos se encontravam realmente em situação de maior fragilidade: “Acho que surge também essa necessidade deles serem alvo de mais instituições cuidando desse público justamente porque eram os mais fragilizados” (GALANTERNIK, 2019). Questionada se essas ações também poderiam ser interpretadas como formas de assegurar a continuidade do grupo e sua cultura e tradições, ela responde que:

Com as crianças com certeza, essa questão de um cuidado para o futuro. Existe uma preocupação muito grande dentro da tradição judaica de educar as crianças. Então essa preocupação de que isso seja passado pra frente já desde de muito pequenos, a ideia é de que eles já comecem a estudar desde muito pequenos, comecem a aprender sobre sua tradição desde muito pequenos, então acho que pode ser sim, que tenha também isso passando por trás, aí eu já não tenho certeza absoluta, não tenho como te responder enfaticamente que sim ou que não, acho que tem a ver com a questão do mais frágil ou mais frágeis, têm menos recursos baseados em como eles chegaram e quem são dentro desse grupo, os homens tinham lugar de trabalho fora e as mulheres menos, mas as crianças com certeza tem aí um cuidado com as crianças no sentido de preocupação com educação, sempre foi... tanto que a taxa de “iletramento” dentro do povo judeu é, sempre foi, muito mais baixa em comparação com os outros povos e culturas ao redor. Acho que existe uma preocupação muito grande com educação (GALANTERNIK, 2019).

Sobre recorrência de sobrenomes no campo da beneficência, Galanternik pondera que além de que algumas famílias já desfrutassem de melhores condições financeiras desde há muito:

Não é uma coisa da modernidade judaica a questão de ajudar o próximo. Faz parte dos pilares centrais do judaísmo você ajudar o outro, ajudar o próximo. Então essas famílias poderiam simplesmente falar “Não, eu tenho muito dinheiro” [e isentarem-se da prática da filantropia ou da *tzedaká*], mas são famílias que investem muito em ações sociais (GALANTERNIK, 2019).

Galanternik encerra falando que acredita que os membros da comunidade judaica atual têm alguma noção da longa história das organizações judaicas de beneficência em solo paulistano, mesmo devido à existência ainda hoje de organizações antigas como a CIP e a *B’nai B’rith*, organizações estas que são “pilar[es] dos judeus em São Paulo, dos judeus no Brasil”. Na especificidade da Sociedade das Damas e da OFIDAS, a rabina crê que, de modo geral: “São nomes que as pessoas sabem, já ouviram falar” (GALANTERNIK, 2019).

## **2.2) Os departamentos da OFIDAS e suas funções**

A divisão da OFIDAS por departamentos deu-se na seguinte forma: Serviço Social, Departamento de Orientação Educacional e Profissional, Jardim Maternal (Lar das Crianças), Fonoaudiologia, Biblioteca e Recreação (um departamento com dois setores), Peah (distribuição de roupas), Higiene Infantil e Gabinete Dentário.<sup>91</sup> Não fica evidente na documentação a data exata de estabelecimento de cada um desses departamentos, contudo, todo o conjunto documental disponível indica a operação da OFIDAS organizada por essa divisão, sendo que “Os serviços, em forma de Departamentos, foram sendo instalados de acordo com as necessidades da coletividade”<sup>92</sup>

A OFIDAS, sendo uma Obra de amparo à mulher e à criança, desenvolveu-se de forma a abranger o atendimento desde o nascimento da criança, através do serviço de pediatria, assistindo-a em suas necessidades básicas. Procurou depois atender a faixa escolar através de um serviço que viesse suprir falas de orientação escolar. Observou-se então que o adolescente precisava também de ser trabalhado no sentido da escolha da sua profissão. Entretanto para atingir a sua finalidade, a OFIDAS teve que criar outros serviços que se faziam necessários para suplementar carências existentes na coletividade. Assim é que o Gabinete Dentário, Fonoaudiologia, Distribuição de Roupas, auxílios financeiros à família, foram sendo ampliados para atender a necessidades imediatas, fundamentais para o desenvolvimento da criança em seu aspecto normal. Procurou desta forma, completar-se a si mesma através da criação de serviços que viessem interligar os objetivos da Obra.<sup>93</sup>

Em seguida, apresentaremos a divisão por departamentos adotada pela OFIDAS, a fim de somar na maior compreensão das atividades e serviços oferecidos pela Organização à sua clientela.

### **2.2.1) Serviço Social**

O *Serviço Social*, indicado como departamento da OFIDAS, era “(...) na realidade o fundamento de todo o trabalho da Organização”: “A promoção humana, a orientação individual, o prosseguimento de cada caso por Assistentes Sociais, a triagem, os auxílios

---

<sup>91</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Programa*, FI0008-ADM-P14/1, sem data, p. 02.

<sup>92</sup> Idem.

<sup>93</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Parecer*, FI0008-ADM-P3/1, [1962?], não paginado.

financeiros, o encaminhamento correto, enfim tudo aquilo que envolve o indivíduo e sua vida, seja isoladamente, em família ou em grupos sociais, é visto pelo Serviço Social”.<sup>94</sup> Ou seja, na prática, a área de Serviço Social era a responsável por matricular os casos e encaminhar cada um deles ao departamento específico. Em um documento do setor administrativo, há uma descrição pormenorizada das funções e da noção de serviço e de assistência social:

Serviço social é uma técnica ou atividade profissional destinada a ajustar, reajustar ou prevenir desajustamentos individuais ou grupais. É portanto uma atividade que objetiva a promoção do indivíduo. O Serviço Social procura através dos métodos próprios de trabalho desenvolver no indivíduo as suas potencialidades a fim de que ele consiga/superar suas dificuldades.<sup>95</sup>

Assim, a diferença reside em que o “Serviço Social é objetivo fim do processo”, enquanto a “Assistência Social é meio que o S. Social lança mão para conseguir alcançar o objetivo”. Na prática, o Serviço Social na OFIDAS era entendido como “o ponto de partida para o desenvolvimento do trabalho em todos os demais departamentos”.<sup>96</sup>

## **2.2.2) Departamento de Orientação Educacional e Profissional**

O *Departamento de Orientação Educacional e Profissional* incumbia-se do aconselhamento e orientação de jovens sobre estudos. Eram aplicados testes vocacionais, forneciam ajuda material e bolsas de estudos.<sup>97</sup> Durante os primeiros anos da OFIDAS ofereceu-se também um “curso vocacional”, que ensinava “costuras e outras atividades para meninas de 12 a 14 anos; [entretanto] após três anos esse curso foi fechado por falta de verbas”.<sup>98</sup>

Tal departamento era considerado uma complementação ao trabalho de atendimento à infância, sendo voltado exclusivamente para o atendimento da juventude,

---

<sup>94</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Históricos OFIDAS*, FI0008-ADM-B5/1, 1970-75, p. 08.

<sup>95</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Programa*, FI0008-ADM-P14/1, sem data, não paginado.

<sup>96</sup> Idem.

<sup>97</sup> Idem, p. 10.

<sup>98</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Histórico da OFIDAS pela presidenta Rachel Bacaleinick*, FI0008-ADM-B5/4, sem data, não paginado.



visto que é nesta fase da vida que geralmente se inicia o processo de decisões a respeito da futura vida profissional. No departamento, uma orientadora educacional aplicava testes vocacionais e uma psicóloga da OFIDAS verificava os testes de personalidades “e outros necessários”, a fim de reconhecer as potencialidades e orientar o jovem adequadamente.<sup>99</sup>

### 2.2.3) Jardim Maternal (Lar das Crianças)

*Quando a mamãe vai trabalhar, a titia toma conta. O Jardim Maternal da Ofidas cuida de 70 crianças, todos os dias, enquanto as mães estão trabalhando. E leva isso tão a sério que mantém uma equipe de assistentes sociais, psicólogas, pedagogas, professores e auxiliares sempre ao lado das crianças. O duro é no fim do dia: quem é que quer voltar para a casa?<sup>100</sup>*

O *Jardim Maternal* (chamado *Lar das Crianças* até 1966) atendia crianças dos três aos sete anos, exclusivamente filhos de mães que necessitavam trabalhar fora do lar. Tal departamento tinha origem no antigo Lar das Crianças Israelitas, fundado em 1939 e abrigava as crianças durante os períodos da manhã e da tarde. Contava com uma diretora própria, governante, professoras, cozinheira, lavadeira, copeira, arrumadeira, assistentes sociais, psicólogas e pedagogas. Além das aulas, recreação e alimentação, eram “ministradas aulas de religião mosaica e [eram] comemoradas todas as festas religiosas. Às sextas-feiras [era] realizado o ‘shabat’. A comida servida no Jardim Maternal [era] ‘Kasher’”<sup>101</sup>.

Na documentação, lemos que o Jardim Maternal contava com um padrão de atendimento moderno para a época, sendo considerado em São Paulo – “com muito orgulho para nós” – uma creche modelo. A capacidade do departamento girou em torno de 60 a 70 crianças até a década de 1970. Além de recreação e educação, oferecia-se também “formação moral e disciplina”. A partir da década de 1960, estabeleceu convênio para atendimento de vinte crianças com a Secretaria do Bem-Estar Social da Prefeitura do Município de São Paulo.<sup>102</sup>

<sup>99</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Programa*, FI0008-ADM-P14/1, sem data, p.03.

<sup>100</sup> CDM, Fundo OFIDAS, Cx. 07, *Divulgação*, FI0008-COM-PB-L4/32, sem data, não paginado.

<sup>101</sup> Idem, p. 04.

<sup>102</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 08. *Divulgação. Jardim Maternal da OFIDAS apresenta “Um Grito Parado no Ar” de Gianfrancesco Guarnieri*, sem data, não paginado.

#### 2.2.4) Biblioteca e Recreação

A *Biblioteca* da OFIDAS foi instalada em 1949 no Jardim Maternal, “graças a um legado do Sr. Hessel Klabin ampliando as instalações da creche”<sup>103</sup>. Além dos empréstimos, atendia crianças em suas instalações para fins recreativos. Contava com o trabalho de duas funcionárias e de voluntárias, além de receber doações do público.<sup>104</sup>

As histórias de Monteiro Lobato, as aventuras de Gulliver e os romances de Machado de Assis são tão importantes para a formação de um jovem como vitaminas, cálcio e fortificantes. Por isso, a Ofidas mantém uma biblioteca com mais de 4.000 volumes à disposição da curiosidade e da vontade de aprender de todo mundo.<sup>105</sup>

O setor de *Recreação* oferecia diversas atividades para crianças de seis a doze anos, como teatro, histórias infantis, leitura em grupo, pintura, moldagem, desenho, recorte/colagem, trabalhos manuais, jogos e brincadeiras, um Clube de Férias, além da comemoração de datas cívicas e religiosas. As crianças eram de ambos os sexos e residentes no bairro do Bom Retiro, sendo, em sua maioria, sem grandes recursos econômicos. Elas iam à escola durante o período da manhã e à tarde se reuniam neste setor da OFIDAS. Durante as férias de julho, cerca de sessenta crianças eram recebidas pelo Departamento, onde realizam atividades nos períodos matutino e diurno. Também eram realizados passeios e excursões pela cidade<sup>106</sup>:

Muitas vezes a felicidade está numa folha de papel e num lápis de cor. Outras vezes num passeio até o Corpo de Bombeiros ou ao Ibirapuera. O Departamento de Recreação foi criado para dar diversões educativas como estas para as crianças.

---

<sup>103</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Histórico da OFIDAS pela presidenta Rachel Bacaleinick*, FI0008-ADM-B5/4, sem data, não paginado.

<sup>104</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Programa*, FI0008-ADM-P14/1, sem data, p. 02.

<sup>105</sup> CDM, Fundo OFIDAS, Cx. 07, Divulgação, sem título, FI0008-COM-PB-L4/32, sem data, não paginado.

<sup>106</sup> “Embora seja estipulado um reembolso, a atividade é deficitária, porem de grande valor sócio-educativo em particular para as crianças cujos pais não lhe podem propiciar meios de férias fora da Capital. No final do clube é organizada uma festa com a participação de alguma atividade extra como teatro de fantoches, mágicos, atividades circenses etc.” (CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Programa*, FI0008-ADM-P14/1, sem data, p. 02).

Em 1974 foram atendidas por este departamento 4947 crianças.<sup>107</sup>

### 2.2.5) Fonoaudiologia

O departamento de *Fonoaudiologia* destinava-se à “correção dos defeitos de fala”. O trabalho era realizado por fonoaudiólogos, sendo que a OFIDAS tinha convênio com o Centro de Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação da PUC. Segundo a documentação consultada: “Os problemas mais comuns a esse departamento são os de gagueira, troca de letras ‘l’ pelo ‘r’ ou vice versa ou ‘r’ gutural muito comum aos jovens de origem estrangeira (...). Impostação da voz – voz muito alta, muito baixa, estridente ou grave, dicção correta, enfim, tudo aquilo que for possível de correção ou educação no que diz respeito ao problema da fala, é tratado nesse Departamento”<sup>108</sup>

O departamento contava com fonoaudiólogas formadas, médicos foniatras e neurologistas. Lê-se na documentação que era “um departamento difícil de ser mantido, mas fundamental para evitar problemas futuros no aprendizado das crianças”. No ano de 1974 – dois anos antes da mudança da OFIDAS para UNIBES – chegaram a ser atendidos 222 casos.<sup>109</sup>

### 2.2.6) Peah

*Toda família recebe o que precisa. As noivas tem sempre um vestido à sua disposição e a mãe que deve ir à formatura de seu filho, receberá o traje adequado. São distribuídos também objetos de adorno, louças, talhares, móveis, tapetes, fogões, cortinas, malas, geladeiras usadas, enfim, tudo o que a coletividade coloca à disposição da OFIDAS para distribuição.*<sup>110</sup>

A *Peah* era o departamento encarregado da distribuição de roupas, provenientes das doações da comunidade judaica. O esquema de arrecadação de peças era feito por

---

<sup>107</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 07, Divulgação, sem título, FI0008-COM-PB-L4/32, sem data, não paginado.

<sup>108</sup> Idem.

<sup>109</sup> Idem.

<sup>110</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Históricos OFIDAS*, FI0008-ADM-B5/1, 1970-75, p. 09-10.

telefonemas e recolhimento por voluntárias.<sup>111</sup> As pessoas que requeriam este tipo de auxílio passavam pela triagem prévia com um assistente social. Em 1974, o departamento recebeu “49886 peças de vestiário e 14965 de outros objetos, como móveis, livros, brinquedos etc.”<sup>112</sup>

### **2.2.7) Higiene Infantil**

Os departamentos de *Higiene Infantil* e *Gabinete Dentário* atendiam crianças desde seus primeiros anos de vida. Na Higiene Infantil, o atendimento médico era realizado desde o nascimento até os doze anos de idade. Além de tratamento médico, ofereciam outros serviços como vacinação, orientação às mães quanto aos cuidados com o bebê; forneciam alimentos, vitaminas e medicamentos.

Muitas vezes a Ofidas é um pediatra. Ela ensina às mães a preparar mamadeiras, trocar fraldas, dá as datas de vacinas, controla o peso, a alimentação e orienta nos primeiros cuidados. E muitas vezes a Ofidas é mais que um pediatra. Ela fornece leite, vitaminas, farinhas e medicamentos a todas as famílias que procuram o Departamento de Higiene Infantil. Só no ano passado [leia-se 1974] foram atendidos 1786 casos. <sup>113</sup>

### **2.2.8) Gabinete Dentário**

O Gabinete Dentário foi estabelecido em 1943. Nele, as crianças eram atendidas desde a primeira dentição até os doze anos. Para contar com o tratamento clínico pediátrico e dentário, as famílias também deveriam primeiramente dirigir-se ao Serviço Social para posterior encaminhamento ao setor<sup>114</sup>. “A média de atendimento do gabinete dentário em 1974 foi de 7 crianças por expediente, com uma frequência anual de 1647

---

<sup>111</sup> CDM, Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Históricos OFIDAS*, FI0008-ADM-B5/1, 1970-75, p. 09-10.

<sup>112</sup> CDM, Fundo OFIDAS, Cx. 07, Divulgação, sem título, FI0008-COM-PB-L4/32, sem data, não paginado.

<sup>113</sup> Idem.

<sup>114</sup> CDM, Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Programa*, FI0008-ADM-P14/1, sem data, p. 03.

consultas”. A manutenção do departamento demandava muitos recursos financeiros, devido aos altos custos requeridos pelos tratamentos dentários.<sup>115</sup>

\*\*\*

Percebemos assim que a OFIDAS desenvolveu a partir de 1940 um amplo campo de atuação ao compararmos aos trabalhos iniciais de sua predecessora, a Sociedade das Damas, que atendia principalmente às necessidades básicas de mulheres pobres e parturientes de origem judaica. Acreditamos, deste modo, que houve um aumento de sua importância e alcance social ao longo das décadas, indo além do conhecimento perante à comunidade judaica paulistana.

### **2.3) Benemerentes**

A Sociedade das Damas Israelitas foi fundada em 1915 por mulheres judias, sendo elas Olga Tabacow, Bertha Klabin e Olga Nebel. A primeira diretoria oficial da Sociedade, entretanto, foi formada apenas dezesseis anos depois, em 1931, sendo composta pelas mesmas fundadoras: Bertha Klabin assumiu a presidência, Olga Tabacow a tesouraria e Olga Nebel a secretaria. Como apontado no capítulo anterior, os primeiros dezesseis anos de existência da Sociedade das Damas aparentemente teve um carácter mais informal, não contando com um corpo diretor efetivo. Suas fundadoras desempenhavam diversos papéis, incluindo o atendimento direto àqueles que procuravam pela Sociedade. Logo depois, em 1932, a presidência foi assumida por Luba Klabin, posto que ocupou até 1942, quando a Sociedade das Damas já atendia pela nova denominação OFIDAS.<sup>116</sup>

Aqui, apontamos que as fundadoras e primeiras diretoras da Sociedade das Damas eram senhoras das famílias mais antigas da então incipiente comunidade judaica, e tinham por objetivo acolher o imigrante judeu recém-chegado (Cf. FALBEL, 1999). Ou seja, tratava-se de uma organização fundada e empreendida por famílias judias já estabelecidas no novo território, visando a proporcionar melhores condições de vivência para os judeus

---

<sup>115</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 07, Divulgação, sem título, FI0008-COM-PB-L4/32, sem data, não paginado.

<sup>116</sup> Idem.

que haviam chegado ao Brasil recentemente. No seu livro de atas<sup>117</sup> constatamos as assinaturas – além das fundadoras Bertha Klabin, Olga Nebel e Olga Tabacow – de mulheres como Luba Klabin, Mania Costa, Sonia Azariah, Chendel Rosemberg, Rosita Gordon, Anna Gorenstein, Fanny Mindlin, Polly Zaslavzky, Riva Berezovsky, Jenny Zlatopolsky e Dora Deutch. Neste ponto, sublinhamos que se trata de um grupo específico de mulheres judias: pertencentes às primeiras famílias que chegaram à São Paulo no começo do século XX, algumas já experimentavam certo nível de prosperidade financeira. Segundo Póvoa (2007, p. 184):

Entre os anos de 1928 e 1932, intensificava-se a vinda dos imigrantes judeus *ashkenazim*, procedentes da Polônia, Hungria, Bessarábia, Romênia, Lituânia e Letônia, que chegaram à cidade de São Paulo e foram residir no Bairro do Bom Retiro, onde se estabeleceram as primeiras famílias judaicas (a primeira geração de imigrantes judeus), como Lafer, Klabin, Nebel, Tabacow, Lichtenstein e Naslavsky. Essas famílias logo se inseriram na paisagem cotidiana e comercial do bairro, com a abertura de pequenos negócios e indústrias de fundo de quintal, as quais revendiam os produtos manufaturados em suas pequenas lojas.

Constatamos que os sobrenomes *ashkenazim* dominavam o cenário em questão. Na primeira diretoria da OFIDAS (1940) tal padrão se repete, ou seja, uma diretoria composta basicamente por mulheres de origem *ashkenazi*.<sup>118</sup> Tal predominância também pode ser conferida no quadro de colaboradoras da OFIDAS, que trabalhavam nos departamentos de Assistência Social, Higiene Infantil, Lar da Criança, Gabinete Dentário, “Peah”, Administração Geral e na Campanha de angariação de sócios e donativos, como sistematizado na tabela abaixo:

**Tabela 1 – Colaboradoras OFIDAS por departamentos**

Colaboradoras da OFIDAS por departamento (1942-43)
--

<sup>117</sup> Cf. CDM. Fundo Damas Israelitas, Cx. 01, Administração, *Livro de Atas I*, 1931-40.

<sup>118</sup> A primeira diretoria da OFIDAS era composta por: Luba Klabin (presidente), Fanny Mindlin (1ª vice-presidente), Vera Prouchan (2ª vice-presidente), Bassia Dreizin (1ª secretária), Emma Klabin (2ª secretária), Jenny Zlatopolsky (1ª tesoureira), Mina Gantman (2ª tesoureira), Luiza Klabin Lorch, Alice Krausz, Polly Zaslavsky e Riva Berezovsky (vogais); Dora Deutch, Anna Gorenstein e Malvina Teperman (conselho fiscal). (CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Ata de fundação*, FI0008-ADM-A8/1, 1940, p. 01-03).

Dpto. Assistência Social	Bassia Dreizin, Vera Proushan, Margarida Neuberger, Hannah Brandt, Dra. Betti Katzenstein, Dr. Jaime Abovski, Prof. Mario Artom, Dr. Moyses Barmak, Dr. Angelo Candia, Dr. Caetano Carrezzato, Dr. Raul Chamma, Dr. Evaldo Foz, Dr. Caio Machado, Dr. Hirsch Schor.
Dpto. Higiene Infantil	Anneliese Oppenheim, Annemarie Elsbach, Beki Alfasso-Klabin, Clara Cherkassky, Ema Klabin, Eva Treumann, Hilde Gostinski, Irene Weil, Léa Klabin, Ornella Foa-Calabi, Recha Ettlinger, Rosel Hein, Steffi Simonsohn, Xenia Zolko.
Dpto. Lar da Criança	Anny Zausmer, Erna Steinberg, Luba Klabin, Lulu Bloch, Rosel Hein, Margot Gollop, Margarida Suessmann, Nelly Wulff, Rita Loewenstein.
Dpto. Gabinete Dentário	Margot Feder, Dr. Gentil de Castro Araujo, Dr. Moyses Chamis, Dr. Henrique Sternberg.
Dpto. “Peah”	Susanne Frank, Teresita Katzenstein, Adda Zwilling, Erna Rose, Sofia Deutsch.
Administração Geral	Cecilie Seidemann, Geny Piltcher, Sara Rubinstein.
Campanha de Sócios e Donativos	Alice Krausz, Ana Gorenstein, Bassia Dreizin, Beki Alfasso-Klabin, Berta Kogan, Chelly Weil, Clara e Ana Cherkassky, Clara Felmanas, Elisabeth Wilhelm, Ema Cahen, Erna Steinberg, Esther Bielinky, Esther Teperman-Mindlin, Eva Elisabethsky, Fania Klabin, Fany Blank, Fany Koifman, Gertraud Franken, Henriette Flaksbaum, Hertha Freuthal, Ida Siegel, Ilse Pressburger, Irene Weil, Léa Klabin, Lisa Chamis, Liselotte Wurceldorf, Lotte Pinkuss, Luba Klabin, Lulu Bloch, Margot Feder, Margrit Brentani, Maria Bidlovski, Mariuccia Artom, Paulina Margulies, Rosa Zaguer, Ruth Abel, Sonia Schuster, Steffi Simonsohn, Susanne Frank, Susi Kunreuther, Susi Moll, Tania Grinberg, Vera Proushan, Xenia Zolko.
Diretoria	Luiza Klabin-Lorch (presidente), Esther Mindlin-Guimarães (vice-presidente), Ema Gordon-Klabin (1ª secretária), Esther Faldini (2ª secretária), Fania Aronis-Klabin (1ª tesoureira), Maria Medeiros-Gordon (2ª tesoureira), Luba Klabin, Bassia Dreizin, Alice Krausz (conselho fiscal).

Elaboração da autora.

Fonte: CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, Relatório de Atividades (1942-1969), *Relatório 1942-1943*, sem data, não paginado.

Aqui lembremos que grupos judaicos tendiam a congregar-se no novo território a partir da fundação de associações/instituições também de acordo com suas origens: de acordo com Freidenson (2007, p. 186): “Por volta de 1915, judeus *asquenazitas* começam a organizar as primeiras instituições religiosas e de auxílio aos imigrantes”. Assim, consideramos que a Sociedade das Damas e a OFIDAS eram duas Organizações fundadas e mantidas principalmente por judeus *ashkenazim*.<sup>119</sup> Este ponto indica um segundo aspecto do associativismo étnico no caso dos judeus: o associativismo aqui tem relação não somente com a origem étnica-religiosa comum (o fato de serem judeus), mas de lugar (judeus de onde), considerando que cada “região judaica” tem suas diferenças de ritos, de

<sup>119</sup> Sobre o debate da suposta incompatibilidade entre judeus de diferentes origens Cf. FREIDENSON, 2007.

língua, enfim, de culturas e modos de viver diversos.<sup>120</sup> De acordo com Mizrahi (2003, p. 205):

Buscando recompor o tradicional estilo de vida judaica dos locais de origem, os asquenazis, procedentes de diversas regiões europeias, diferenciados por alguns costumes, organizaram-se como os judeus do Oriente Médio, de forma particular. A rápida construção de suas sinagogas foi possível pela ajuda financeira de antigas famílias, entre as quais os Klabin, os Lafer, os Segall, os Teperman e os Mindlin, que se destacavam no meio sócio-econômico brasileiro. Em terrenos de suas propriedades, foram erguidas além das sinagogas, as primeiras instituições e organizações da comunidade judaica de São Paulo, inclusive as dos judeus provenientes do Oriente Médio.

Assim, acreditamos que essas mulheres encontraram no campo da ação filantrópica um espaço de atuação pública perante a comunidade. Segundo Kosminsky (2004, p. 316): “O fato de a mulher imigrante se dedicar aos cuidados da casa e dos filhos poderia implicar, aparentemente, em uma vida reclusa. No entanto, pode ser que essa não tenha sido uma norma”. Em suma, esses espaços eram a elas permitidos. Ainda de acordo com Kosminsky (2004, p. 317):

Algumas mulheres participavam de associações comunitárias judaicas e ajudavam os próprios conterrâneos, desse modo fortalecendo os laços entre os imigrantes e as famílias que ficaram, e facilitando de certa forma o processo de adaptação de sua família e dos seus Landsman (conterrâneos) à vida na nova sociedade. Participavam assim de uma espécie de rede étnica de ajuda mútua, compartilhando de valores comuns e incorporando alguns novos.

Ao depararmos com as listas de diretoras e demais membras da OFIDAS ao longo de suas décadas de vida, percebemos a recorrência de alguns sobrenomes (como Klabin e Mindlin), indicando que algumas famílias que estavam presentes desde os tempos da Sociedade das Damas continuaram atuando na OFIDAS. Sublinhamos também que a

---

<sup>120</sup> “Existem judeus etíopes, indianos, iemenitas etc., mas aqui interessa falar dos que vieram ao Brasil. São Paulo recebeu imigrantes judeus de várias procedências. Conforme o país de origem, falavam línguas diferentes, tinham hábitos diferentes e características próprias na forma de praticar a religião. Entre eles havia dois grupos predominantes: os *asquenazitas* e, em menor número, os *sefaraditas*. Essas denominações, de origem geográfica, são relacionadas às regiões onde os judeus viveram ao longo de sua história” (FREIDENSON, 2007, p. 181).



grande maioria dos membros da organização (entre diretoras, voluntárias e funcionárias) era de mulheres, reforçando assim seu caráter feminino.

A diretoria da OFIDAS era composta por uma diretoria executiva, conselho diretor e diretoria social. A diretoria executiva era formada pela presidente, vice-presidente, secretária geral, secretárias, tesoureira geral e tesoureiras. O conselho diretor era composto de acordo com o número de membros dos departamentos da OFIDAS, além de exercer as tarefas de conselho fiscal no que dizia respeito à aprovação das contas apresentadas pela diretoria. Finalmente, a diretoria social era responsável por promover atividades e projetos de angariação de fundos para a manutenção da Organização.<sup>121</sup>

O Jardim Maternal / Lar das Crianças gozava de maior autonomia, contando com uma administração própria: tinha uma diretora, governante, professoras, “tias”, cozinheira, lavadeira, copeira e arrumadeira. Havia ainda uma comissão própria, composta por um membro do conselho diretor e três voluntárias que se reuniam semanalmente com a assistente social e diretora do Jardim Maternal “para discussão de todos os problemas, inclusive para opinar sobre a admissão de crianças”.<sup>122</sup>

Pela análise geral da documentação que traz informações sobre as colaboradoras da OFIDAS, concluímos que a maior parte era realmente composta por mulheres – sejam elas funcionárias ou voluntárias. A diretoria da Organização era toda feminina e amplamente de origem *ashkenazi*. Pessoas de origem não judaica eram minoria e geralmente ocupavam cargos como arrumadeiras, copeiras, professoras e assistentes sociais.

Ainda se tratando do Relatório de Atividades de 1942-43, este aponta que Berta Klabin, Olga Nebel, Olga Tabacow e Luba Klabin fora sócias fundadoras da Sociedade das Damas e ativas durante dezessete anos. Traz também uma lista de diretoras das Organizações que deram origem à OFIDAS, o qual sistematizamos a seguir:

**Tabela 2 – Primeiros quadros dirigentes**

Primeira Diretoria da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas	Berta Klabin, Olga Nebel, Olga Tabacow.
--	---

<sup>121</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Programa*, FI0008-ADM-P14/1, sem data, p. 02.

<sup>122</sup> Idem.

Segunda Diretoria da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas	Luba Klabin, Fanny Mindlin, Rosita Gordon, Riva Berezovsky, Ana Gorenstein, Polly Saslavsky, Genny Zlatopolsky, Dora Deutsch, Mina Gantmann.
Primeira Diretoria da Gota de Leite	Luiza Lorch, Anny Zausmer, Alice Krausz.
Primeira Diretoria do Lar da Criança	Luba Klabin, Fanny Mindlin, Bassia Dreizin, Mina Gantmann, Genny Zlatopolsky, Dora Deutsch, Polly Saslavsky, Riva Berezovsky, Alice Krausz, Luiza Lorch, Vera Proushan, Anny Zausmer, Rosa Zlatopolsky.

Elaboração da autora.

Fonte: CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, Relatório de Atividades (1942-1969), *Relatório 1942-1943*, sem data, não paginado.

Assim, podemos perceber que boa parte das mulheres que trabalharam nas três associações também continuaram envolvidas na OFIDAS. Sendo que algumas delas eram pertencentes às mesmas famílias (Berta e Luba Klabin, Genny e Rosa Zlatopolsky). Na tentativa de mapear se este padrão continuou ao longo dos anos, sistematizamos aqui os quadros dirigentes da OFIDAS das décadas e 1960 e 1970:

**Tabela 3 – Quadros dirigentes (1960-70)**

Diretorias da OFIDAS no decorrer de 1967 a 1977	
1966	Fanny Tabacow Felmanas, Anita C. Grinberg, Rina K. Gleich, Rachel Bacaleinick, Paulina Brickmann, Isa Schneider, Clara S. Fridman, Cecilie Cohn, Anita C. Goldberg, Ruth Rejtman, Susanna Frank, Betty Lafer, Elisa T. Kauffmann, Petronia C. Teperman, Anita Kertzman, Jeanete Dermon, Enia Goichberg, Esther Hoineff Goldberg, Enia Goichberg, Sima Lafer Portnoy, Vera Mindlin Taub, Fanny Wachokier, Martha Wainberg, Nora Levy, Esther Lafer, Regina First, Anna Crochick Feldman, Edda Mayer Bergmann
1967	Fanny Tabacow Felmanas, Anita C. Grinberg, Rina K. Gleich, Rachel Bacaleinick, Paulina Brickmann, Isa Schnifnaguel Fridman, Cecilie Cohn, Anita C. Goldberg, Susanna Frank, Betty Lafer, Elisa T. Kauffmann, Petronia C. Teperman, Anita Kertzman, Jeanete Dermon, Enia Goichberg, Esther Hoineff Goldberg, Sima Lafer Portnoy, Vera Mindlin Taub, Fanny Wachokier, Martha Wainberg, Nora Levy, Esther Lafer, Regina First, Anna Crochick Feldman, Boris Bacaleinick, Sergio S. Penna.
1971-73	Rachel Bacaleinick, Betty Lafer, Petronia Teperman, Antonieta Bergamo, Rina K. Gleich, Betty Fiker, Tacia Herstig, Cecilie Cohn, Regina First, Aida Ferenczi, Rosa Mandelbaum, Rosel Hein, Anita Kertzman, Janete Dermon, Paulina Brickman, Esther H. Goldberg, Enia T. Kauffmann, Anna Kaufman Schuartz, Marta Wajnberg, Micky Helcer, Enia Goichberg, Sarah Roizman, Ana Crochick Feldman,

	Alice Sarfatty, Rachel Safdie, Gretta Grzywacz, Josette Lisbona, Esther Lafer, Vera Mindlin Taub, Regina Lafer, Sima Lafer Portnoy, Alexandra Safdie, Evelyn Kherdaji, Victoria Safra, Nancy Telent, Sergio dos Santos Penna (administrador geral).
1973-75	Rachel Bacaleinick, Betty Lafer, Petronia Teperman, Antonieta Bergamo, Rina K. Gleich, Betty Fiker, Tacia Herstig, Cecilie Cohn, Regina First, Elisa T. Kauffmann, Rosa Mandelbaum, Aida Ferenczi, Rosel Hein, Anita Kertzman, Esther H. Goldberg, Janete Dermon, Enia Goichberg, Revecca M. M. Bitelman, Malia Epstein, Marie Zular, Josette Lisbona, Alice Sarfatty, Alexandra Safdie, Sarah Roizman, Micky Helcer, Esther Lafer, Vera Mindlin Taub, Regina Lafer, Sima Lafer Portnoy, Evelyn Kherdaji, Victoria Safra, Nancy Telent, Ana Crochick Feldman, Rachel Safdie, Berta Safdie, Gretta Grzywacz, Sergio dos Santos Penna (administrador geral).
1975 (de janeiro a agosto)	Rachel Bacaleinick, Betty Lafer, Petronia Teperman, Antonieta Bergamo, Rina K. Gleich, Betty Fiker, Tacia Herstig, Cecilie Cohn, Regina First, Elisa T. Kauffmann, Rosa Mandelbaum, Aida Ferenczi, Rosel Hein, Anita Kertzman, Esther H. Goldberg, Janete Dermon, Enia Goichberg, Paulina Brickman, Reveca M. M. Bitelman, Malia Epstein, Marie Zular, Josette Lisbona, Alice Sarfaty, Alexandra Safdie, Sarah Roizman, Mireille Helcer, Esther Lafer, Vera Mindlin Taub, Regina Lafer, Sima Lafer Portnoy, Evelyn Kherdaji, Victoria Safra, Nancy Telent, Ana Crochick Feldman, Rachel Safdie, Berta Safdie, Gretta Grzywacz
1975-77	Antonieta Bergamo, Betty Lafer, Anna Kaufman Schuartz, Marie Zular, Rina K. Gleich, Petronia C. Teperman, Sima Lafer Portnoy, Cecilie Cohn, Regina First, Rosa Mandelbaum, Nadir Algranti, Anita Kertzman, Betty Fiker, Clara Pascovitch, Enia Goichberg, Janete Deron, Josette Lisbona, Malia Epstein, Rosel Hein, Reveca M. M. Bitelman, Tacia Herstig, Yara Chammah, Esther H. Goldberg, Aida Ferenczi, Alexandra Safdie, Alice Sarfaty, Esther Lafer, Evelyn Kherdaji, Gretta Grzywacz, Livia Agnes Bleier, Mireilie Helcer, Nancy Telent, Victoria Safra.

Elaboração da autora.

Fonte: CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, Relatório de Atividades (1942-1969), *Relatório 1942-1943*, sem data, p. 21-24.

Logo, podemos perceber que o padrão de maioria feminina permanece ao longo das décadas, sendo algumas dessas mulheres membras de mesmas famílias (como Lafer, Klabin, Safdie). Ademais, podemos observar também que o número de pessoas (e famílias, percebidas pela diversidade de sobrenomes) aumentou consideravelmente em relação aos quadros diretores da Sociedade das Damas. Isto aparenta estar ligado primordialmente à maior complexidade administrativa da nova Organização, a OFIDAS.

Dividida por áreas de atuação/departamentos, as atividades de assistência social se ampliaram, o que sinaliza para um processo de complexificação e profissionalização de suas atividades. Entendemos como “profissionalização” a entrada de profissionais na Organização, como pode ser observado em algumas referências à funcionários na documentação consultada, como no Relatório de Atividades (1942-1969) expedido pela Administração da OFIDAS.<sup>123</sup> Abaixo sistematizamos dados disponíveis referentes a estes funcionários do ano de 1966:

**Tabela 4 – Funcionários da OFIDAS**

Funcionários que trabalharam na OFIDAS em 1966	
Técnicos	Efraim Zular, Assumpção H, Moraes Andrade, Yvonne Meta Freund, Sérgio dos Santos Penna (Assistentes sociais). Reveca Jupá (médica), Elton Costa Machado (dentista), Diosquerida Cunha (diretora jardim maternal), Maria Emilia Rosário (foniatra), Elda Cantisani (foniatra), Hilvete Pargominik (bibliotecária), Ethel Golbspan (orientadora), Francisca Padilha de Matos (orientadora), Sara Porto (professora), Samuel Henrique Lakryck (recreacionista).
Administrativos	Selma Schuchman (caixa), Marlene Almeida Adorno (secretária), Mery Bendkowski (secretária), Lígia Pinto de Carvalho (secretária), Nancy Lerman (auxiliar de escritório), Sara Danek (auxiliar de escritório), Henia Grinbergas (telefonista), Perla Bayla Pargominik (Enc. Depto. Peah), Sluva Kirschbaum (recepcionista), Allegra S. S. Saporta (cobradora), Adolfo Edelstein (cobrador), Esther Uziel (governante), Ana Delfino de Brito (auxiliar de educadora), Clélia Gaiata Bordoni (auxiliar de aducadora), Luiz Bordoni (zelador), Sergio Santos Penna (administrador geral).

Elaboração da autora.

Fonte: CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, Relatório de Atividades (1942-69), *Funcionários que trabalharam da Organização em 1966*, sem data, não paginado.

No que tange aos funcionários, conferimos alguns nomes/sobrenomes não tradicionalmente judaicos. Aparenta-se haver aqui, uma “mistura” entre pessoas judias e não-judias prestando serviço à OFIDAS. Ao contrário do que se verificou nos quadros diretores da OFIDAS, os nomes e sobrenomes marcadamente judaicos não são absolutos.

<sup>123</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, Relatório de Atividades (1942-69), *Funcionários que trabalharam da Organização em 1966*, sem data, não paginado.

Assim, parece que era “à frente” da Organização, ou seja, na diretoria, que a presença judaica e feminina se fazia mais efetiva.

Apesar da falta de maiores informações sobre os membros da Organização, principalmente aos funcionários e voluntários, tentamos aqui trazer à tona alguns dos nomes disponíveis e, assim, traçar questões sobre quem eram as pessoas que fundaram e constituíram as Organizações estudadas. Na nossa leitura, acreditamos que influenciados pela significativa chegada de judeus a São Paulo durante as primeiras décadas do século XX, houve um esforço por parte de indivíduos que se encontravam mais estabelecidos social e economicamente na cidade de empreender formas associativas, como as de beneficência e assistência social, acabando por ajudar a forjar vínculos com o novo território e uma consequente fixação de uma comunidade judaica em São Paulo. Grande parte desses indivíduos eram provenientes da Europa central e oriental, o que explica a maior presença *ashkenazi* nos quadros diretores da Sociedade das Damas e OFIDAS. Os judeus de origem *sefaradi* ou orientais, chegarão em maior número ao território brasileiro a partir principalmente da década de 1950, após a fundação do Estado de Israel e as consequentes tensões nos países árabes<sup>124</sup>. Para Rattner (1977, p.77):

Os judeus *s'fardim*, especialmente os que vieram na década de cinquenta do Egito e do Líbano, quase todos com boa formação profissional e políglotas, particularmente bem versados nas profissões liberais e no sistema bancário-financeiro, não tiveram nenhuma dificuldade de integrar-se, tanto na vida econômico-social paulistana, quanto na própria comunidade judaica.

Uma das questões que igualmente levantamos é de que, ao longo do processo de criação e estabelecimento dessas Organizações, acabou-se por criar também um modo de agir comunitário próprio destes agentes. O objetivo declarado de instituições de

---

<sup>124</sup> “Com o fim da Primeira Guerra (agosto de 1914 a 11 de novembro de 1918) no continente Europeu e nas bases do Império Otomano no Oriente Médio, as relações entre os muçulmanos árabes e judeus árabes – Mizhaim –, nos países islâmicos (norte da África e Oriente Médio) passaram a ser particularmente difíceis. Os judeus árabes, acusados de sionistas e de apoiar o ‘oponente norte-americano’, sentiram-se ameaçados e, vendo frustradas todas as suas tentativas de reintegrar a sociedade onde viviam, buscaram a emigração como escape de um possível massacre. Emigraram para as Américas (Estados Unidos, Canadá e Brasil) e Europa Ocidental.

A partilha da Palestina e a criação do Estado de Israel, em 14 de maio de 1948, pela Organização das Nações Unidas (ONU), intensificaram, nos países árabes, posturas ultranacionalistas e extremistas. Com a ampliação das ações fundamentalistas religiosas islâmicas, a situação ficava insustentável a cada momento (MIZRAHI, 2001). Sancionada a decisão contra os judeus Mizhaim, muitas instituições passaram a ser alvo da intolerância e dos nacionalistas árabes muçulmanos, pois a comunidade assistia à hostilidade da propaganda antijudaica, vivenciando-a” (PÓVOA, 2007, p. 127).

beneficência e assistência social é o acolhimento daqueles que de algo necessitam. Entretanto, é possível pensar também acerca daqueles que prestam assistência: no caso da Sociedade de Damas, estavam envolvidas mulheres de famílias já mais estabelecidas na cidade, que chegaram em território brasileiro na virada do século XIX para o XX. Ademais, “Como o número de famílias era pequeno, o recrutamento das lideranças comunitárias era feito em alguns clãs como os Tabacow e os Teperman, cujos membros dirigiram as principais sociedades criadas para servir a comunidade”.<sup>125</sup> Acreditamos que é possível levantar a hipótese que de que o ato de fundar e manter associações como estas também gerariam visibilidade, afirmação social e manutenção de um determinado *status* não só para os indivíduos e famílias participantes, mas também colaborariam para a promoção da autoimagem de uma comunidade que é, inicialmente, considerada sempre como *outsider*<sup>126</sup>. Para Rattner (1977, p. 89-90):

Na primeira fase da vida comunitária, que se estende até 1950 mais ou menos, os órgãos dirigentes das diferentes entidades eram compostos por voluntários, geralmente comerciantes ou pequenos industriais que seguindo a tradição, procuravam prestígio e projeção social na atividade pública dentro da comunidade. Em consequência da preponderância desses elementos na liderança das associações comunitárias – escolas, sinagogas e serviços assistenciais, – a estrutura das mesmas e seus padrões organizacionais e de funcionamento eram praticamente idênticos aos de suas pequenas e médias empresas, ou seja, sem um mínimo de racionalidade administrativa e sem o concurso de elementos humanos profissionalmente qualificados.

Na fase de transição que se iniciou com a fundação da Federação das Sociedades Israelitas do Estado de São Paulo, os antigos presidentes e conselheiros das associações foram sendo substituídos por elementos mais jovens, profissionais liberais ou com formação superior e, por isso, mais racionais e objetivos em sua abordagem dos problemas comunitários. Se os *velhos* aspiravam às funções de presidente ou

---

<sup>125</sup> “É num destes clãs, os Teperman, que se moldou a principal liderança paulistana, o industrial Leon Feffer (1902-1999), que esteve à frente das principais iniciativas da comunidade e foi também o primeiro cônsul honorário de Israel na cidade”. (MORASHÁ, *Os Judeus de São Paulo*. Disponível em: <<http://www.morasha.com.br/brasil/os-judeus-de-sao-paulo.html>> Acesso em: 25 mar. 2019).

<sup>126</sup> “As palavras *establishment* e *established* são utilizadas (...) para designar grupos e indivíduos que ocupam posições de prestígio e poder. Um *establishment* é um grupo que se autopercebe e que é reconhecido como uma “boa sociedade”, mais poderosa e melhor, uma identidade social construída a partir de uma combinação singular de tradição, autoridade e influência: os *established* fundam o seu poder no fato de serem um modelo moral para os outros. (...) o termo que completa a relação é *outsiders*, os não membros da “boa sociedade”, os que estão fora dela. Trata-se de um conjunto heterogêneo e difuso de pessoas unidas por laços sociais menos intensos do que aqueles que unem os *established*. A identidade social destes últimos é a de um grupo. Eles possuem um substantivo abstrato que os define como um coletivo: são os *establishment*. Os *outsiders*, ao contrário, existem sempre no plural, não constituindo propriamente um grupo social” (NEIBURG, 2000, p. 07).

diretor de uma sinagoga ou de uma sociedade beneficente, os *jovens* procuravam as posições de liderança nas novas entidades que surgiram, de muito maior projeção na sociedade ampla, tais como A Hebraica, o Hospital Albert Einstein e diversas escolas, equiparadas às melhores existentes na sociedade ampla. O recrutamento desses elementos para os cargos dirigentes fez-se geralmente, não pela avaliação de seu desempenho anterior em instituições comunitárias e sim, pela posição que eles ocupavam na estrutura social ampla, expressando assim, a orientação geral da comunidade para fora, e a percepção, talvez intuitiva, da função e da importância desses cargos para a existência e sobrevivência da comunidade.

Somos levados igualmente a pensar sobre possíveis diferenças socioeconômicas entre os que assistem e os que são assistidos. O estado de penúria da grande maioria dos assistidos – que pelo menos até 1950 era composta por judeus imigrantes e seus descendentes de primeira ou segunda geração – ficará explícito no próximo capítulo. Entretanto, é possível levantar a questão de que tais diferenças devem ser consideradas ao se pensar numa pretensa coesão grupal dada pela religião em comum.

Do mesmo modo, levantamos a questão de que a existência deste tipo de organização, além de seus fins práticos de prover melhores condições de vida a seus assistidos, também colaboraria por ajudar a forjar uma imagem de comunidade unida, que se preocupa com o seu próximo. Assim, haveria uma tentativa de construir a imagem de uma comunidade bem-sucedida e de legitimar-se quanto grupo. Considerando as diferenças econômicas, culturais e sociais dos agentes que empreenderam e dos que foram atendidos pelas associações, acreditamos que o processo de formação de uma rede de espaços judaicos na cidade pode ser lido como uma busca por uma coesão social mínima, uma maneira de demarcar lugares que forneciam as bases para uma vivência e reconhecimento de tais indivíduos quanto componentes de uma comunidade. Aqui lembremos das situações de exclusão e estigmatização que os judeus eram expostos, considerando o crescente sentimento antijudaico no Brasil e no mundo durante o XX.

Outro ponto que levantamos é que a atuação das associações junto à sua clientela de maioria judaica, ajudaria no maior conhecimento sobre aquela comunidade em formação. Ou seja, ao registrar as condições de vida de tantas famílias, as Organizações anotaram dados que ajudaram a dimensionar o tamanho da comunidade necessitada, identificar seu perfil, carências, etc. Ao abarcar essa população, pelos registros de dados sobre aqueles que a elas recorriam, consideramos que tais registros também foram uma forma de levantamento e autoproteção daquela comunidade que se formava e garantisse

um mínimo de bem estar social para aquelas pessoas que nem sempre podiam contar com a garantia de direitos básicos pelo Estado.

## **2.4) Autorreflexão**

Ademais, houve lugar para uma autorreflexão: em livreto de divulgação de atividades, datado dos últimos tempos de vida da Organização sob a sigla OFIDAS, lemos: “Aí está a Organização Feminina Israelita de Assistência Social. Quantas vidas foram salvas? Quantas pessoas se promoveram? Quantos devem à Ofidas a oportunidade que tiveram de receber toda a espécie de ajuda?”. A resposta foi que, para sua satisfação e orgulho, muitos dos antigos assistidos se tornaram contribuintes, sendo tal contribuição financeira um gesto de agradecimento pelo que anteriormente receberam. Evoca-se ainda a memória das fundadoras da Sociedade das Damas Israelitas / OFIDAS e das demais mulheres que nela trabalharam na “espinhosa missão” ao perguntar: “valeu a pena?”. A resposta retórica é que sim, visto que a OFIDAS em 1975 era “Forte, sólida, atual técnica e sobretudo humana”. Finaliza-se o texto sublinhando a responsabilidade da continuidade da “obra que não é só da coletividade israelita. Mas um exemplo dentro do serviço social de São Paulo e do Brasil.”<sup>127</sup>

O tom de auto enaltecimento nos trechos citados podem ser compreendidos considerando o próprio tipo da fonte em questão: sendo um misto de prestação de contas aos contribuintes e, ao mesmo tempo, divulgação e propaganda para a continuidade de contribuição, o discurso tecido reafirma a importância da OFIDAS para além da comunidade judaica. Aqui sublinhamos que a Sociedade das Damas Israelitas / OFIDAS foi fundada objetivando o amparo aos judeus necessitados e teve na comunidade judaica a maior parcela de sua clientela. Entretanto, nunca foi vetado o atendimento a pessoas não judias.

Do início do século XX até fins da década de 1970, o país passou por grandes transformações econômicas, políticas e sociais. Considerando que toda instituição ocorre na sociedade que a concebeu e a viveu, a OFIDAS igualmente passou por mudanças ao

---

<sup>127</sup> CDM, Fundo OFIDAS, Cx. 07, Divulgação, sem título, FI0008-COM-PB-L4/32, sem data, não paginado.



longo de suas décadas de existência, não somente no que tange à sua estrutura, mas quanto ao seu público. A melhoria das condições de vida de boa parte da comunidade judaica em São Paulo influenciou no que hoje conhecemos por UNIBES.

O último tópico de discussão deste trabalho será sobre as pessoas que, raramente, se ouve falar. Dedicamos o terceiro capítulo a tratar sobre os agentes atendidos pelas organizações de beneficência. Mais especificamente, sobre os atendidos pela OFIDAS ao longo de suas quatro décadas de existência, visto que não há documentos no conjunto documental da Sociedades das Damas que possibilite tal análise. Entretanto, acreditamos que vale o esforço analítico, visto que essas pessoas também fizeram a história da Organização.

## Capítulo 3

### Beneficiados(as) e suas experiências

A documentação remanescente das atividades da Sociedade das Damas é diminuta, contando apenas com algumas atas datadas entre 1931 e 1940. Nesta documentação não há registros consistentes sobre as pessoas atendidas pela associação. Na ausência de maior número de informações sobre quem foram os sujeitos que recorreram à primeira associação judaica de beneficência, centraremos nossa análise nas atividades da OFIDAS, organização que deu continuidade ao trabalho da Sociedade das Damas a partir de 1940.

No Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo (CDM) encontra-se considerável conjunto documental remanescente das atividades da OFIDAS: são documentos administrativos; da assistência social, educacional, médica e odontológica; de divulgação; finanças e patrimônio. Nas áreas de assistência social e educacional, há vários relatórios de casos do Lar da Criança, de inspeções e visitas domiciliares; relações de alunos do departamento escolar; livros de registro médico, fichas cadastrais de beneficiados/atendimentos; registros de imigrantes recém-chegados atendidos pela OFIDAS, entre outros. Será parte dessa documentação, que traz maiores informações sobre os beneficiados pelas atividades da OFIDAS, que selecionamos para análise neste capítulo.

Inicialmente, a Organização tinha o objetivo de prestar auxílio aos “necessitados da colônia”<sup>128</sup>, ou seja, pessoas de origem judaica que não dispunham de condições materiais para sua vivência, sobretudo mulheres e crianças da comunidade. A seleção de fontes para análise foi feita considerando ser inviável aqui trabalhar com todos os documentos constituintes do fundo em questão, dada sua vasta extensão. Assim,

---

<sup>128</sup> O uso da palavra “colônia” nas fontes consultadas permite inferir que tal termo era comum como auto referência pelos judeus residentes em São Paulo no começo do século XX. Contudo, a partir do Estado Novo (1937-45) expressava-se a preocupação com lugares de concentração de pessoas de outra nacionalidade senão a brasileira: “O programa de homogeneização, patrocinado pelo Estado, buscava proteger a identidade brasileira da intrusão de etnicidades, eliminando os elementos mais emblemáticos das culturas imigrantes. Novas leis controlavam a entrada de estrangeiros e evitavam que eles se congregassem em comunidades residenciais. A partir de então, 30% dos habitantes das colônias tinham que ser brasileiros, e nenhuma nacionalidade única poderia representar mais de 25% de seus habitantes” (LESSER, 2001, p. 230).

selecionamos os documentos que traziam informações mais completas, com maior número de dados sobre os beneficiados pela Organização. Os dados disponíveis sobre os atendidos geralmente são idade; país de origem e/ou nacionalidade; estado geral de saúde e moradia; condições socioeconômicas; número de componentes de cada conjunto familiar e profissão dos adultos, além dos nomes e sobrenomes dos agentes em questão e alguns relatos mais detalhados sobre a situação na qual algumas famílias se encontravam quando do atendimento pela OFIDAS.<sup>129</sup> Objetivamos assim trazer à luz algumas experiências destes agentes e discutir sobre qual – ou quais – grupo social foi atendido pela Organização durante suas décadas de existência.

Sublinhamos que, ao selecionarmos os documentos que apresentam informações mais completas sobre os atendidos pela OFIDAS, percebemos que o foco da ação da OFIDAS era o trabalho junto às mulheres e crianças, devido ao entendimento destes como sujeitos chave na constituição da família nuclear. Assim, documentos como os relatórios de casos e listas de beneficiados eram estruturados principalmente em torno da figura feminina. O discurso tecido sobre as mulheres atendidas refere-se principalmente sobre suas funções de esposa, mãe e, muitas vezes, provedora financeira da casa. Como veremos adiante, as atividades, comportamentos e condições de saúde física e mental sobretudo da figura feminina do lar eram entendidos como influenciadores diretos no estado geral da família e refletiriam no desenvolvimento dos filhos. Um exemplo de tal preocupação com a manutenção da família pode ser conferido no seguinte excerto:

A MULHER é o alicerce da estrutura familiar...

A CRIANÇA de hoje representa o Homen [sic] do amanhã...

Para que o homen [sic] do amanhã seja sadio e bem formado, oriundo de famílias bem estruturada [sic] e capaz de preencher suas finalidades, reúnem-se as forças com a finalidade de ...

Assistir e orientar a MULHER e a Criança.

Nesta linha de princípios encontramos a

- “OFIDAS”.<sup>130</sup>

---

<sup>129</sup> Neste capítulo optamos por não transcrever nomes e sobrenomes dos atendidos pela OFIDAS, a fim de preservar identidades de indivíduos e/ou famílias que eventualmente possam sentir expostas ou invadidas. Assim, a opção escolhida foi usar apenas as iniciais dos sobrenomes, juntamente com a devida referência da fonte utilizada.

<sup>130</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, sem título, FI0008-ADM-B5/5, sem data, não paginado.

Assim, o trabalho da OFIDAS revela uma lógica específica, de que o auxílio à mulher e à criança necessitada era uma forma de viabilizar a manutenção da família e assegurar um futuro sobretudo à comunidade de ascendência judaica, ainda que a Organização não atendesse somente pessoas judias: “A Ofidas visa o amparo moral e material à mulher e à criança, procurando sempre orientar para fortalecer a sociedade familiar. Presta assistência a todos os que a ela recorram independente de sexo, cor, religião”.<sup>131</sup>

Contudo, veremos que a maior parte de seus atendidos eram imigrantes judeus ou descendentes de primeira geração, isso pelo menos até a década de 1950. Deste modo, acreditamos que um importante ponto de debate possibilitado pelas nossas fontes é sobre a(s) experiência(s) feminina(s) nos processos migratórios. No esforço de contribuir para a maior percepção da presença das mulheres na imigração, bem como contrapor a noção do “imigrante universal masculino”<sup>132</sup> aqui optamos em transcrever alguns trechos das fontes trabalhadas, juntamente com o desenvolvimento de análises sobre as experiências de mulheres judias imigrantes e descendentes no século XX. De acordo com Matos, Truzzi e Conceição (2018, p. 04):

Desvendar essas histórias torna-se um desafio de pesquisa: diante da marginalização da mulher na maior parte da bibliografia e documentação oficial, suas experiências, vidas e expectativas necessitam ser recuperadas por meio de um processo constante de investigação, contribuindo para reverter enraizamentos impostos pela historiografia e transformando as mulheres em agentes históricos.

Tendo em vista que as fontes priorizadas pela historiografia envolvem discursos universais que silenciam as mulheres, enfrenta-se o desafio de realizar uma pesquisa documental e bibliográfica, a partir de novos focos da investigação, que valorizam toda uma diversidade de referências.

---

<sup>131</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, sem título, FI0008-ADM-B5/5, sem data, não paginado.

<sup>132</sup> “A pouca atenção dada às experiências femininas nos estudos dos processos de e/imigração tende a ser justificada pela menor porcentagem de mulheres nos dados oficialmente computados, o que por si só deve ser relativizado. Se algumas experiências de deslocamentos foram a princípio prioritariamente masculinas, o contingente feminino cresceu gradativamente, podendo-se verificar um aumento no número de mulheres casadas, devido à ampliação das entradas em família (...) e ações variadas de reconstituição familiar. Dessa forma, esposas, mães, filhas, noras e sogras, sós ou em companhia das famílias, se deslocaram na procura por trabalho, independência, casamento, também para fugir das dificuldades cotidianas e na busca por melhores condições de vida, para si e para todos os seus” (MATOS, TRUZZI, CONCEIÇÃO, 2018, p. 01).

Ademais, é necessário apontar que as fontes utilizadas nesse trabalho se referem a um discurso institucional sobre as mulheres atendidas, em outras palavras, as interpretações dos(as) funcionários(as) e demais colaboradores(as) da OFIDAS sobre mulheres e suas famílias. Os discursos tecidos sobre as atendidas muitas vezes apresentavam abordagens higienistas, típicas do discurso médico do começo do século XX.<sup>133</sup> A pobreza dos lares, os conflitos familiares e as condições de saúde física e psíquica de seus membros eram destacadas e classificadas, servindo como justificativas para o atendimento destas pessoas pela Organização. Percebe-se a constante menção à pobreza das famílias e o quanto o ambiente (condições de moradia e relações familiares) influenciaria nos corpos e no desenvolvimento dos atendidos, principalmente nas crianças. Longe de alguma pretensa imparcialidade ou neutralidade das informações sobre os atendidos pela Organização, nossas fontes proporcionam um olhar sobre o entendimento acerca daqueles imigrantes e seus descendentes em um contexto específico, indo além de dados objetivos sobre suas condições de vida na São Paulo de então.<sup>134</sup>

Buscaremos assim, tecer algumas considerações sobre tais experiências, sem perder de vista os filtros e camadas de intencionalidades presentes nas fontes, à medida que estas foram confeccionadas a partir de um discurso indireto sobre aquelas pessoas.<sup>135</sup> Todavia, acreditamos que o esforço analítico é válido, à medida que é possível entrever aspectos de experiências muitas vezes ainda negligenciadas pela historiografia. Afinal,

---

<sup>133</sup> “O higienismo, como uma das bases da doutrina médica da época, criou todo um conjunto de prescrições que deveriam orientar e ordenar a vida nos seus mais variados aspectos nas cidades, nos trabalhos, nos domicílios e nas famílias, incluindo também os costumes e hábitos cotidianos, os prazeres ‘permitidos’ e ‘proibidos’. O discurso médico propalava a necessidade de impor uma profilaxia antimicrobiana aos lares, tendo como principal agente – a mulher.

Cabia à mulher a responsabilidade pela saúde e bem-estar dos membros da família e, portanto, ampliava-se a sua responsabilidade como dona de casa, no controle dos mandamentos de higiene, principalmente em relação aos cuidados com as crianças” (MATOS, 2018, Kindle Edition, Location 341).

Para mais trabalhos sobre o discurso médico higienista acerca da mulher, Cf.: COSTA, 1978; COUTO, 1994; CUNHA, 1989; NUNES, 2000; RAGO, 1987; COLUCCI, 2001; SILVA, 2018; LUZ, 1990; MATOS, 2003; MARQUES, 2001; LUZ, 1996.

<sup>134</sup> “Desvelar experiências do passado requer sempre a paciente busca de indícios, sinais e sintomas, aliada a uma leitura que seja capaz de esmiuçar o explícito como forma de dar sentido ao implícito e ao oculto, por meio de uma relação dialógica que possa resgatar as múltiplas experiências das mulheres e/imigrantes (...). A dificuldade enfrentada pelo investigador está mais na fragmentação do que na ausência documental, requerendo uma paciente busca de indícios, sinais e sintomas, acrescida da análise detalhada para esmiuçar o implícito e o oculto, atentando para os múltiplos significados da documentação”. (MATOS, TRUZZI, CONCEIÇÃO, 2018, p. 05).

<sup>135</sup> “Porém, como qualquer outro texto, este deve ser lido de forma criteriosa, o leitor atentando para os diversos filtros através dos quais os ‘fatos’ passaram antes de chegar à versão final” (...). “[É preciso atentar às] (...) inevitáveis distorções introduzidas pelas circunstâncias específicas da produção de qualquer texto” (FONSECA, 2013, p. 511).

especificamente as mulheres imigrantes, “Cercadas de invisibilidades, elas emergem, inevitavelmente, sempre que a névoa que as encobre é dissipada, revelando toda a sua capacidade de reinvenção, essencial para o sucesso da empreitada de e/imigração” (MATOS, TRUZZI, CONCEIÇÃO, 2018, p. 04).

### 3.1) Diversidade de origens e caminhos

De modo geral, no caso dos imigrantes atendidos pela OFIDAS, havia uma distinção entre os que haviam chegado no Brasil há menos de um ano e os que aqui se encontravam há mais de um ano. Neste último grupo, não necessariamente a situação financeira já apresentava alguma melhora. Por diversos motivos – como idade avançada<sup>136</sup>, reimplantação de algum membro da família<sup>137</sup> e/ou estado de saúde debilitado<sup>138</sup> – algumas famílias não encontraram estabilidade de imediato. As ações tomadas pela OFIDAS nestes casos podiam ser várias, como ajuda financeira para alimentação e aluguel; contato com outras instituições judaicas de auxílio (como a Ezra), também para ajuda com o pagamento de aluguel e, até mesmo, contato com outros membros da família em questão, a fim de lhes chamar ao cuidado com seus parentes.<sup>139</sup>

Num grupo de seis famílias imigrantes encaminhadas à OFIDAS em 1957, que haviam chegado ao Brasil há menos de um ano, outros tipos de medidas aparecem (além do auxílio financeiro e médico) como a orientação para o trabalho, a matrícula das

---

<sup>136</sup> Como o caso do casal B.: “O casal, velho e doente, trabalha em casa fazendo rosquinhas que vendem, mas não ganham o suficiente para se manter” (CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 05, Assistência Social, Relatórios de Imigrantes (1953-1959), *Casos Transferidos do Conselho de A. S. para a OFIDAS*, sem data, não paginado).

<sup>137</sup> Como o caso da família G: “O Sr. G. viajou para o Canadá, afim de tentar a vida lá. A Sra. G. ficou com duas filhas, uma de 13 e outra de 4 anos. Não está em condições de trabalhar, pois já foi tuberculosa e encontra-se no momento muito fraca” (CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 05, Assistência Social, Relatórios de Imigrantes (1953-1959), *Casos Transferidos do Conselho de A. S. para a OFIDAS*, sem data, não paginado).

<sup>138</sup> O caso da Sra. P.: “A Sra. P., que chegou ao Brasil há mais ou menos 1 ano, acha-se muito doente física e mentalmente. Faz um tratamento médico no Hospital das Clínicas. Tem um filho, mas o mesmo trabalha no Paraná e somente às vezes manda ajuda para a mãe. A Sra. P. acha-se pois sósinha [sic]” e o caso do casal S.: “O casal é doente e a situação financeira é precária”. (CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 05, Assistência Social, Relatórios de Imigrantes (1953-1959), *Casos Transferidos do Conselho de A. S. para a OFIDAS*, sem data, não paginado).

<sup>139</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 05, Assistência Social, Relatórios de Imigrantes (1953-1959). *Casos Transferidos do Conselho de A. S. para a OFIDAS. Casos de ficaram no departamento de Assistência Social da OFIDAS depois de um ano de permanência no país*, sem data, não paginado.

crianças na creche e em jardins de infância, auxílio em mudança de residência, contatos para obtenção de empréstimo e ajuda para compra de móveis e louças.<sup>140</sup>

Havia ainda os casos de “colocação familiar” quando crianças eram retiradas momentaneamente de sua residência para internação e tratamento de saúde, a partir da concepção de que o ambiente no qual se encontravam influenciaria diretamente em sua saúde física e em seu comportamento.<sup>141</sup>

Numa listagem de imigrantes atendidos no departamento de Assistência Social em 1957, há uma divisão entre os chegados do Marrocos, Egito e Hungria. Os casos do Marrocos foram quase totalmente encaminhados e tiveram despesas reembolsadas pela *Hias (Hebrew Immigrant Aid Society)*, organização judaica de alcance internacional que mantinha no Brasil o Serviço Social de Imigrantes que prestava “atendimento ao imigrante refugiado, até 2 anos para a sua adaptação no País”. Após o estudo de cada caso, concedia-se auxílio financeiro; encaminhamento para a maternidade, creche, Peah, Departamento de Higiene Infantil; assistência médica; orientação para o emprego. Os quatro casos provenientes do Egito e o caso de Hungria são de mulheres que foram encaminhadas para a maternidade e tratamento médico, sendo todos reembolsados pelo Conselho de Assistência Social. O documento ainda sublinha que, apesar de tais casos terem sido reembolsados, havia a questão do aumento de trabalho para o departamento de Assistência Social da OFIDAS, devido às entrevistas mantidas em cada caso; à realização de visitas domiciliares; os diversos encaminhamentos para hospitais, empregos, médicos e demais departamentos da Organização e a tarefa de contato com a *Hias* e com o Conselho de Assistência Social para a entrega de relatórios e pedidos de reembolsos.<sup>142</sup> Outra listagem, de pessoas que chegaram de Israel, Marrocos, Egito e Hungria entre janeiro e março de 1957 reafirma o aumento de trabalho da OFIDAS que “foi muito aumentado com os imigrantes” destes países<sup>143</sup>, tendo as funcionárias do

---

<sup>140</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 05, Assistência Social, Relatórios de Imigrantes (1953-1959), Casos Transferidos do Conselho de A. S. para a OFIDAS, *Casos do Conselho de Assistência Social atendidos pelo departamento de A. S. da OFIDAS antes de um ano de permanência no país*, sem data, não paginado.

<sup>141</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 05, Assistência Social, Relatórios de Imigrantes (1953-1959), *OFIDAS – casos de Colocação Familiar*, 1958-59, sem data, não paginado.

<sup>142</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 05, Assistência Social, Relatórios de Imigrantes (1953-1959), *Imigrantes atendidos no Dep. De Assistência Social em 1957*, sem data, não paginado.

<sup>143</sup> Póvoa (2007) considera que entre os anos de 1950 e 1957 houve a sétima leva de judeus que adentraram em território brasileiro: “Consideramos que esta seja uma das últimas levas de Imigrantes judeus refugiados, porém agora oriundos dos países árabes no Oriente Médio (MIZRAHI 2001, 83). Chegaram, inicialmente, nos anos 50 às cidades do Rio de Janeiro e de Santos e São Paulo e eram denominados de judeus orientais ou de *Mizrahim*, *Mustarâbes* e *Teimanitas* (PÓVOA, 2001). Isso por causa da etnia, pelo

Departamento de Assistência Social da Organização fazerem “diversas horas extras”.<sup>144</sup> Assim, acreditamos que o trabalho da OFIDAS estava diretamente ligado ao fluxo de imigrantes judeus que adentravam o país até meados do século XX.

Numa listagem de imigrantes chegados em 1953<sup>145</sup> e que receberam da OFIDAS algum tipo de ajuda financeira, podemos perceber a diversidade de suas origens. Foram 29 famílias, como:

- **A família A.**, com três membros (os pais e um filho de seis anos), era originária da Alemanha, mas havia morado durante um tempo em Israel e de lá fora para a Bolívia. Chegando ao Brasil, a fim de que os pais trabalhassem, a criança foi encaminhada para a creche, a qual frequentou somente por um mês, pois a família resolveu mudar para o interior;

- **A família L.**, de origem polonesa, passou alguns anos também na Bolívia antes de chegar ao Brasil. Recorreu à OFIDAS em 1953 para obter ajuda da Organização em uma operação de um dos filhos, pois o Comitê de Emergência não arcava com tal despesa. O Sr. L. trabalhava como ambulante, mas ainda passava por dificuldades. A família passou a contar com auxílio financeiro mensal da Organização;

- **A família W.** era composta por 4 membros e havia chegado da África. Era originária da Checoslováquia. Uma das crianças da família foi aceita na creche em 1953.

Os outros casos vieram, em sua maioria, diretamente de algum país europeu (Alemanha, França, Bélgica, Holanda, Áustria) ou de Israel. Como foi o caso da Sra. A., professora de línguas, chegada da França. Recorreu primeiro ao Comitê de Emergência e depois para a OFIDAS, solicitando ajuda financeira e orientação para o emprego. Ou, ainda, a família C., composta por quatro pessoas (os pais e duas filhas) e que havia chegado de Israel. Também passou primeiramente no Comitê de Emergência, entretanto, “não conseguiram se ajustar”. A filha caçula era “muito doente dos nervos” e, devido a isso, foi encaminhada pela OFIDAS para estadia de um mês em um sítio. O Sr. C. havia conseguido um emprego como professor de *ivrit* (hebraico), mas logo foi despedido.

---

rito judaico diferenciado e pelo sotaque de árabe no hebraico chamado de *arbia* – língua falada nas sinagogas de origem árabe (PÓVOA 2001)” (PÓVOA, 2007, p. 80).

<sup>144</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 05, Assistência Social, Relação de Beneficiados (1949-1967), *Casos de Israel – Marrocos – Egito – Hungria Atendidos durante Janeiro, Fevereiro e Março de 1957*, mar. 1957, não paginado.

<sup>145</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 05, Assistência Social, Relatórios de Imigrantes (1953-1959), *Imigrantes atendidos financeiramente pela OFIDAS desde janeiro de 1953*, sem data, não paginado.



Assim, a família C. dependia do auxílio financeiro mensal da OFIDAS. Neste caso novamente aparece a questão da saúde mental feminina, desta vez na figura da filha do casal. O tratamento adotado foi afastá-la do ambiente familiar e encaminhar para um sítio, indicando a crença de que o ambiente influencia no estado psicológico: um ambiente conturbado (como, no caso, deveria ser entendido o lar da família C.) justificaria o desequilíbrio mental da filha, sendo que um ambiente propício (o sítio) favoreceria a melhora do seu estado de saúde.

A maioria deste grupo de 29 famílias recebeu algum tipo de auxílio financeiro e, devido ao fato de que quase todos tinham filhos pequenos, também foram contemplados com vagas na creche da Organização. Percebemos que as providências centrais era o encaminhamento dos adultos para o trabalho (a matrícula das crianças na creche era tida principalmente como meio de propiciar aos pais a disponibilidade de trabalharem fora do lar), o encaminhamento para tratamento médico quando os atendidos apresentavam problemas de saúde; sendo o auxílio financeiro uma medida primeira em casos de maior emergência, a fim de arcar com a alimentação e aluguel dos recém-chegados. No caso das mulheres grávidas, recebiam encaminhamento para a maternidade. O documento em questão ainda sublinha que outras famílias foram atendidas sem gastos financeiros, tendo recebido somente encaminhamento para emprego, médico, escola e doação de roupas. Fica evidenciado também o trabalho paralelo entre o Comitê de Emergência de Assistência aos Imigrantes que, quando este não arcava com as demandas, encaminhava o caso para a OFIDAS.<sup>146</sup> Assim, em vários casos, a Organização atendeu imigrantes que estavam no país há menos de um ano, evidenciando que – além do Comitê de Emergência – a rede de instituições judaicas presentes na cidade já na década de 1950 foi importante na recepção e estabelecimento das levas de imigrantes do pós-guerra. A OFIDAS, por sua vez, também trabalhava em parceria com a CIP, para a qual encaminhou algumas das crianças para sua creche.<sup>147</sup>

---

<sup>146</sup> Como o caso da família C.: “Desde Fevereiro de 1953, recebem uma ajuda mensal da Ofidas de Cr.\$ 500,00. Sr. C. dirigiu-se ao Comite pedindo uma ajuda mensal e como não foi atendido, pede para a Ofidas lhe conceder um pouco mais”. E o caso da família D.: “O Comite, não os pode ajudar mais, alegando que já estão há um ano no paiz [sic]. Recorrem agora à Ofidas, pedindo uma ajuda mensal”. Ou, ainda, o caso de G.: “Pessoa muito doente, impossibilitada de trabalhar. Está sendo ajudada pelo Comite com Cr.\$ 1.000,00 mensais: foi lhe dito porem que não poderá mais receber essa ajuda, em vista de estar no paiz [sic] há mais ou menos 6 meses. Pede agora que a Ofidas lhe conceda essa ajuda”. (CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 05, Assistência Social, *Relatórios de Imigrantes (1953-1959)*, sem data, não paginado).

<sup>147</sup> OFIDAS e CIP tinham, cada uma, sua creche. No caso da OFIDAS era o “Lar das Crianças” e a CIP o “Lar da CIP”. O caso da família D. é um exemplo: “A família, composta de 5 membros, chegou ao Brasil de Israel em Junho de 1953. A Sra. D. encontrava-se no último mês de gravidez, tendo recebido cartão para

### 3.2) Sobreviventes

Nas fontes selecionadas, encontramos alguns documentos que apontam casos específicos de sobreviventes da *Shoah*.<sup>148</sup> No Relatório de Imigrantes referente aos anos entre 1953 e 1959, encontramos um caso de uma mãe que havia passado por Auschwitz: a família de sobrenome G. recorreu à OFIDAS em 1957 e tinha procedência da Hungria e Áustria.<sup>149</sup> O Sr. G. chegou primeiro ao Brasil, no ano de 1954, tendo morado anteriormente em Viena durante 4 anos. A Sra. G. e seu filho T. de 11 anos chegaram da Hungria em junho de 1957. O Sr. G. havia trabalhado no Brasil como supervisor de carne *casher*, mas estava com uma “lesão cardíaca”, o que o incapacitava totalmente para o trabalho. Segundo a fonte,

A Sra. G. era uma pessoa muito nervosa, esteve presa em “Auschwitz” aonde perdeu duas crianças. No decorrer das entrevistas, notamos que a Sra. G. estava mesmo desequilibrada [sic.] e a encaminhamos para um médico psiquiatra (...) que constatou tratar-se de um estado depressivo com tendências ao suicídio. Após algum tempo de tratamento em ambulatório, a Sra. G. foi internada no Hospital Sant’Ana.<sup>150</sup>

A família recebeu ajuda para sua manutenção durante meses e T. foi aceito como interno no Lar da CIP. O Sr. G., pelo menos até maio de 1958, estava “se mantendo sozinho”. Entretanto, o trauma da guerra foi fator que marcou a vivência da Sra. G. também na nova terra: as funcionárias da OFIDAS notaram um “desequilíbrio” da Sra. G., seguido pelo diagnóstico de depressão com tendência ao suicídio pelo médico psiquiatra. Tal estado mental provavelmente teve como causa a experiência de ter passado por um genocídio, tendo perdido filhos e as referências de mundo que até então conhecia.

---

a maternidade por intermédio da Ofidas. As crianças foram orientadas para o Lar da C.I.P.” (CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 05, Assistência Social, *Relatórios de Imigrantes (1953-1959)*, sem data, não paginado).

<sup>148</sup> “Registram-se tentativas de substituição do termo ‘holocausto’ por dois outros: *shoah*, em hebraico, e *hurban* ou *horbe* (...) em ídiche. O primeiro é coerente com a destruição, calamidade e desolação resultantes do programa de genocídio. É uma palavra de antiguidade bíblica, tendo sido resgatada pelo hebraico moderno para refletir a destruição do judaísmo europeu. O termo ídiche, além de abranger o significado de *shoah*, estende-se para aludir a uma longa história de catástrofes. Em português, nos relatos sobre aquele período, predominam os termos *holocausto* e *genocídio*” (IGEL, 1997, p. 212).

<sup>149</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 06. Assistência Social – *Relatórios de Imigrantes (1953-1959)*, sem data, não paginado.

<sup>150</sup> Idem.

Ademais, as dificuldades de lidar com a pesada memória da guerra e com os traumas por ela causados são temas recorrentes na literatura sobre os sobreviventes da *Shoah*.<sup>151</sup>

Na documentação também encontramos uma lista de pessoas que vieram de Israel e que foram atendidas pela OFIDAS no ano de 1958.<sup>152</sup> Esta lista traz apenas os nomes e sobrenomes dos auxiliados e distingue quais foram e quais não foram vítimas do nazismo. Num total de 103 pessoas, 88 delas o foram. Não é possível assegurar se as 15 pessoas que não foram vítimas do nazismo eram todas judeus *sefaradim* ou orientais, nascidas ou moradoras na região de Israel e países de maioria árabe antes do início da Segunda Guerra. Mas chama atenção o fato de que a considerável maioria deste grupo havia passado pelo horror da guerra e, após irem para Israel, reemigraram em direção ao Brasil. Este percurso, não tão conhecido, traz novamente a questão das diversas motivações das imigrações e dos refúgios. No caso, podemos levantar as hipóteses de que as guerras árabe-israelense (1948-1949) e de Suez (1956) no recém fundado estado de Israel podem ter contribuído para a reemigração destas pessoas ou mesmo a existência de redes de apoio – como familiares, amigos e as próprias organizações de beneficência judaicas – em território brasileiro podem ter contribuído na atração destas pessoas para São Paulo. Assim como a não adaptação ou diferenças culturais entre os *ashkenazim* recém-chegados a Israel (provenientes da Europa) e os *sefaradim* / orientais (habitantes de países do mundo árabe) que tais pessoas podem ter encarado em Israel ao passarem a viver no mesmo território. De acordo com a rabina Galanternik (2019):

Com a fundação do estado de Israel (...), as pessoas começaram a ir para lá de vários lugares de mundo (...). O estado de Israel foi fundado por judeus *ashkenazim*, eles eram casados somente... eram monogâmicos os casais, um homem e uma mulher. Apesar de a tradição judaica na sua essência permitir que o marido tenha mais de uma esposa, isso já na Europa, no mundo *ashkenazi*, já desde mais ou menos o século... o ano mil, mais ou menos (...), existe uma lei (...) que proíbe o casamento de um homem com mais de uma mulher. Então quando esses judeus chegam em Israel, na fundação de Israel, eles chegam só um casal de um mais um. Quando começam a chegar os judeus *sefaradim*, eles chegam o patriarca da família e as suas várias esposas (...) porque o mundo árabe-muçulmano existe o marido com suas várias esposas e isso era uma possibilidade dentro do mundo judaico também. Quando se proíbe isso na Europa o catolicismo já está no seu auge e é um casamento monogâmico. Então isso tem uma influência importante entre uma coisa e a outra (...). Israel foi fundado nas bases de um

---

<sup>151</sup> Sobre os relatos de sobreviventes Cf. IGEL, 1997, p. 211-247. Sobre a singularidade deste fato histórico, Cf. HUYSEN, 2000; LEVI, 1998; SELIGMANN-SILVA, 2008.

<sup>152</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 05, Assistência Social, Relação de Beneficiados (1949-1967). *Casos de Israel Atendidos na OFIDAS em 1958*, dez. 1958, não paginado.

casamento monogâmico, começam a chegar essas famílias com várias pessoas e eles decidem que eles não vão poder mandar separar porque se você manda um homem se divorciar das outras três esposas, elas vão ficar à mercê da sorte, mas que a partir de então ninguém podia se casar com mais de uma esposa mesmo os que viessem de uma cultura *sefaradi*, essa foi a solução que eles encontraram lá.

Deste modo, chamamos a atenção para as várias origens e diferenças culturais entre os diversos grupos judaicos, como bem explicita as diferentes concepções sobre o casamento dado por Galanternik. As diferenças entre os dois grandes grupos *ashkenazim* e *sefaradim* exemplificam tais diferenças, mas não encerram a questão da diversidade entre os judeus, visto que existem outros grupos minoritários.<sup>153</sup> Acreditamos que tal diversidade também se manifestou em território brasileiro, como vimos a partir das diferentes associações aqui fundadas por judeus a partir de suas origens geoculturais<sup>154</sup>.

Ainda sobre as fontes consultadas, há uma relação de pessoas atendidas pela Assistência Social que estiveram em campos de concentração, datada de julho de 1961. Tal lista registra sete casais que chegaram ao Brasil entre 1953 e 1958. Quatro casais tinham nacionalidade polonesa, outros dois romena e um casal era de nacionalidade húngara.

Finalmente, há uma listagem de casos especiais (1963) referente a pessoas com mais de 60 anos de idade que recebiam ajuda para manutenção do Serviço Social da OFIDAS.<sup>155</sup> Tal documento é interessante à medida que lista um total de 134 pessoas consideradas vítimas de perseguição política, racial, religiosa ou econômica; detalhando seu país de origem, nacionalidade, data de chegada ao Brasil, número de pessoas na

---

<sup>153</sup> “A dispersão dos judeus por diferentes espaços produziu, segundo o historiador chileno Mário Matus Gonzalez, um povo de dezesseis grupos culturais distintos. No conjunto, os asquenazis constituem maioria, seguida pelos sefaradis e judeu-orientais”. (MIZRAHI, 2003, p. 203).

<sup>154</sup> Segundo Mizrahi (2003, p. 206), as diferenças entre os judeus orientais e os *ashkenazim*, por exemplo, se apresentaram em território brasileiro pelo menos ao decorrer das primeiras gerações: “Os primeiros contatos estabelecidos entre os diferentes grupos de imigrantes judeus não foram fáceis. Asquenazis e judeu-orientais falavam línguas distintas. O uso do iídish e do árabe ‘eternizava-se’ pela entrada de novos conterrâneos, impedindo relações diretas e o reforço dos padrões culturais de origem. Os contatos provocavam estranhezas e rejeição mútua, só superadas nas gerações subsequentes.

Além de estranhar os costumes dos judeus do Oriente Médio, grande número de asquenazis de São Paulo não os via como pertencentes ao mesmo credo e povo. As diferenças físicas, como a pele amorenada, e os costumes do cotidiano, que os identificavam à cultura árabe, impediam reconhecimento”.

<sup>155</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 05, Assistência Social, Relação de Casos Especiais, *Pessoas com mais de 60 anos de idade que recebem ajuda para manutenção do Departamento de Serviço Social da OFIDAS*, out. 1963, não paginado.

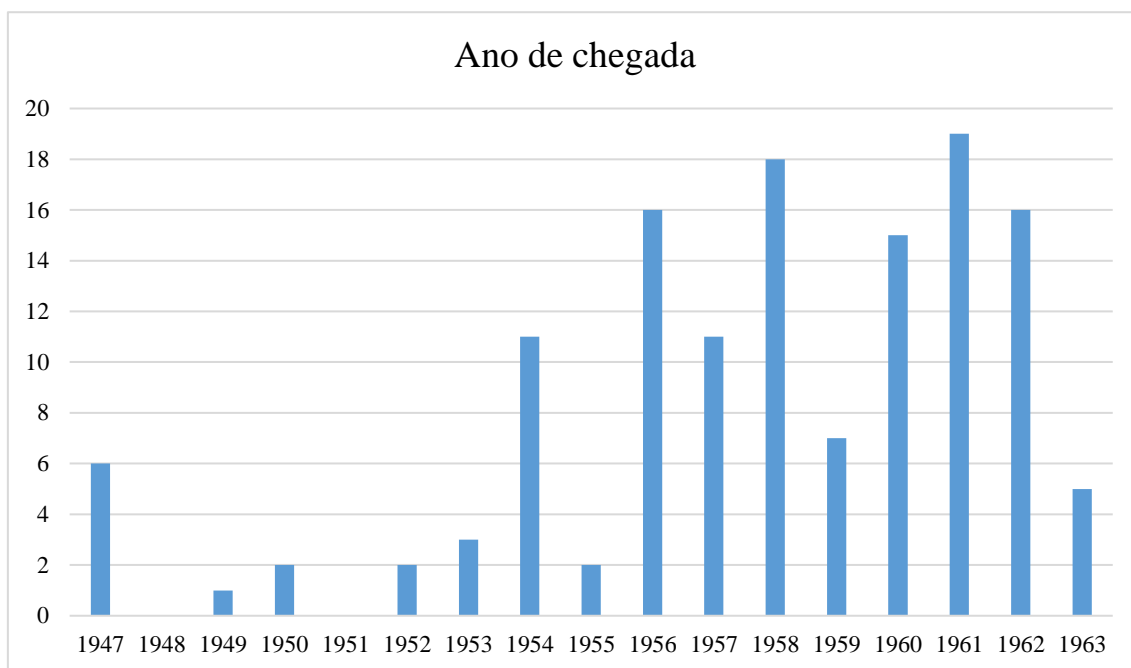
família e natureza da assistência recebida. Sistematizamos as informações de tal documento em apêndice (vide APÊNDICE).

Nota-se que a maioria deste grupo tinha como país de origem a Romênia (41 pessoas, cerca de 30,6% do total), a Polônia (31 pessoas, cerca de 23,13% do total) e Egito (30 pessoas, cerca de 22,38% do total). Seguidos por Marrocos (11 pessoas, cerca de 8,20%), Hungria (6 pessoas, cerca de 4,47%), Grécia (3 pessoas, cerca de 2,23%), Rússia (2 pessoas, cerca de 1,49%) e demais países (Lituânia, Turquia, Síria, Israel, Letônia, Alemanha, Bulgária, Líbano, Iugoslávia e Bessarábia) com uma pessoa cada (cerca de 7,46%).

Interessante também observar que nem sempre a nacionalidade correspondia ao país de origem: são 28 casos de pessoas que tinham países de origem diferentes da nacionalidade (cerca de 20,89% do total), sendo que 23 destas tinham nacionalidade israelense. Chama atenção também o considerável número de apátridas: 22 casos, cerca de 16,41% do total.

Considerando os dados sobre número de componentes de cada família, vimos que cada uma tinha de 1 a 8 pessoas, compondo uma média de 3,43 pessoas por núcleo familiar. Igualmente observemos o ano de chegada de cada família listada, conforme sistematizado no gráfico abaixo:

#### **Gráfico 1 – Ano de chegada**



Elaboração da autora.

Fonte: CDM Fundo OFIDAS, Cx. 05, Assistência Social, Relação de Casos Especiais, *Casos do Serviço Social da OFIDAS considerados vítimas de perseguição Política – Racial – Religiosa – Econômica*, 1963, não paginado.

Sublinhamos que essas famílias chegaram ao território brasileiro a partir do final da década de 1940 até 1960, sendo que a maioria chegou durante os anos 1950. Tal período compreende o período do pós Segunda Guerra e das tensões desencadeadas no mundo árabe a partir da fundação do estado de Israel. Contudo, é importante ressaltar que essas amostras correspondem a apenas um grupo específico atendido pela OFIDAS, ou seja, das pessoas consideradas vítimas de perseguição política, racial, religiosa ou econômica que recorreu à Organização até outubro de 1963.

Finalmente apontamos que a existência de registros específicos para pessoas que eram sobreviventes do genocídio europeu e de demais perseguições antissemitas indica o reconhecimento da especificidade destes atendidos pela OFIDAS. Essas pessoas foram impelidas a migrar, assim, de acordo com Póvoa: “Durante o período obscuro na Europa, os judeus deixaram de ser imigrantes espontâneos ou forçados para se tornarem refugiados de guerra e de perseguições anti-semitas” (PÓVOA, 2007, p. 80). Além da necessidade de reconstruir sua vida material, eles tiveram de lidar com a memória do genocídio e perseguições das quais sobreviveram.

### 3.3) Algumas experiências migrantes – Anos 1950

Um relatório nos traz dados sobre imigrantes que chegaram ao Brasil entre os anos 1953-1959<sup>156</sup>. Na primeira parte do relatório, há uma relação de casos chegados de Israel atendidos nos departamentos da OFIDAS durante os anos de 1956 a 1958.<sup>157</sup> Este foram atendidos de acordo com suas necessidades específicas. São 103 casos registrados; de modo geral, famílias compostas por mãe, pai e filhos – sendo apenas um caso relatado como pessoa que imigrou sozinha. As profissões dos adultos são: alfaiate, costureira, desenhista, doméstica, enfermeira, ambulante, sapateiro, massagista, professora, mecânico, tintureiro, açougueiro, jornalista, padeiro, comerciante, professora de piano, tipógrafo, cabelereira, chaveiro, barbeiro, carpinteiro, eletricitista, pintor de paredes, carregador, marceneiro, balconista, encanador, vendedor, porteiro, camiseiro, artista, operário, ourives, *chauffer*, “malharia”, “consertadora de meias”, “fazedor de bolsas”, “oficina” [proprietário?], “cintos” [vendedora?], “indústria” [operário?] e mais 14 adultos sem profissão especificada. Dentre essas profissões, algumas são exercidas majoritariamente por mulheres, como o caso de domésticas e costureiras. Outras tem maioria masculina, como no caso dos comerciantes e ambulantes (ou mascates), atividade esta muito comum aos imigrantes judeus recém-chegados<sup>158</sup>. Aqui é importante acrescentar que, no que toca às profissões exercidas por imigrantes, “o mercado de trabalho da sociedade receptora (paulistana) é que norteia a inserção ocupacional dos imigrantes aliado à carga cultural, entendida como a sua origem e experiência de vida (Cf. KOSMINSKY, 2000). Considerando que a São Paulo da primeira metade do XX vivia um processo de industrialização e urbanização intenso – aliada à ausência de experiência de trabalho agrícola de muitos judeus vindos da Europa – grande parte dos que chegavam à capital paulista encontraram como meio de subsistência o exercício de atividades ligadas às áreas do comércio e da prestação de serviços.

---

<sup>156</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 05, Assistência Social, *Relatórios de Imigrantes (1953-1959)*, sem data, não paginado.

<sup>157</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 05, Assistência Social, *Relatórios de Imigrantes (1953-1959)*, *Casos Chegados de Israel que Foram Atendidos nos Diversos Departamentos da OFIDAS durante os anos de 1956 e 1957 – 1958*, sem data, não paginado.

<sup>158</sup> “Com exceção dos que se estabeleceram nos projetos de assentamento rural, praticamente todos os judeus que vieram para o Brasil nesta época foram suburbanos e um número muito grande viveu de mascatear, vender a prestações” (KIRSCHBAUM, 2000, p. 26).

Ainda de acordo com o relatório de imigrantes (1953-1959) em questão, a grande maioria dos filhos de cada casal era formada por crianças e adolescentes. Deste modo, boa parte estava em idade escolar, sendo vários os casos de encaminhamento para o Lar das Crianças da OFIDAS e para a Colônia de Férias. Além deste, outros auxílios concedidos foram ajuda financeira para pagamento de aluguel, fornecimento de recursos para alimentação e compra de máquina de costura; encaminhamento para maternidade no caso de mulheres grávidas; bem como encaminhamento para a Peah<sup>159</sup> (departamento de distribuição de roupas), para o departamento de Higiene Infantil e de Orientação Profissional. Também foram oferecidos tratamento dentário, teste psicológico e até mesmo encaminhamento para um “lar substituto”, no caso de duas crianças – uma delas, cuja mãe havia falecido.

Alguns foram encaminhados para cursos, como um especial de admissão para imigrantes (mantido pela OFIDAS), para os antigos “primário” e “ginásio”, para a Escola do Comércio, para cursos de datilografia e inglês, aulas de português (também mantido pela OFIDAS), além de receberem ajuda para aquisição de materiais escolares e uniformes.

Este grupo, no geral, era formado de famílias compostas por mãe, pai e filhos. Percebemos que a maioria dos filhos eram encaminhados ao Lar das Crianças da OFIDAS, possibilitando a liberação dos pais para o mercado de trabalho.<sup>160</sup> Ademais, chama atenção o considerável número de mulheres que exerciam alguma atividade remunerada, contrariando a noção então difundida de que o trabalho feminino deveria ser unicamente o doméstico<sup>161</sup>. De acordo com Fonseca (2013, p. 517):

---

<sup>159</sup> “Por que Peah? – Em hebraico significa ‘canto’ ‘extremidade’, trata-se da Reserva das extremidades do campo cultivado para uso dos necessitados”. (CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 08, Divulgação, *Folheto*, FI0008-COM.PB-L4/31, 1969, não paginado).

<sup>160</sup> De acordo com Matos, Truzzi e Conceição (2018, p. 03): “Neste intenso processo de deslocamento, não houve um padrão único, sendo marcado por toda uma complexidade de situações vivenciadas: muitos imigrantes eram chefes de família, vieram antes de seus familiares que ficaram aguardando pela reunificação familiar; em outros casos, a família veio junta, mas nem todos permaneceram unidos no novo contexto, outros chegaram sós ainda jovens e aqui constituíram novas relações familiares”. Entretanto, nos casos dos atendidos pela OFIDAS que aqui trabalhamos, a grande maioria era referente a famílias compostas por mãe, pai e filhos.

<sup>161</sup> “O processo de urbanização e industrialização de São Paulo intensificou a circulação de pessoas pela cidade, com o crescimento do emprego da mão de obra feminina, ampliando a preocupação com a normatização de comportamentos, que deveriam ser retificados para acompanhar os novos padrões” (MATOS, 2018, Kindle Edition, Location 466).



A norma oficial ditava que a mulher devia ser resguardada em casa, se ocupando dos afazeres domésticos, enquanto os homens asseguravam o sustento da família trabalhando no espaço da rua. Longe de retratar a realidade, tratava-se de um estereótipo calcado nos valores da elite colonial, e muitas vezes espelhado nos relatos de viajantes europeus, que servia como instrumento ideológico para marcar a distinção entre as burguesas e as pobres. Basta aproximar-se da realidade de outrora para constatar que as mulheres pobres sempre trabalharam fora de casa.

A maioria das mulheres dos casos aqui apresentados eram pobres e exerciam alguma atividade remunerada, dentro ou fora do lar. Essas mulheres – pobres, migrantes, imigrantes ou descendente de imigrantes – eram importantes não somente no exercício dos esperados papéis de mãe e esposa, mas sendo também essenciais na manutenção financeira do lar.

### **3.3.1) Casos: A Centralidade da Saúde**

Outra parte do mesmo relatório de imigrantes (1953-59) traz informações sobre pessoas vindas de outras regiões, além de Israel, durante os anos 1950 – como da Hungria, Egito, Romênia e Áustria. Acreditamos que aqui cabe a reprodução de alguns dos casos registrados, a fim de trazer à luz experiências de alguns dos imigrantes que aqui chegaram e, assim, conhecer parte de suas trajetórias.

● **O caso da família G.** foi encaminhado para a OFIDAS em agosto de 1957. A família havia chegado de Israel um ano antes, em agosto de 1956. A senhora G. tinha origem nacionalidade polonesa e era mãe de duas crianças, R. de 13 anos e C. de 5. A primeira solicitação de G. a OFIDAS foi o aceite do filho C. na creche da Organização (Lar das Crianças). Na Europa, G. e sua filha R. tinham tido problemas no pulmão, o que fez a OFIDAS acompanhá-las em tratamento médico.

Quando o caso da família chegou à OFIDAS, o Sr. G. não havia conseguido trabalhar no Brasil, o que o levou a imigrar para o Canadá, por meio de uma chamada de um amigo. De acordo com o relato da Sra. G., apesar de o marido não ter conseguido “se arrumar por lá também”, o mesmo resolveu não voltar: ele mandava cartas dizendo que ia buscar a família, mas não o fazia (pelo menos até maio de 1958, quando do registro do

caso). O fato de ter tido tuberculose dificultava a Sra. G. em trabalhar. A família morava num apartamento alugado, sendo dois quartos sublocados para terceiros, o que ajudava no pagamento do aluguel. O complemento da renda era obtido por auxílio financeiro da OFIDAS e Ezra.

- **O caso da família D.** foi encaminhado à OFIDAS em agosto de 1957, tendo a família chegado de Israel em dezembro de 1956. Tratava-se de uma mãe, um pai e o filho U. de 5 anos, todos provenientes de Israel. Quando a OFIDAS pegou o caso, o Sr. D. trabalhava numa fábrica e a Sra. D estava doente, o que a impossibilitava de cuidar do filho. Foi feito um estudo do caso e decidiu-se por afastar a criança do núcleo familiar durante dois meses. Neste tempo, a Sra. D. começou tratamento médico e apresentou melhora. Recuperada, a mesma começou a trabalhar como ambulante junto ao marido, que havia deixado a fábrica. Com tais melhoras, U. voltou para casa e passou a frequentar o Lar das Crianças como semi-interno. Como a família morava numa casa insalubre e úmida, a OFIDAS os ajudou a encontrar nova moradia, onde se assentaram e passaram a sublocar um quarto. Após receberem auxílio financeiro por um tempo, foi diagnosticado em 1958 que a família estava possibilitada a se manter sozinha e passaram a ser contemplados apenas com a vaga na creche para o pequeno U.

- **O caso da Sra. P.** é um dos poucos auxiliados pela OFIDAS como fora de um núcleo familiar. A Sra. P. era viúva e não tinha filhos pequenos, era de nacionalidade húngara e seu único filho trabalhava no Paraná. Seu caso passou a ser atendido pela OFIDAS em setembro de 1957. Segundo o relatório, ela estava muito doente e “desequilibrada” e fazia um tratamento médico no Hospital das Clínicas. Ela vivia exclusivamente dos auxílios da OFIDAS e Ezra, pois seu filho não a ajudava.

- **O caso do casal S.** foi encaminhado à OFIDAS em agosto de 1957. Tinham nacionalidade romena, mas vieram de Israel, chegando ao Brasil em setembro de 1956. Tratava-se de um casal sem filhos e muito doente, o que os incapacitava de trabalhar. Até 1958 moravam num quarto simples e recebiam auxílio financeiro da OFIDAS e Ezra.

● **O caso do Sr. G.**, é um dos poucos que encontramos como registrado como o de um homem. A imensa maioria era registrada em nome da mulher da família ou do casal, o que indica que a maior parte das pessoas que recorria à OFIDAS era feminina. Entretanto, o caso do Sr. G. indica que o gênero não era impeditivo para receber auxílios da Organização. Registrou-se que o Sr. G. tinha uma esposa, mas foi ele o encaminhado pelo Conselho de Assistência Social para a OFIDAS. De nacionalidade romena e vindo de Israel, o mesmo estava esperando um empréstimo para trabalhar como ambulante. Enquanto o empréstimo não havia sido liberado, o Sr. G. contou com auxílio para manutenção de sua família. Após começar a trabalhar como ambulante, estabilizou-se financeiramente, não havendo mais necessidade de contar com ajuda da Organização.

● **O caso da família A.** foi encaminhado à OFIDAS em agosto de 1957. A família veio do Egito e chegou ao Brasil em maio de 1957. Era composta pela mãe e quatro filhos, sendo o pai já falecido. A Sra. A. era doente do coração e quase impossibilitada de trabalhar. Ela morava com suas duas filhas mais velhas casadas, genros, netos e seus dois filhos menores (de 12 e 8 anos). Recebeu ajuda para alimentação durante alguns meses, enquanto a família não havia se estabilizado. Quando os genros passaram a ganhar melhor e a filha mais velha conseguiu emprego, a Sra. A. pode dispensar o auxílio até então recebido.

● **O caso do casal A.:** tinham nacionalidade romena, mas vieram de Israel, juntamente com suas quatro filhas já adultas e casadas. O casal A. era idoso e tinha chegado ao Brasil em fevereiro de 1957. Seu caso deu entrada na OFIDAS em dezembro do mesmo ano. A Sra. A. era “muitíssimo doente” e fazia tratamento da *Linath Hatzedek* (Policlínica). Devido à idade e aos problemas de saúde, a mesma não conseguia emprego. Em julho de 1957 conseguiram um empréstimo para aquisição de um carro para venderem frutas e verduras, entretanto, isso não chegou a ser efetivado. Segundo a fonte, o casal era “muito infeliz”, viviam na casa de uma das filhas e a situação era de “grande miséria”. A OFIDAS e a Ezra a eles concederam ajuda financeira mensal.<sup>162</sup>

---

<sup>162</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 05, Assistência Social, *Relatórios de Imigrantes (1953-1959)*, sem data, não paginado.

Nos casos acima, chama atenção o fato de que a maior parte dos adultos atendidos foram apresentados como portadores de algum problema de saúde, de ordem física ou psíquica. Em especial as mães destas famílias, ao serem denotadas várias vezes como “desequilibradas” ou “nervosas”. O atendimento de pessoas que apresentavam alguma enfermidade foi um dos focos de atuação da OFIDAS visto que, boa parte dos registros de casos que tivemos acesso indicou o atendimento a pessoas doentes por meio de auxílios financeiro e/ou médico-hospitalar. Assim, pelos registros de casos, podemos observar que a Organização tinha uma preocupação constante em indicar o estado de saúde dos atendidos e, muitas vezes, as condições de moradia da qual estes dispunham. Considerando que instituições como a OFIDAS devem ser pensadas a partir do contexto sócio histórico do qual faziam parte, apontamos que um dos fatores para tal atenção dada às condições de saúde e de moradia de seus atendidos teria ligação com o discurso médico higienista da época em questão.

Para Nunes (1991, p. 49), desde o século XIX “se constitui, no Brasil, uma medicina voltada para o controle do meio social e da população”. Outrossim, para Matos (2003, p. 107-108), o período de arranque da urbanização coincide com a ampliação da ação da medicina na capital paulista e com a institucionalização desta como “produtora de um saber enquanto teoria e prática”. Ainda de acordo com Matos (2003, p. 109):

A expansão da teoria de Pasteur e a ideia de contágio transformaram a visão que se tinha da doença, dos corpos e da higiene: era preciso mudar hábitos e atitudes, de tal modo que o papel do médico tornou-se decisivo na configuração das pautas culturais e normativas. Assim, o cientificismo imperante nesse período permitiu aos médicos expandir o controle sobre a vida de homens e mulheres, normatizando os corpos e os procedimentos, disciplinando a sociedade, ordenando a sexualidade e os prazeres. Nesse sentido, o discurso médico apresentava a sociedade como um organismo caótico que necessitava ser regrado, estabelecendo uma oposição entre uma desordem real e uma ordem ideal, sendo a interferência do médico considerada indispensável.

Tendo em mente a centralidade que o discurso médico ganha no país no que tange à importância da saúde dos indivíduos para a aprimoramento do próprio corpo social e o desenvolvimento da nação<sup>163</sup>, consideramos que a OFIDAS incorporou e reproduziu

---

<sup>163</sup> Segundo Nunes (1991, p. 55), a partir da década de 1870 “(...) a preocupação médica sofre uma importante modificação. Apesar de persistir a perspectiva da higiene pública, a ênfase do projeto médico volta-se principalmente para uma perspectiva de formação de um novo tipo de indivíduo, para o aprimoramento da população, para a melhoria da raça”.

algumas das preocupações da medicina higienista na abordagem da sua clientela. Como conferimos pela leitura de seus registros, vem à superfície uma preocupação constante com a salubridade dos lares e uma atenção especial voltada à saúde das pessoas que recorriam à Organização. A própria estrutura da OFIDAS – como o departamento de Fonoaudiologia, Higiene Infantil, Gabinete Dentário, além dos encaminhamentos a atendimentos médico-hospitalares – é indicador da importância que a Organização conferiu aos serviços de saúde. Ademais, tal discurso extrapolou os círculos médicos e ganhou conotações políticas<sup>164</sup>, perpassando assim todo o corpo social e dando base para ações de interferência e controle do cotidiano das famílias.

Como já destacado, desde finais do século XIX que em São Paulo o desejo de modernidade se generalizava, sob o influxo da expansão urbano-industrial, do incremento do comércio e serviços e da intensificação do movimento migratório, o conjunto dessas mudanças levou a uma maior circulação dos corpos. Gradativamente, os preceitos higiênico-sanitaristas se disseminavam, procurando normatizar os corpos nos mais variados aspectos: no trabalho e na família, nos costumes e nos hábitos cotidianos, nas formas de morar, se alimentar, se comportar, se vestir, se cuidar e se embelezar, também nas práticas de higiene e nos cuidados com o corpo.

Através das ações médicas, práticas educativas e campanhas acrescidas aos esforços públicos difundiam-se padrões de higiene, que se somaram à atuação das propagandas e dos artigos divulgados na mídia (MATOS, 2018, Kindle Edition, Location 829-837).

A partir dos anos 1910, o pensamento eugenista também ganhou força.<sup>165</sup> Buscando a “melhoria étnica” do povo brasileiro, os eugenistas propalavam o branqueamento da população e a restrição dos imigrantes “indesejáveis”, que não contribuiriam com a regeneração social almejada.<sup>166</sup> Os judeus, tidos como não

---

<sup>164</sup> “As ações de políticas públicas visavam mais diretamente famílias pobres. Desse modo, as campanhas profiláticas e educativas foram encaminhadas de diferentes formas e, a partir dos anos de 1920, concentraram-se nos Centros de Saúde, que passaram a privilegiar o atendimento de crianças e mães, difundindo cuidados de higiene e nutrição” (MATOS, 2018, Kindle Edition, Location 402).

<sup>165</sup> “Desde os finais da década de 1910 que o pensamento eugenista se expandiu e se institucionalizou, ampliando sua ação político-doutrinária e desempenhando influência marcante no delineamento do papel de homens, mulheres e da família. Procurando difundir as ideias de melhoria étnica, os eugenistas apoiavam a maternologia, reforçando as funções cívicas das mulheres na garantia do aperfeiçoamento e fortalecimento das futuras gerações” (MATOS, 2018, Kindle Edition, Location 498-505).

<sup>166</sup> “O discurso eugênico apresentava alguns pontos básicos para a regeneração social e moral dos cidadãos brasileiros: a luta contra a sífilis, vinculada à defesa da abstinência sexual antes do casamento, e a fidelidade conjugal como elementos saneadores da sociedade; combate à prostituição, ao álcool e às drogas; defesa da

assimiláveis ou “imigrantes impopulares” (LESSER, 2001, p. 234), não se encaixavam no perfil desejado de imigrantes que viabilizariam o branqueamento da população brasileira (branco, europeu, cristão)<sup>167</sup>, visto que “o racismo refletia-se nas exigências com respeito à etnia do imigrante” (COSTA, 2006, p. 121).

Cabe destacar que em São Paulo o discurso eugênico adquiriu contornos próprios. O intenso processo de imigração numa sociedade recém-egressa da escravidão e na qual os conflitos étnicos e a xenofobia se expressavam cotidianamente colocou no centro das preocupações a expansão do número de famílias estrangeiras. Apesar de se considerar a imigração um benefício para o país, “fator eugênico e de progresso”, uma contribuição ao aumento do sangue ariano num país marcado pela negritude, ponderava-se que as entradas de estrangeiros deveriam ser regradas, evitando-se a introdução de moléstias exóticas e de elementos que levassem à desorganização social – “os muito velhos, tarados, loucos, criminosos, degenerados, vagabundos, desordeiros, anarquistas, indesejáveis politicamente”.

Justificava-se a necessidade da regulamentação da imigração com cauteloso controle seletivo, dando preferência aos mais assimiláveis (MATOS, 2018, Kindle Edition, Location. 512-520).

Entretanto, sustentamos que a OFIDAS, como organização instalada em território brasileiro e participante daquela dinâmica sócio histórica, não passou ao largo do debate sobre a higienização social. Tendo o discurso médico ganhado importância central em torno do debate sobre a nação que desejávamos ser, acreditamos que a OFIDAS incorporou alguns dos elementos do conhecimento médico de abordagem higiênico sanitaria, ainda que na ponta extrema da questão, a abordagem eugênica excluía os judeus do seu projeto de nação brasileira. Assim como Couto (1994, p. 57), percebemos nos nossos relatos a “presença do saber médico entre os leigos”<sup>168</sup>. Além disso, a preocupação com a higiene dos lares e com a saúde dos seus atendidos também pode ter tido causa na própria tentativa de manutenção da família judia e de sua continuidade quanto grupo étnico-religioso em território brasileiro, pelo menos até os anos 1950,

---

educação sexual e moralização dos costumes; o aperfeiçoamento de medidas legislativas de higiene pré-nupcial e regulamentação da imigração” (MATOS, 2003, p. 124).

<sup>167</sup> “Os imigrantes desafiavam os conceitos simplistas de raça, acrescentando à mistura um elemento novo: a etnicidade. Todos os 4,55 milhões de imigrantes que entraram no Brasil entre 1872 e 1949 trouxeram consigo uma cultura pré-migratória e criaram novas identidades étnicas. Entretanto, foram os 400 mil asiáticos, árabes e judeus, considerados não-brancos e não-pretos, que mais puseram em xeque as ideias da elite sobre a identidade nacional” (LESSER, 2001, p. 25).

<sup>168</sup> “Da mesma forma que a Medicina defendia valores sociais, leigos veiculavam as crenças médicas (...)” (COUTO, 1994, p. 57).

quando a grande maioria da clientela da OFIDAS era composta por imigrantes judeus e seus descendentes de primeira ou segunda geração. Sendo a família e, especialmente a mulher, entendidos de modo geral como alicerces para a continuidade da religião e suas tradições, fazia-se necessário distanciá-las do perigo da degradação.<sup>169</sup>

### **3.3.2) Caso J.**

Encontramos um caso mais detalhado sobre a situação geral de uma família imigrante judia atendida pela OFIDAS na década de 1950. Como veremos, ainda nesta década, eram várias as observações dos funcionários da Organização sobre o estado de saúde dos atendidos e sobre o local onde habitavam. Tratava-se de uma família cujo pai tinha nacionalidade romena, a mãe austríaca e a filha israelense. O Sr. J. tinha 53 anos e era massagista, enquanto a Sra. J. era enfermeira e pedicure e tinha 42 anos. Abaixo transcrevemos parte do relatório sobre a situação da família:

Apresentação do caso: A família nos procurou em Janeiro de 1959, solicitando a admissão na creche de sua filha A., nascida em 4.3.55.

Haviam chegado de Israel há 4 meses.

---

<sup>169</sup> “Embora na maioria dos estudos só se fale dos judeus como um todo ou mais especificamente dos homens, a verdade é que é de enorme relevância o papel da mulher judia na construção e conservação da comunidade judaica. O principal papel da mulher judia é a maternidade, função essa que se impõe de uma forma incontornável na vida da mulher (...). É também à mulher que compete atribuir um nome aos seus filhos quando nascem. E na parte final da vida é à mulher que é atribuída a função de carpideira, entoando os lamentos. A mulher estava também destinada aos cuidados do lar e à educação dos filhos, tendo a seu cargo a educação religiosa das crianças, sendo que a tradição judaica era passada de mãe para filhos” (MIGUEL, 2007, p. 126). Entretanto, Kochmann (2005, p. 35-36) pondera que “O lugar da mulher dentro do Judaísmo deve ser analisado à luz do contexto histórico em que se desenvolveu”: “O lugar da mulher no Judaísmo variou segundo o contexto histórico, social, político e religioso. Ele se expressa em todos os campos da vida cotidiana, desde as diferentes rezas da liturgia até a divisão das tarefas no âmbito público e particular, passando pela liberação da obrigação do cumprimento de alguns preceitos, o que determina – segundo a tradição estabelecida por homens –, as prioridades a que as mulheres deveriam dedicar o seu tempo. Acompanhando as mudanças do papel da mulher na sociedade em geral, os movimentos religiosos liberais judaicos permitem a participação igualitária da mulher judia em todos os níveis, inclusive a ordenação de mulheres rabinas. (...)”

As revoluções sociais e a evolução do papel da mulher que se processaram ao longo do século XX levaram a mulher judia a exigir igualdade entre os gêneros em todas as fases da vida judaica, tanto na sinagoga quanto no lar. No entanto, nem todas as correntes religiosas judaicas, nem a sociedade em geral, ainda estão prontas para isso”.

O Sr. J. é uma pessoa com boa aparência, parece ter um bom nível; é inválido de guerra, tendo um defeito na perna direita, usando uma bota especial, anda porém perfeitamente bem.

A Sra. J. é uma pessoa baixa, um pouco gorda, de boa aparência.

Situação Social: Anterior: A Sra. J., casada em primeiras núpcias, tinha uma filhinha de 5 anos; morava em Viena, em companhia do seu marido, a filha e sua mãe. Durante um bombardeio, perdeu todos os seus familiares, inclusive a filhinha.

Atual: A Sra. J., tendo ido posteriormente para a Rumania, casou-se com o Sr. J., com quem tem uma filha, A., atualmente com 4 anos de idade.

Como a situação da família era difícil, na Rumania, imigraram para Israel, onde permaneceram durante 8 anos.

Situação Profissional: O casal em Israel possuía um pequeno sanatório para convalescentes. O Sr. J. dirigia e trabalhava como massagista; a Sra. J. como enfermeira. Num determinado período, o Sanatório entrou numa fase deficitária e foi nesta época que a família resolveu vir para o Brasil.

No Brasil não conseguiram um emprego fixo para o Sr. J.

Sabemos que o Sr. J. esteve em inúmeros institutos de fisioterapia e neste sentido ajudamo-lo a procurar em jornais, junto ao Comitê de Colocação, porém não conseguiu nada.

Montou em sua casa, com um empréstimo de Cr. \$: 20.000,00 que levantou junto à Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro, um pequeno instituto para massagens. Este porém não teve sucesso, pois o proprietário do prédio não permitiu que colocassem alguma propaganda na porta; resolveram então fazer cartões de visita, que distribuíram para os seus conhecidos e junto à organizações, colocaram anúncio em jornais. Mesmo assim, não aparecia clientes.

A Sra. J. neste interim trabalhava fazendo pedicure à domicílio, fazia cremes, água de colônia, que vendia na rua.

Moradia: A família habita um apartamento no centro da cidade, cujo aluguel é de Cr.\$ 6.000,00.

O mesmo é composto de uma sala grande, dormitório, cosinha [sic] e banheiro.

Os moveis são pouquíssimos, só o estritamente necessário. Na cosinha [sic] há mesa para massagens e demais pertences necessários para este serviço.

O aspecto higiênico é ótimo, dando a impressão do aspecto econômico ser melhor do que realmente é.

Alugaram este apartamento no centro, pois o seu plano era de, sendo o mesmo bem localizado [sic], facilitar a clientela.

Condições de saúde: A Sra. M. [J], segundo nos contou, sempre gozou de boa saúde.



Após a sua chegada ao Brasil, sofreu um aborto terapêutico. Posteriormente começou a sentir cólicas intestinais muito fortes e sua barriga inchava muito, dando a impressão de gravidez.

Tratou-se durante alguns meses e após inúmeros exames de laboratório, chapas, resolveram encaminhá-la ao Hospital das Clínicas; neste [ilegível] novamente estudaram o seu caso e deram-lhe um tratamento que não deu resultado.

A Sra. J. continua com cólicas fortíssimas, conforme nos contou e pela manhã sua barriga é pequena e até à noite cresce bastante.

Matrícula na creche: A. foi aceita, pois a Sra. J. precisava tratar-se e também fazia serviços para fora, não podia portanto deixar a menina em casa sózinha ou levá-la consigo.

Andamento do caso: Acompanhamos durante os meses posteriores o caso, e sabíamos que apesar do esforço do Sr. J., não conseguia nenhum trabalho; a Sra. J. sofria muito com esta inatibilidade [sic] e sentia-se muito envergonhada quando tinha que recorrer à organizações para uma ajuda financeira.

Resolveram posteriormente aceitar um emprego num internato, ela como cosinheira [sic], ele como jardineiro; não foram porém aceitos.

O casal colocou um anúncio no jornal, seguindo nossa sugestão; apareceu um emprego de enfermeira particular para a Sra. J.; a mesma ficou muito satisfeita, tendo aceito. Só ficou um mês neste emprego, pois tratava-se de uma pessoa idosa e neurótica, que a fazia subir e descer as escadas muitas vezes por dia.

Em Maio o estado de saúde da Sra. J., físico e psíquico era muito precário. Seu aspecto era muito triste e abatido; sua barriga muitíssimo inchada; chorava sem se controlar.

O Sr. J. também muito triste com toda a situação, perdeu aquele aspecto alegre que sempre tivera.

Durante estes meses a Sra. J. fazia tratamento médico.

Como A. faltava muito na creche, fomos fazer uma visita e soubemos que devido à distância, não podem trazê-la; a Sra. J. gostaria muito que A. fosse para um internato, pois desta forma não sentiria a precariedade de sua casa (às vezes faltava comida).

Comunicamo-nos com o médico da Sra. J., tendo o mesmo nos dito que A. deveria ir para um internato e que a Sra. J. necessitava de ‘completo repouso’.

Providências da Assistente Social: Em Junho tivemos contato com a Sra. J., a situação continuava a mesma, porém soubemos que ela queria consultar outro médico. Marcamos consulta no Instituto de Gastroenterologia [sic], onde após munucioso [sic] exame, ‘nada foi encontrado’.

Como este médico opinou também que a Sra. J. iria ficar sob sua observação e em repouso, a menina que preocupava a mãe, foi internada no Lar da CIP.

O médico recomendou tratamento com ginástica, massagens e comprimidos para dormir; nada encontrou porém de anormal na parte anatômica.

Após 20 dias, acompanhamos a Sra. J. novamente para consulta, a mesma continuava se sentindo muito mal. O médico recomendou um regime, sem ter nenhum diagnóstico ainda.

Posteriormente marcamos entrevista com o médico; o mesmo nos informou que acha que o estado da Sra. J. totalmente psíquico e que ela deveria ser encaminhada para um psiquiatra. Tivemos diversas entrevistas com a Sra. J., tentando fazê-la compreender a orientação médica.

A Sra. J. é pessoa de certo nível e entende o[s] seus conflitos, porém não consegue se desvencilhar dos mesmos. Não aceitou por enquanto a sugestão de um tratamento psiquiátrico.

NOTA: Soubemos recentemente que a família está providenciando a sua volta para Israel<sup>170</sup>.

Uma das questões que o caso da família J. traz à tona é de que nem sempre imigrantes judeus tiveram o êxito esperado na nova terra – ou mesmo em Israel. As inúmeras dificuldades enfrentadas pela família em São Paulo não tiveram um “final feliz”, contrariando o mito do imigrante bem-sucedido que, apesar de todas as dificuldades, consegue por meio do trabalho a sua inserção social e triunfo econômico.

Além do mais, a trajetória da família exemplifica a diversidade de origens e caminhos que os judeus do início do XX poderiam apresentar: a Sra. J. primeiramente imigrou da Áustria para a Romênia e, após lá conhecer o Sr. J., foram para Israel devido também à “situação difícil”. No então recém-fundado estado de Israel, tiveram uma filha e instalaram um pequeno negócio, porém, as dificuldades financeiras da família não cessaram. A decisão foi mais uma vez imigrar, dessa vez, para o outro lado do oceano. No Brasil, entretanto, perante a dificuldade de encontrar emprego, encontraram na OFIDAS algum suporte que lhes auxiliou durante os primeiros meses de estadia. O documento não indica se a família já possuía parentes ou conhecidos na cidade, mas nos informa sobre parte das possibilidades de ação da OFIDAS no caso de imigrantes recém-chegados.

A OFIDAS atuou no caso a partir do encaminhamento do Conselho de Assistência Social da Federação (formado em 1949). Este Conselho e o Comitê de Emergência de

---

<sup>170</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 05, Assistência Social, Relatórios de Imigrantes (1953-1959), *Casos Transferidos do Conselho de A. S. para a OFIDAS*, sem data, p. 01-03.

Assistência aos Imigrantes (1946) foram criados pela coletividade judaica como resposta à expectativa de, após o fim da Segunda Guerra, receber uma expressiva leva de sobreviventes e refugiados. O estado de saúde – físico e psíquico – da Sra. e do Sr. J. nos informa sobre o quanto os traumas e experiências anteriores podiam continuar influenciando nas tentativas de recomeço.

A OFIDAS ajudou o Sr. J. a procurar emprego, entretanto, a atuação da Organização junto à Sra. J. é posto em destaque pela fonte em questão. Além da procura por emprego, a OFIDAS a acompanhou no tratamento médico e no cuidado com a filha. A “vergonha” da Sra. J. em precisar de ajuda financeira de uma organização é explicitada, assim como seus esforços perante aos problemas de saúde que surgiram após um aborto. A decisão de retornar a Israel não indica simplesmente um fracasso ou desistência por parte da família J., mas mais uma tentativa de recomeço, apesar dos empecilhos que encontraram.

Contudo, esse caso retoma e exemplifica amplamente a centralidade conferida às condições de saúde e higiene naquele contexto. Tendo em mente que a busca pela higienização da sociedade foi uma constante durante as primeiras décadas do século XX, encontramos correlação entre os casos até aqui apresentados e tal preocupação com a higiene das famílias e dos lares. No caso da família J, são feitos vários apontamentos sobre os aspectos físicos dos componentes da família e suas condições de moradia – “inválido de guerra”, “defeito na perna direita”, “senhora baixa, um pouco gorda, de boa aparência”, “aspecto higiênico [da casa] é ótimo”, “aspecto era muito triste e abatido”. A partir da leitura geral das fontes e dos casos transcritos, nos chama atenção novamente o número de casos de mulheres classificadas como “desequilibradas”, “nervosas” e “neuróticas” – como a senhora J. Neste ponto, é importante apontar que a psiquiatria era um campo da medicina então em evidência, este também sendo influenciado por concepções eugênicas. Segundo Nunes (1991, p. 56):

(...) a instituição psiquiátrica ganha um lugar de relevo nos discursos médicos. Preocupando-se basicamente com o aspecto da formação moral dos indivíduos, o saber psiquiátrico se expande, voltando-se para uma perspectiva específica de higiene moral, complementando uma tarefa que a higiene pública inaugurou de forma bastante eficiente. A psiquiatria se constitui, enquanto projeto social, em uma nova modalidade de higiene, que se passa no nível dos sentimentos, das emoções e das paixões.

Inclusive, os problemas de saúde da Sra. J. foram interpretados pelo médico como de fundo psíquico, recomendando o encaminhamento a um psiquiatra. Trabalhos atuais tratam sobre o quanto a condição de ser mulher pode influenciar na saúde mental, como Santos e Diniz (2018, p. 39) que, ao escreverem sobre a especificidade da saúde mental de donas de casa (papel que as mulheres atendidas pela OFIDAS desempenhavam), ressaltam:

Ser dona de casa coloca mulheres em situação de vulnerabilidade. Há riscos decorrentes, muitas vezes, da multiplicidade de papéis desempenhados e das inúmeras situações estressoras às quais as mulheres estão mais propensas. Tais vulnerabilidades relacionais, associadas por questões sociais e econômicas, tais como as violências e a feminização da pobreza, podem comprometer a saúde mental de mulheres (...).

Entretanto, essa é uma concepção contemporânea da questão. No começo do XX, a psiquiatria fortemente influenciada pelos debates higienistas e eugenistas<sup>171</sup>, relacionava a condição feminina diretamente a um maior risco de problemas de ordem psíquica – como a loucura e a histeria – devido a sua suposta inferioridade natural e de aquisição orgânica<sup>172</sup>. Surge ainda a noção de degeneração, sendo o degenerado aquele que ameaça o projeto de promoção de um novo corpo social e a normalização da população<sup>173</sup>. A higiene mental se torna então um dos pilares do projeto médico de higiene social (Cf. NUNES, 1991, p. 57). Ainda de acordo com Nunes (1991, p. 57), “Apoiada nessas teorias, a medicina cria um novo tipo de patologia que abre espaço para que se trate todo e qualquer desvio de comportamento como sinal de degeneração psíquica”. Neste contexto, a mulher se torna cada vez mais um dos temas de estudo da medicina:

O tipo de vida levado pelas mulheres, as suas atividades sociais e produtivas, se tornam alvos de críticas e das preocupações médicas. Dentro da estratégia de regeneração social, o aparecimento de um tipo de mulher mais voltado para o mundo externo à casa é um problema novo, já que as mulheres aparecem com novas formas de vida, podendo

---

<sup>171</sup> “A psiquiatria brasileira foi acentuadamente influenciada pelas ideias eugenistas, tendo transformado os limites da normalidade em parâmetros da saúde social, que deveria ser defendida da degeneração. Enquanto instrumento de controle da sociedade, atuou sensivelmente também nas relações de gênero”. (COUTO, 1994, p. 53)

<sup>172</sup> Cf. NUNES, 1991, p. 61-64.

<sup>173</sup> “Nessa perspectiva, ganha vulto a noção psiquiátrica de degeneração psíquica, uma desordem nos centros nervosos capaz de produzir tais perturbações no pensamento e nos sentimentos que tornaria os indivíduos pouco aptos à vida” (NUNES, 1991, p. 56).

tornar-se uma grande ameaça ao ideal de esposa e mãe. (...). Os textos médicos mudam de tom e constroem um novo tipo de saber sobre a mulher, tentando demonstrar que, se por um lado ela está voltada para o amor, é também capaz de se tornar autora de grandes atos anti-sociais. O sexo feminino não será mais, a partir de agora, o lugar das virtudes e dos bons sentimentos, mas também, e principalmente, um lugar onde os maus instintos podem se desenvolver. Tomando como base o estudo dos fenômenos sociais como aborto, infanticídio, prostituição e loucura, detectam-se sinais de uma monstruosidade peculiar a toda e qualquer mulher. Vemos então intensificar-se uma corrente segundo a qual o sexo feminino possui uma base degenerada, que predispõe ao aparecimento de comportamentos anti-sociais, por ter sido submetido a um processo civilizatório inadequado, que o tornou menos desenvolvido (NUNES, 1991, p. 60).

Assim, o estado “nervoso” e “desequilibrado” das mulheres atendidas pela OFIDAS poderia ser lido como entrega à sua fragilidade natural: “Ressaltando algumas formas de doença mental típica das mulheres, os discursos médicos atribuem ao sexo feminino maior predisposição para a loucura em função de sua constituição física mais sujeita a abalos morais” (NUNES, 1991, p. 64). Segundo Couto (1994, p. 56):

Analogamente, o gênero feminino, na concepção dos parâmetros de sua normalidade, trazia em si a essência da loucura. Ao mesmo tempo que à mulher era atribuído o controle do lar, dela também esperava-se a fragilidade, a vibratilidade e a infantilidade, elementos inerentes a sua vitimização. Da mesma forma que a razão contém a desrazão (Foucault, 1987), a santidade contém o pecado, relação que se reproduz entre sanidade e loucura. Essa similitude entre feminino e loucura é um fator explicativo (talvez não o único) da equiparação jurídica entre mulher, silvícola e alienado.

Ao aproximar a mulher da precariedade psíquica, o discurso médico atribuiu *status* científico ao longo mito da inferioridade feminina. Acreditamos que elementos deste discurso perpassou a sociedade como um todo, referendando os estereótipos da mulher “louca”, “histérica”, “nervosa”, “desequilibrada”, “neurótica”. Ao encontrarmos alguns destes termos dos relatórios de casos da OFIDAS, devemos refletir sobre sua subjetividade e sobre o fato de que apenas mulheres foram deles merecedoras<sup>174</sup>. Assim, lemos tais termos como socialmente atribuídos, sendo necessária sua desnaturalização.

---

<sup>174</sup> “A essência da loucura inerente ao gênero feminino está explícita no seguinte parecer de Antonio Carlos Pacheco e Silva: ‘Se no homem os fatores psicogenéticos exercem indiscutível influência sobre a esfera somática, a despeito de ser esse o sexo forte e, como tal, mais resistente às emoções, que dizer da mulher que é como todos nós reconhecemos de constituição frágil e delicada, sensível e vibrátil (...) Toda a vida

Dos casos de mulheres atendidas pela OFIDAS até aqui apresentados, acreditamos que a constante adjetivação de “nervosas” e “desequilibradas” não deve ser lida como totalmente objetiva ou como diagnósticos médicos desprovidos de intencionalidades. Contudo, também deve-se considerar o estado de maior vulnerabilidade econômica e social que tais mulheres se encontravam – como as dificuldades de adaptação ao novo território no caso de imigrantes e/ou a responsabilização excessiva que lhes era atribuída ao lidarem com as simultâneas funções de dona-de-casa, mãe, esposa e provedora financeira do lar. Tais casos nos parecem se situar no espaço de convergência entre o real estado de vulnerabilidade em que se encontravam e as subjetividades dos discursos tecidos sobre elas. Assim como Couto (1994), ao analisar casos de mulheres internadas no Sanatório do Pinel de Pirituba, acreditamos que algumas das mulheres classificadas como portadoras de desequilíbrios mentais “com certeza vivenciaram crises emocionais graves relacionadas aos valores sociais da época (COUTO, 1994, p. 57).

São vários os relatórios de atendidas pelas OFIDAS que aparecem o termo “nervosas” e correlatos. Como veremos, há casos do tipo até a década de 1970, quando do final da Organização. Os registros em questão nos apresentam várias questões sobre as experiências dos indivíduos atendidos, entretanto, o tema dos desequilíbrios mentais de mulheres surge com considerável frequência. A seguir continuaremos trabalhando com os registros de casos, apresentando algumas questões que as fontes possibilitam análise, mas é importante observar que a saúde mental das mulheres atendidas emergia constantemente nas fontes apresentadas.

### **3.3.3) Casos do Departamento Escolar e o Lar da Criança Israelita: o trabalho extradoméstico feminino**

Num relatório de 1957 sobre os casos do Lar da Criança da OFIDAS, temos acesso a algumas informações gerais sobre 66 famílias atendidas. O relatório foi elaborado com base em visitas domiciliares, entrevistas realizadas com os pais das crianças e discussão de cada caso pela assistente social e um membro da Comissão do Lar da Criança. As

---

feminina gravita em torno de apreensões, preocupações, e surpresas, de anseios e desilusões, de dúvidas e incertezas, que a acompanham através da vida toda (...) A constituição hiperemotiva, esse estado de vibratibilidade tantas vezes observado no sexo feminino, predispõe a mulher a uma série de neuroses’ (1950. p. 22-3)” (COUTO, 1994, p. 56).

famílias foram categorizadas pelos parâmetros da situação sócio econômica que então se encontravam. Registrou-se as condições de moradia destas famílias, sendo que 25 delas apresentavam “aspecto precário”, 27 “aspecto regular” e 14 “aspecto bom”. A situação financeira de 29 destas famílias foi considerada precária, outras 28 foram registradas como regular, 7 como boa e apenas 2 famílias foram consideradas de muito boa situação financeira. Nestes lares, 35 mães trabalhavam fora de casa; 16 trabalhavam em casa, outras 3 contavam com trabalho parcial, 11 mães não trabalhavam e um caso em que as visitadoras “ficaram em dúvida”. Observou-se os casos mais precários eram os das mães que não trabalhavam, sendo que algumas recebiam ajuda do departamento de Assistência Social<sup>175</sup>. Sobre o trabalho de mulheres judias imigrantes, Kosminsky (2004, p. 294) aponta que:

Habitando na sua maioria o bairro do Bom Retiro, os imigrantes judeus compartilharam da mesma pobreza que os demais imigrantes, vivendo em cortiços e quartos alugados em casas de família. As mulheres judias encontraram uma situação ambígua, precisavam trabalhar, mas o trabalho da mulher não era bem visto, nem pelos seus próprios conterrâneos e nem pelos brasileiros. No entanto, era socialmente respeitado trabalhar junto com o marido em oficinas de confecção ou em bazares e, em casa, fazendo acabamento de roupas, no caso do marido ser alfaiate. Uma grande parte das mulheres permaneceu como dona de casa, algumas completavam a renda recebendo pensionistas.

Assim, pelas fontes, observamos a importância do trabalho feminino para a manutenção destes lares, apesar do ainda forte discurso normativo que via com maus olhos o trabalho extradoméstico de mulheres. Os poucos recursos financeiros de boa parte da clientela da OFIDAS impeliam as mulheres adultas das famílias ao trabalho remunerado, apesar da ameaça de imoralidade que a rua oferecia.<sup>176</sup>

---

<sup>175</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Social, Ensino, Relatórios de casos do Departamento Escolar (1963), *Estudo dos casos do Lar da Criança Israelita, realizado em Agosto, Setembro e Outubro de 1957*, sem data, não paginado.

<sup>176</sup> “A mulher pobre, cercada por uma moralidade oficial completamente desligada de sua realidade, vivia entre a cruz e a espada. O salário míngua e regular de seu marido chegaria a suprir as necessidades domésticas só por um milagre. Mas a dona de casa, que tentava escapar à miséria por seu próprio trabalho, arriscava sofrer o pejo da ‘mulher pública’. Em vez de ser admirada por ser ‘boa trabalhadora’, como o homem em situação parecida, a mulher com trabalho assalariado tinha de defender sua reputação contra a poluição moral uma vez que o assédio sexual era lendário (...). As mulheres que trabalhavam nas tarefas caseiras tradicionalmente femininas, lavadeiras, engomadeiras, pareciam correr menos perigo moral do que as operárias industriais, mas mesmo nesses casos, sempre as ameaçava a acusação de serem mães relapsas” (FONSECA, 2013, p. 516).

Outros aspectos observados foram o estado de saúde (novamente), sendo dez deles considerados precários e o número de lares que contavam com auxílio de uma “empregada” (15 no total). No caso das famílias que tinham “empregada”, observou-se que eram, em geral, os lares que a mãe trabalhava fora e tinha mais de um filho. Após a realização deste estudo, decidiram aumentar a mensalidade em 19 casos, sendo que 3 deveriam começar a pagar. Outros (23) continuaram nas mesmas condições e 16 eram gratuitos.<sup>177</sup>

A ideia de que algumas famílias contarem com funcionário, mesmo estando em situação de penúria financeira, pode nos parecer estranho à primeira leitura. Deste modo, apontamos que o fato de pagarem um terceiro para ajudar no cuidado com a casa e filhos parecia como uma das poucas opções que as famílias tinham para conseguir trabalhar fora e prover seu sustento. Ademais, de acordo com Kosminsky (2004, p. 318):

A grande desigualdade entre as classes sociais possibilitava a algumas famílias de imigrantes judeus, apesar da pobreza, ter a seu serviço pessoas mais pobres ainda. Se isso se constitui em um privilégio de classe, do outro lado, permite a aproximação entre pessoas de origem social e étnica diferentes.

Percebemos que se tratava de famílias de baixa renda e que, com o pouco que tinham, empregavam uma pessoa a pequeno salário. Alguns membros destas famílias apresentavam algum problema de saúde ou havia ausência da mãe ou do pai:

- Família N.:

Chegaram de Israel em 1954. A situação econômica da família foi sempre precaríssima [sic]. O sr. N. trabalha como ambulante. A sra. N. é pessoa muito fraca fisicamente; possui [sic] 3 filhos: Roberto com 5 anos de idade e está na Creche, e dois meninos gêmeos com 1 ano e meio de idade. Possui [sic] uma menina menor que a ajuda na lavagem de roupas e limpeza da casa.

A sra. N. paga na Creche Cr\$500,00.

- Família K.:

---

<sup>177</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Social, Ensino, Relatórios de casos do Departamento Escolar (1963), *Estudo dos casos do Lar da Criança Israelita, realizado em Agosto, Setembro e Outubro de 1957*, sem data, não paginado.



Chegaram da Hungria em 1957. O sr. K. é inválido de guerra. Trabalham o dia todo confeccionando saias (até o momento utilizavam uma maquina de costura emprestada pela Ofidas). Possuem uma auxiliar para a Oficina, que em troca do almoço que recebe, faz 2 vezes por semana limpeza e lavagem de roupas para a sra. K.

Pagam na creche Cr\$ 500,00.

- Família W.:

Chegaram da Alemanha em 1952. O sr. W. é cardíaco, bastante descompensado, estando em constante tratamento no Instituto de Cardiologia. A sra. W. trabalha como ambulante para manter a família.

Tem uma empregada, para meio período, que cozinha e limpa a casa, bem como cuida da lavagem de roupa.

Pagam na Creche Cr\$ 300,00.

- Família S.:

A família S. chegou de Israel em 1956; sempre gosaram [sic] de uma situação econômica equilibrada.

Em 1959 o sr. S. perdeu tudo que possuíam com um sócio. O sr. S. foi trabalhar como balconista e a sra. S. como ambulante. Tem uma menor, empregada para meio período, que cuida do bebê da sra. S. que tem 2 anos.

Pagam na creche Cr\$ 500,00.

- Família N.:

A sra. N. é divorciada do marido. Trabalha o dia todo numa pequena malharia que possui [sic]. Após dois anos de casada com o sr. N. abandonou a família, deixando a sra. N. só com a filha e muitas dividas.

A sra. N. tem uma empregada da oficina que a ajuda no trabalho domestico.

Paga na Creche Cr\$ 1.000,00 e anualmente envia para a Ofidas, saldos de malhas azul marinho para crianças.

- Família P.:

A família chegou de Israel em 1957. O casal trabalha o dia todo como ambulantes, são muito esforçados.

Possuem uma empregada que faz a limpeza da casa, 2 vezes por mês.

Atualmente é que a família está conseguindo se organizar, pois até o momento a situação dos mesmos era bastante precária.

- Família K.:

Chegaram em 1954; a família é composta do casal e três filhos.

O sr. K. trabalha na compra e venda de retalhos de malharias; a sra. K. trabalha o dia todo como ambulante apesar de quase não poder andar.

Os filhos da sra. K. são crianças super dotadas artisticamente, e a sra. K. trabalha além das suas forças para poder proporcionar-lhe oportunidades.

Pagam na creche, Cr\$ 700,00, possuem empregada para o dia todo.

- Família B.:

A sra. B. possui três filhos: P. com 10 anos de idade, está em tratamento na Higiene Mental pois vem apresentando características de ser efeminado<sup>178</sup>. M. com 7 anos e que frequenta creche sofre de bronquite asmática e tem sempre acessos fortes; tem uma menina com 1 ano e meio que é míope e quase cega além de ser portadora de paralisia espástica [sic] Além disso a sra. B. ajuda o seu marido numa oficina de saias, que vai indo muito mal.

Possue uma empregada para o período integral.

Paga na Creche Cr\$ 800,00.

- Família S.:

Chegaram de Israel em 1957; a família é composta do casal e um filho de 5 anos que era uma criança bastante problema.

O casal S. trabalha fora de casa o dia todo. Possuem uma empregada que vem trazer e buscar o menino na creche. Pagam 1.000,00 mensais.

- Família K.:

Chegaram de Israel em 1954. A família chegou completamente desprovida de roupas e a situação era bastante precária. Possuem 2 filhas: 1 com 10 anos e 1 com 4 anos de idade.

O sr. K. trabalha num escritório e a sra. K. tem uma barraca na feira.

Tem uma menor que a ajuda no trabalho domestico pois que sua filha de 10 anos tambem ajuda a mãe, na compra de encomendas e outras mercadorias.

---

<sup>178</sup> “Tanto a masculinidade quanto a feminilidade são socialmente construídas. Sobre o sexo biológico são criadas demandas culturais que indicam os papéis que devem ser desempenhados pelos gêneros masculino e feminino, bem como a relação que serão estabelecidas entre eles”. (NADER, CAMINOTI, 2014, p. 01). No caso, percebemos tal construção social de gênero já partir da tenra idade, como demonstra o caso de P. que com 10 anos foi submetido a tratamento no setor de Higiene Mental da OFIDAS, visto que este apresentava características atribuídas ao sexo feminino. Em outras palavras, ao ser entendido como “afeminado”, tal atribuição foi associada a um distúrbio, a uma doença e, assim, passível de tratamento.

Pagam na creche Cr\$ 800,00.

- Família B.:

O sr. B. chegou da Polônia em 1957, com três filhos; é viúvo, sua esposa suicidou-se.

Os dois filhos maiores estão no Lar da Cip e H. [filha] com 5 anos e meio de idade está no Lar.

Tem uma empregada para o período integral.

Paga na Creche Cr\$ 400,00.

- Família S.:

Chegaram do Egito em 1959. A família é composta do casal e 2 filhos: D. [filha] frequenta o Beith Chinuch como semi-interna e A. [filho] está na creche.

O sr. S. trabalha na Federação e a sra. S. iniciou há pouco um serviço como caixa, no Clube Egípcio.

Tem uma empregada para meio período. Desde que começou a trabalhar paga na creche Cr\$500,00.<sup>179</sup>

Percebemos que apesar destas famílias não se encontrarem nas melhores condições financeiras, o auxílio de terceiros nas tarefas domésticas fazia-se necessário como apoio aos pais que não dispunham de tempo devido ao trabalho fora do lar. A “empregada” podia ser, como observamos, uma menina menor de idade e que muito pouco recebia de salário. Entretanto, tais famílias aparentemente tinham que contar com seus serviços visto que necessitavam de alguém para cuidar das tarefas domésticas e das crianças enquanto os adultos passavam o dia fora no trabalho. A existência dessas “empregadas” nos lares de quem também contava com o Lar da OFIDAS pode indicar um certo limite da capacidade de atuação da Organização, mais especificamente, da creche, que só recebia crianças a partir dos três anos de idade. Finalmente, para Kosminsky (2004, p. 317-18), deve ser colocado em relevo a questão da aproximação entre judeus e não judeus implícitas nessas relações de trabalho:

As mulheres imigrantes estabeleceram contatos de vizinhança com judeus e não judeus e, em alguns casos, com mulheres das camadas

---

<sup>179</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Social, Ensino, Relatórios de casos do Departamento Escolar (1963), *Estudo realizado no Lar da Criança da “OFIDAS” – Famílias que possuem empregadas*, dez. 1959, não paginado.

mais baixas que prestavam serviços domésticos, tais como, lavadeira e faxineira. Esses contatos implicavam em uma certa aproximação com pessoas de outras etnias. Essa aproximação pode ser explicada pela diversidade étnica e de classe existente então nos bairros da cidade. São Paulo ainda não havia se tornado uma cidade tão segregada como viria a ser.

As condições postas em regulamento para aceite no Lar da Criança da OFIDAS eram: a mãe trabalhar fora, quando a criança não tinha mãe ou esta se encontrava doente, quando a situação financeira da família era precária ou, por motivos educacionais<sup>180</sup> (último motivo). Entretanto, lemos em um livreto do Jardim Maternal da OFIDAS (Lar das Crianças) uma descrição mais detalhada desses critérios de admissão:

- a) A mãe trabalha para complementar a receita familiar.
- b) Desorganização familiar por:  
separação do casal  
falecimento de um dos cônjuges, mãe-solteiras
- c) Problema educacionais: Quando a criança apresenta no lar problemas de desajustamento, não estando a família em condições de trata-la e reeduca-la.
- d) Situação sócio-econômica precária, em que o regime de semi-internato possa contribuir para a melhoria do padrão econômico familiar.<sup>181</sup>

Percebemos no trecho acima e, de maneira geral em boa parte do conjunto documental da OFIDAS, certo tom de moralismo familiar, ao tratar o trabalho feminino extradoméstico como “complemento”; o divórcio como elemento desorganizador da família, bem como a ausência de um dos cônjuges por falecimento ou a “mãe-solteira”, ou seja, a mulher não ladeada por um homem.

Como a creche, por um período, dispunha de vagas, resolveu-se aceitar algumas crianças com boa condição financeira, mas que tinham outros motivos que justificavam sua matrícula, como quando as mães trabalhavam o dia todo ou o ambiente familiar não

---

<sup>180</sup> Como no caso de J.P.: “Criança aceita por motivos educacionais. As crianças são muito rebeldes com a mãe; as relações entre os membros da família (sogra) não são boas”. (CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Social, Ensino, Relatórios de casos do Departamento Escolar - 1963, *Re-estudo de Casos da Creche*, sem data, não paginado).

<sup>181</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 08, Divulgação, *Jardim Maternal da OFIDAS apresenta “Um Grito Parado no Ar” de Gianfrancesco Guarnieri*, sem data, não paginado.

era dos mais propícios.<sup>182</sup> Deste modo, a creche era entendida como uma extensão do lar, que complementava o papel cuidador da família, especialmente da mãe quando essa se encontrava de algum modo impossibilitada.

### **3.4) Mães nervosas, lares instáveis: a figura feminina como ponto central na constituição familiar**

Em outros casos, algumas crianças eram indicadas a entrar para o Lar da CIP, visto que as duas organizações beneficentes possuíam creches para as crianças. Alguns registros sobre estes casos encaminhados à CIP nos informam sobre as condições de abandono ou mesmo violência que mães e filhos estavam expostos. Nestas situações, os conflitos familiares eram entendidos como motivos para ação da Organização. O caso da família S. é um exemplo: com cinco membros (o pai sírio, a mãe brasileira e três filhos também nascidos no Brasil), a Sra. S. recorreu à OFIDAS em 1951, quando estava separada do marido e encontrava-se grávida. Solicitou que a Organização encaminhasse as duas filhas mais velhas para um internato:

A situação socioeconômica da família S. foi sempre bastante precária. A relação entre o casal S. é péssima e já por diversas vezes o Sr. S. abandonou a família; conforme informações que recebemos de seus parentes, bebe, joga e é muito instável no trabalho. Briga muito em casa, bate, dando assim um péssimo exemplo para as crianças.

M. [filha] frequenta a creche desde 28 de junho de 1951. Como deve começar a frequentar agora uma escola primária, seria interessante e necessário ser aceita como interna no Lar da C.I.P., pela mudança de ambiente e melhor assistência material e moral, conforme já vem sendo feita com V. [sua irmã]

(...) M. foi submetida ao teste de maturidade escolar em 1952. O resultado nessa ocasião foi fraco, não revelando maturidade suficiente. Continuou em 1953 como pré-escolar. Durante este ano achamos que progrediu sensivelmente, embora reflita falhas no ajustamento emocional resultante da instabilidade entre os pais. cremos que está sendo mesmo mais prejudicada pela mãe, cujo nível é demais baixo,

---

<sup>182</sup> Como no caso da família K: “O casal K. vive em constante desarmonia e por diversas vezes quiseram se separar. Essa é a situação atual. O ambiente em casa é péssimo e a sra. K. regeita [sic] abertamente as crianças”; e o caso da família N: “A Sra. N. trabalha fora como ambulante. Problemas educacionais, sendo o ambiente da casa muito tenso. Um irmão mais velho vem apresentando problemas de conduta” (CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Educacional, Ensino – Relatórios de casos do Departamento Escolar - 1963, *Re-estudo de Casos da Creche*, sem data, não paginado).

intelectualmente falando. A Sra. S. exagera os defeitos do marido, fazendo-se de vítima diante de todos e dos próprios filhos. Deprime a filha afirmando que ela é desobediente, moleque e que “não pode mesmo com ela”. Na creche M. é dócil e prestativa. Gosta muito de ajudar e é responsável. Sua linguagem é segura e bem desenvolvida, embora seu raciocínio e sua atenção sejam ainda fracos. Toma parte em todas as atividades e executa-as bem.

Achamos que poderá seguir com êxito o primeiro ano escolar.<sup>183</sup>

O estado de instabilidade familiar era então apresentado como causador de danos nos filhos, que refletiam a situação que vivenciavam em casa. Entretanto, é possível perceber que é atribuída à mulher a maior parcela de culpa pelo estado de instabilidade familiar. No caso da Sra. S., esta trabalhava fora (assim como o marido, era ambulante), sofria com violência doméstica, foi abandonada pelo cônjuge por vezes e, ainda sim, foi creditado a ela o desempenho abaixo do esperado da filha M., pois “fazia-se de vítima” e “exagerava nos defeitos do marido”. Mais uma vez, vem à tona a questão das mulheres sendo caracterizadas como nervosas, fragilizadas, incapazes, ou mesmo de “nível baixo”, como a senhora S. Sobre o discurso médico referente ao sexo feminino, Nunes (1991, p. 75) aponta que:

Esse tipo de discurso que descreve a mulher como um ser doentio, capaz de fazer mal a si e a toda sociedade, viabiliza a tentativa de torna-la cada vez mais incapacitada a gerir sua própria vida. Ao mesmo tempo, trata como patológico qualquer comportamento que não corresponda ao modelo de esposa e mãe. A mulher passa a ser tratada como alguém que deve estar permanentemente sob controle médico, que deve regular cada um de seus passos. No afã de controlar e prevenir toda a possibilidade de degeneração, os médicos propõem medidas de normalização, que vão desde um projeto de educação para a mulher até um esquadrinhamento minucioso de seu dia-a-dia. Um programa de educação e controle feminino, que deve funcionar como mecanismo de disciplinarização de seu corpo e de seu caráter, com vistas a adestra-los o melhor possível para a vida em sociedade.

Outra família de sobrenome S., cujos pais eram poloneses, indicam a centralidade dos desequilíbrios psicológicos para a compreensão do estado familiar:

---

<sup>183</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02. Assistência Educacional, Ensino, Relatórios de casos do Departamento Escolar (1963), *Casos que a Assistência Social da “Ofidas” recomenda para o Lar da CIP*, sem data, p. 01.

O casal S. não vive em bôa harmonia e ambos parecem bastante desequilibrados [sic.], não tendo paciência e nem jeito [sic] para cuidar das crianças [eram duas, uma nascida na Itália e outra no Brasil]. Em 28 de Julho de 1948, já havíamos recebido uma carta do Dr. M. pedindo que se afastasse N. [uma das filhas, de 7 anos] de seus pais: “o pai está doente e a mãe não tem o equilíbrio mental necessário para a educação da criança”. Dra. J. também era de opinião que N. devia ser afastada de seu ambiente, pois não estava recebendo os cuidados necessários e estava cada vez mais magra. O seu afastamento nessa ocasião foi impossível, em vista da Sra. S. não querer se separar da menina. [grifo da fonte]. N. foi aceita na creche em Janeiro de 1952. Apesar da situação econômica família ter melhorado (o casal trabalha como ambulante), continuam morando num quarto só, em péssimo estado de higiene.

(...) N. ajustou-se com muita facilidade à rotina do Lar. É assídua e prefere o Lar à própria casa. Sua atitude em relação aos jogos e material foi de encanto e alegria. É viva, alegre, e amiga das educadoras e colegas. Brinca com todos, é amável e bôa colega. Tem bastante senso artístico revelando-se na dança [sic], no desenho e na modelagem. Sua linguagem é bem desenvolvida. Tem bom raciocínio e atenção concentrada. Aprende coisas novas com facilidade. Achamos que N. tem maturidade suficiente para aprender a lêr e escrever.<sup>184</sup>

Os conflitos entre o casal justificavam então uma intervenção médica na família, como demonstra a carta do Dr. M. e a opinião da Dra. J., ambos médicos. Percebemos assim que o saber sobre a família é medicalizado, especialmente no que tange à criação dos filhos, sendo os médicos agentes com autoridade inclusive para o afastamento das crianças do ambiente familiar. Assim, se o lar não era considerado propício ao desenvolvimento saudável da criança, esta devia ser dele afastado – apesar da revelia da mãe, como demonstra o caso de S. Transparece assim a noção de cuidado que se deve ter com a infância e, quando este cuidado não é proporcionado pelos pais, é justificável uma intervenção exterior, como por uma Organização comunitária como a OFIDAS.

Outro caso registrado, dessa vez na reunião da comissão do Lar da Criança em fevereiro de 1960, credita ao estado “nervoso” da figura materna a responsabilidade pelo comportamento do filho. O diagnóstico da situação é dado pelo médico H. G. que atesta a “normalidade” da criança e indica o semi-afastamento do lar devido a mãe que irrita a criança:

---

<sup>184</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Educacional, Ensino, Relatórios de casos do Departamento Escolar (1963), *Casos que a Assistência Social da “Ofidas” recomenda para o Lar da CIP*, sem data, p. 01-02.

A sra. S. pessoa muito nervosa, solicita matricula na Creche para seu filho J., nascido em 24.12.55.

Trata-se de uma criança muito irrequieta e que já foi consultada pelo Dr. H. G.; este médico é da opinião que J. é uma criança normal, porem deve ser matriculado num semi-internato, devido a mãe que é nervosa e irrita o menor.

Como o casal S. tem uma situação econômica regular, fica resolvido não aceitar-se J. na Creche, devdndo [sic.] o mesmo ser encaminhado para uma Escola paga.<sup>185</sup>

Outras duas meninas tiveram como motivo de aceitação na creche da Organização a “falta do pai na família”, além de “motivos educacionais”: a Sra. E., mãe das meninas, recorreu à OFIDAS em 1952, quando se separou no marido. A Sra. E. foi diagnosticada como “pessoa muito nervosa” e “sofria de ataques convulsivos”, de acordo com o médico da Organização. O marido não colaborava na manutenção e cuidado com as filhas, obrigando a esposa a recorrer à ajuda dos seus pais, com quem morava:

[A Sra. E.] é separada de seu marido desde Fevereiro de 1952. Conforme sua informação viviam muito mal, tendo o Sr. E. chegado a bate-la. O mesmo não está em São Paulo e raramente manda algum dinheiro para as crianças.

[A Sra. E.] vive com seus pais, pessoas já idosas e dois irmãos, numa casa regularmente mobiliada. Antes de pôr as crianças na creche, teve muitos conflitos com sua família, principalmente com sua mãe, que não tem paciência com as meninas. Esse estado está novamente se agravando e por êsse motivo [a Sra. E.] gostaria que ambas fossem aceitas como internas. Não pensa mais voltar a morar com seu marido, arranhou um emprego num escritório de contabilidade para o dia todo.<sup>186</sup>

Encontramos o registo de uma família que recorreu à Ofidas pela primeira vez em 1943, solicitando ajuda financeira e, na década de 1950 fez novo pedido à Organização, desta vez, requerendo vaga na creche para um dos filhos. Novamente, o ambiente familiar conturbado – particularmente, a mãe “nervosa” – foi entendido como motivo dos problemas das crianças na família. Os pais, vindos da Lituânia, tinham três filhos nascidos no Brasil:

---

<sup>185</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Educacional, Ensino, Atas (1959-1975), *Relatório da reunião da Comissão do Lar da Criança*, 01 fev. 1960, não paginado.

<sup>186</sup> Idem.



A família C. entrou em contato com a Ofidas em 1943. Nessa ocasião a Sra. C. encontrava-se doente e necessitavam de ajuda financeira.

(...) Dna. C. é uma pessoa muito fraca, sofrendo dos rins e fígado. É também bastante nervosa. As crianças são também muito magras.

(...) A situação geral da família C. pouco se modificou desde seu primeiro contato conosco em 1943. O Sr. C. não conseguiu se firmar economicamente. É sapateiro, trabalha também como ambulante e como distribuidor de um jornal, ganhando sempre o insuficiente para o sustento da família. O que falta, até hoje é coberto com ajuda de organizações [sic] de Assistência Social.

As condições de saúde da família são também muito precárias. Dna. C. principalmente é muito doente, muito fraca e nervosa. O Sr. C. também não tem saúde. As crianças são magras, abatidas e com aspecto de sub-alimentadas. Essa situação naturalmente manifestou-se em M. [filho], que é uma criança muito difícil em casa. Não obedece aos pais e tem muitos conflitos com sua mãe, de quem apanha muito [grifo da fonte].

Com 7 anos de idade fez o teste de maturidades escolar na creche, tendo sido aconselhado ficar mais um ano na creche. Repetiu o primeiro ano escolar, tendo mudado de escola. Em casa M. é uma criança problema. Foi afastado de sua casa por dois meses em Setembro de 1952. Nessa ocasião recebeu aulas diárias particulares (Sítio de Dna. A. E.), tendo correspondido muito bem. Isso provou que num ambiente normal, equilibrado, M. se porta bem melhor e aproveita. Acharmos que para melhor aproveitamento do curso primário, M. deve ser afastado de sua casa.<sup>187</sup>

Em mais este caso observamos a atenção contínua sobre a fragilidade dos corpos e mentes dos atendidos, sobretudo das mulheres e crianças: mais uma mãe diagnosticada como fisicamente fraca e nervosa, além das crianças “magras, abatidas e com aspecto de sub-alimentadas”. Assim, fica explícita a ideia de que a pobreza desestabiliza a família em suas relações e em sua saúde física e mental. Nisto, os mais afetados são as mulheres e crianças, como que sucumbissem à sua fragilidade “natural”.

Percebe-se também a constância da noção de que o ambiente familiar – em seu aspecto material e também concernente à relação entre os pais – é fator determinante para o crescimento e desenvolvimento dos filhos, tanto no seu desempenho escolar, como no seu comportamento no geral. Os conceitos de “criança problema” ou “criança muito difícil em casa” deixam transparecer tal discurso, sendo o “ambiente equilibrado” e “normal” oferecido pela Organização a solução para o caso de M. A creche ou internato atuariam assim como “regeneradores” do ambiente familiar precarizado. Ademais, era

---

<sup>187</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Educacional, Ensino, Atas (1959-1975), *Relatório da reunião da Comissão do Lar da Criança*, 01 fev. 1960, não paginado.

maiormente o comportamento e estado de saúde da mãe o alvo de tal pensamento, ao relacionar a figura materna com o desenvolvimento dos filhos. Fica clara a centralidade que a mulher tinha na tarefa familiar, sendo ela entendida como mantenedora – inclusive moral – da família. De acordo com Couto (1994, p. 60):

O papel de “salvador” da família era atribuído ao gênero feminino, através de suas características de doação e amor, que deveriam possibilitar a tranquilidade do lar. Simultaneamente a essência feminina partilhava com a loucura uma forte relação de parentesco: o conflito, a vibratilidade, a emoção.

Uma mãe “nervosa” e “desequilibrada”, como tantas vezes aparece nos relatos de casos aqui apresentados, refletia diretamente na estabilidade familiar, autorizando a intervenção da OFIDAS, inclusive pelo seu setor médico. As ações da Organização, assim, contribuiriam na regeneração familiar e na manutenção dos lares atendidos, principalmente oferecendo amparo às crianças vistas como seres vulneráveis. Essa preocupação com as crianças das famílias atendidas, também teria origem no discurso médico então vigente, que frisava a necessidade de proteger a infância “(...) ao máximo das condições que possam feri-la ou deprava-la. A formação de uma infância física e moralmente sadia, capaz de responder às necessidades sociais, é o principal tema dos debates médicos e o fio condutor de um novo projeto de higiene infantil” (NUNES, 1991, p. 57). É importante lembrar que a própria noção de infância é uma construção sócio-histórica, mutável ao longo do tempo. Assim, para Charlot (1983, p. 105):

(...) a criança nasce e se desenvolve em um meio social; suas características biológicas adquirem, por isso, logo de início, um significado social. Não é apenas biologicamente que a criança é fraca; ela o é também socialmente, isto é, em relação ao adulto e às condições da vida em sociedade. (...). Assim, a impotência fisiológica da criança é doente de relações afetivas e sócias com os adultos que cuidam dela e a protegem, de forma que ela não determina somente os comportamentos da criança. Ela induz também certas condutas no próprio adulto e provoca respostas sociais (implantação de estruturas de cuidados, de acolhida, de proteção etc.). Sendo o significado biológico da infância sobredeterminado por significados sociais, é preciso que integremos à própria ideia de infância os comportamentos do adulto e da sociedade diante da criança.

Deste modo, lemos o auxílio prestado às crianças pela OFIDAS como resposta sócio comunitária aos perigos que rondariam a infância desprotegida. A fundação da creche da Organização e do departamento de Higiene Infantil<sup>188</sup> seriam exemplos desta preocupação com as crianças, primordialmente de religião judaica. Cuidar dos filhos da comunidade revelaria a preocupação com a continuidade do grupo e de sua imagem. Ações voltadas para o cuidado com as crianças poderiam evitar o abandono e trabalho infantil, a degradação física e mental, a desagregação familiar e mesmo a não continuidade dos preceitos e práticas da religião. Lembremos que as atividades do Lar das Crianças da OFIDAS incluíam “aulas de religião mosaica e [eram] comemoradas todas as festas religiosas. Às sextas-feiras [era] realizado o ‘shabat’. A comida servida no Jardim Maternal [era] ‘Kasher’”<sup>189</sup>.

Outro exemplo da ideia que o ambiente influencia diretamente no comportamento da criança é o caso da família G, cujos pais e filho mais velho eram poloneses, mas chegaram ao Brasil após um tempo na Bolívia. Foram à OFIDAS em janeiro de 1953, quando a Sra. G. estava grávida de oito meses da filha caçula, requerendo encaminhamento para a maternidade. Após isso, o relatório do caso registra que:

Tivemos pouco contato com a família G., pois a mesma procurou dispensar o nosso auxílio, tendo voltado a nos procurar somente agora, para expor o seguinte:

L. [primogênito] está frequentando o primeiro ano da Escola Scholem Aleichem, mas tem tido muitas dificuldades de conduta, sendo chamado diversas vezes à atenção, sobre seu comportamento.

Justificou [a Sra. G.] a atitude de seu filho dizendo que realmente L. não tem pai, e que o padrasto (L. não sabe disso) não tem a mínima tolerância com ele, usando sempre de castigos corporais, o que o torna tão rebelde e insatisfeito.

Realmente o ambiente familiar é continuamente conflitivo devido à posição que Dna. G. deve tomar com seu marido em com L.<sup>190</sup>

---

<sup>188</sup> Sobre as atividades desenvolvidas pelo Departamento de Higiene Infantil, façamos um paralelo com a concepção médica vigente que apregoava que: “Desde a mais tenra infância, a educação deve basear-se nos princípios da moral higiênica; os hábitos devem ser ensinados em cada momento, para que fiquem desde cedo internalizados (...)” (NUNES, 1991, p. 58).

<sup>189</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Programa*, FI0008-ADM-P14/1, sem data, p. 04.

<sup>190</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Educacional, Ensino, *Atas (1959-1975)*, sem data, não paginado.

A Sra G. encontrava-se numa situação delicada, onde tinha que intermediar a relação entre o primogênito e o marido que, aparentemente, não se enxergava como responsável por uma criança que biologicamente não era seu filho. Assim, ela aparentemente viu na OFIDAS um lugar onde podia encontrar auxílio na resolução dos conflitos que ocorriam em seu lar. Às funcionárias da OFIDAS confiou a informação sobre a paternidade do filho e creditava a tal fato os conflitos entre o marido e a criança, bem como seu mal comportamento no ambiente escolar. A solução dada pela OFIDAS foi o encaminhamento de L. ao internato da CIP por motivo “sócio educacional”, além do afastamento com urgência do ambiente familiar.

De modo geral, as crianças encaminhadas ao Lar da CIP para ficarem em regime de internato eram de famílias com as mais graves situações socioeconômicas. Várias vezes com pais doentes, dispondo de moradia em estado crítico ou, ainda, sendo a mãe separada ou abandonada pelo marido. Como o caso da família F., de pai polonês e mãe síria:

A situação da família F. sempre foi bastante precária. Dna. F. foi por diversas vezes abandonada pelo seu marido, sendo que seus filhos estão desde 1945 na creche. Em 1947 E. [filha] passou para o Lar da C.I.P. e O. [filha] e S. [filha] ficaram como internos em nossa creche. A situação geral da família é cada vez pior. Dna. F. é muito doente, tendo sido operada da visícula [sic], além disso, não tem capacidade para o trabalho, sendo que nem casa possui [sic]. Trabalha como empregada doméstica e eventualmente mora com sua mãe e irmã (...).<sup>191</sup>

O abandono da família pelo homem, fato encarado pela Sra. F., aparece em outros casos analisados. Considerando que “A mulher ‘abandonada’ recomeçava a vida com bem mais desvantagens do que o homem em situação semelhante (...)” (FONSECA, 2013, p. 524), elas buscavam meios de continuar suas vidas e arcar com a manutenção dos filhos e seu próprio sustento. Como no caso da Sra. F. seu estado de saúde impedia que buscasse trabalho fora do lar, ela buscou na OFIDAS e em parentes (mãe e irmã) alternativas para a manutenção da família:

Ao separar-se do marido, ou ao ser abandonada, (...) quais seriam as possibilidades das mulheres? Muitas delas achavam abrigo, pelo menos temporário, com seus pais. (...). Não devemos nutrir ilusões quanto à situação da mulher trabalhadora. Em geral, mal ganhava o mínimo

---

<sup>191</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Educacional, Ensino, *Atas (1959-1975)*, sem data, não paginado.

necessário para seu próprio sustento, muito menos para manter seus filhos (FONSECA, 2013, p. 518).

Para Kosminsky (2004, p. 301), no caso de famílias imigrantes, o abandono pela figura masculina também deve ser relacionado “às diferenças de expectativas dos papéis masculino e feminino”, além de ser um “indicativo da tensão do processo de adaptação vivenciado pelas famílias imigrantes”. Contudo, não achamos casos de famílias cuja mãe abandonou o lar.

Outros casos somam nos relatos sobre as fragilidades das famílias atendidas, como a família H., cujos pais eram do leste europeu e os filhos da Itália:

- **A família H.** chegou da Itália em 1947 e matricularam o filho mais novo no departamento de Higiene Infantil da OFIDAS e a filha mais velha na creche. A Sra. H. foi descrita como “muito fraca” e “sofre muito dos nervos”. As condições econômica, habitacional e de higiene da família foram categorizadas como “ruins”.

Estavam em situação ilegal no Brasil até Março de 1949, pois tinham os documentos para a Bolívia. Esse estado contribuiu para o sistema nervoso de Dna. H. que chegou ao ponto de precisar se separar das crianças por não poder controlá-las. Quanto a situação econômica, também foi prejudicada pois o Sr. H. não podia conseguir emprego, No momento M. [filha] está externa em nossa creche mas a distancia de sua casa é enorme (Casa Verde).

Sugerimos aceitarem [as filhas no Lar da CIP] pois talvez Dna. H. possa começar a trabalhar, é costureira e assim resolverá em parte o problema financeiro.<sup>192</sup>

- **A família R.** cujos pais eram poloneses e os filhos brasileiros (dois recifenses e um paulistano) entrou em contato pela primeira vez com a OFIDAS em 1944, solicitando a entrada da filha S. na creche da Organização. O pai era tuberculoso, uma das filhas tinha paralisia infantil e a Sra. R. “parecia desequilibrada”. A família vivia com os auxílios de sociedades beneficentes e a justificativa para o pedido de encaminhamento ao Lar interno da CIP era por “motivos educacionais”:

---

<sup>192</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Educacional, Ensino, *Atas (1959-1975)*, sem data, não paginado.

O caso R. é bastante conhecido: o Sr. R. se encontra no momento no Sanatório Ezra em São José dos Campos. A Sra. R. está com R. [filha] e M. [filho] em casa, num estado indescritível. Não tem a capacidade de cuidar das crianças cujo estado piora cada dia mais, assim como o seu, chegando ao ponto de não se poder mais conversar com ela.<sup>193</sup>

● **A família P.**, cujos pais eram romenos, entrou em contato com a OFIDAS pela primeira vez para matricular a filha mais velha no departamento de Higiene Infantil. Voltaram em 1949, desta vez solicitando a matrícula dos dois filhos no Lar da OFIDAS como internos.

Soubemos do caso indiretamente em Fevereiro de 1949, pois a família P. nunca se dirigiu à Assistência Social. A situação é muito triste. O Sr. P. muito doente, foi para os Estados Unidos às expensas de um grupo de pessoas interessadas no caso, estando internado num hospital. A Sra. P. ficou numa situação econômica horrível, tendo ainda se agravado com o despejo da casa onde morava. Isto abalou muito a sua moral sendo que no momento ela está muito deprimida e incapaz de começar qualquer trabalho.<sup>194</sup>

Deste modo, salientamos a importância da criação de redes de apoio comunitário para a manutenção das famílias pobres atendidas pela OFIDAS. O Lar das Crianças da Organização (assim como o Lar da CIP), indicam a “coletivização da responsabilidade por crianças” (FONSECA, 2013, p. 536), ou seja, as crianças não sendo responsabilidade apenas das famílias, mas também da comunidade. Ademais, sublinhamos que as creches e orfanatos não eram suficientes para abrigar as crianças da época (MATOS, 2018, Kindle Edition, Location 370), tendo instituições não governamentais (como a OFIDAS, CIP, Santa Casa, etc.) desempenhado importante papel na diminuição da demanda por auxílio à criança pobre/desamparada.

Como outra ação de cuidado com a infância, a OFIDAS tinha um programa de Colônia de Férias, dentro do departamento de Recreação. Veremos a seguir, quais os critérios de seleção das crianças contempladas e, por meio das fichas de inscrição,

---

<sup>193</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Educacional, Ensino, *Atas (1959-1975)*, sem data, não paginado.

<sup>194</sup> Idem.

buscaremos levantar algumas questões sobre a territorialidade deste grupo atendido pela Organização entre os anos de 1952 a 1970.

### **3.5) Casos da Assistência Educacional: Recreação (1952-1970)**

Aparentemente, a realização de colônias e clubes de férias era regular entre as instituições judaicas então existentes. As relações de crianças consultadas referem-se a indicações da OFIDAS para tais atividades desenvolvidas (e, provavelmente, patrocinadas) por organizações como a Federação das Sociedades Israelitas de São Paulo, Liga Feminina Israelita do Brasil – Clube Macabi, Escola I. L. Peretz e Associação Feminina Vita Kempner.

Na documentação selecionada, há algumas relações de crianças indicadas pela OFIDAS para a Colônia de Férias da Federação das Sociedades Israelitas de São Paulo, datadas entre as décadas de 1950 e 1970. Esses documentos registram os endereços das crianças em questão, revelando um dado importante na compreensão sobre quem eram os atendidos pela Organização: onde residiam. Numa primeira relação sucinta, são registradas 15 crianças – sendo 4 delas irmãs – indicadas por “razões sociais e de saúde”<sup>195</sup>. Neste conjunto, 10 são nomes de ruas do bairro do Bom Retiro (Correia de Melo, Neves de Carvalho, Guarani, Rodolfo Miranda, Joaquim Murtinho, Júlio Conceição, Três Rios e Anhaia). Além de um endereço na Luz (Rua Frei Antônio Santana de Galvão, próximo à Avenida Tiradentes, ou seja, ao lado da área considerada como Bom Retiro) e um em Santana (Rua Goulart Andrade) e outro não identificável (Rua G. G.).<sup>196</sup> Assim, consideramos que a história da OFIDAS está também situada na própria história do Bom Retiro, igualmente pelo fato de sua sede ter ocupado endereços neste bairro (Rua Bandeirantes e Rua Rodolfo Miranda). De acordo com Carlos Póvoa (2007, p. 184):

---

<sup>195</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 03, Assistência Educacional, Recreação, Relação de Crianças (1952-1970), *Relação de Crianças indicadas para a Colônia de Férias – Indicadas pela OFIDAS por razões sociais e de saúde*, sem data, não paginado.

<sup>196</sup> Apesar de estarmos cientes de que a nomenclatura das vias da cidade pode passar por mudanças ao longo dos anos, usamos esses dados como indicadores de uma determinada territorialidade do grupo atendido pela OFIDAS, considerando que a maioria dos judeus que chegaram a São Paulo no começo do século XX se estabeleceu inicialmente no Bom Retiro.

Entre os anos de 1928 e 1932 (LESSER 1995, p. 153), intensificava-se a vinda dos imigrantes judeus *ashkenazim*, procedentes da Polônia, Hungria, Bessarábia, Romênia, Lituânia e Letônia, que chegaram à cidade de São Paulo e foram residir no Bairro do Bom Retiro, onde se estabeleceram as primeiras famílias judaicas (a primeira geração de imigrantes judeus), como Lafer, Klabin, Nebel, Tabacow, Lichtenstein e Naslavsky. Essas famílias logo se inseriram na paisagem cotidiana e comercial do bairro, com a abertura de pequenos negócios e indústrias de fundo de quintal, as quais revendiam os produtos manufaturados em suas pequenas lojas. Na sua maioria, os imigrantes judeus residiam nas ruas da Graça, Prates, Guarani, Joaquim Murtinho, José Paulino, Corrêa de Mello e Três Rios.

As relações seguintes de crianças indicadas para a Colônia de Férias também trazem endereços, além de outros dados como profissão dos pais, as condições econômicas, de saúde e de habitação das famílias. Tais dados também indicam que a maioria dos espaços de moradia das famílias era o bairro do Bom Retiro.

A segunda relação traz um total de 10 crianças selecionadas para a atividade<sup>197</sup> e é datado de aproximadamente 1949. A maioria de suas residências estavam também localizadas no Bom Retiro, nas ruas Correa dos Santos (atual Lubavitch<sup>198</sup>), Joaquim Murtinho, Guarani, Rodolfo Miranda, Rua da Graça e Rua Barão de Campinas (esta situada no bairro vizinho de Campos Elísios). As profissões dos adultos (pais e irmãos mais velhos) eram predominantemente no setor de prestação de serviços, sendo elas: ambulantes, balconistas, mensageiro, pintor, auxiliar de escritório, gerente e passador. As condições materiais destas famílias foram registradas como bastante deficitárias e o estado de saúde de algumas crianças e pais foi entendido como fraco.<sup>199</sup> Registrou-se também que duas dessas famílias havia chegado recentemente da Europa (entre um ano e meio e dois anos).

Observa-se que, de modo geral, as famílias das crianças indicadas para a Colônia de Férias encontravam-se em difícil estado sócio econômico e, algumas vezes, tinham pais doentes. Esses poderiam ser critérios para a indicação destas crianças para a Colônia,

---

<sup>197</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 03, Assistência Educacional, Recreação, Relação de Crianças (1952-1970), *Crianças Recomendadas para a Colônia de Férias Vita Kempner*, sem data, não paginado.

<sup>198</sup> MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO JUDAICA. *Iconografia – Frente da Antiga Sinagoga Kehilat Israel*. Disponível em: <<http://memij.com.br/index.php/2017-01-20-18-17-00/iconografia/220-ico-53-frente-da-antiga-sinagoga-kehilat-israel-comunidade-israelita>> Acesso em: 05 abr. 2018.

<sup>199</sup> Como o caso das irmãs L., cujo estado de saúde foi apontado como “regular” devido à “aparência anêmica e pouco desenvolvida” das meninas e o caso da mãe dos irmãos de sobrenome T., que estava “muito doente e incapaz de cuidar da sua casa e dos filhos”. (CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 03, Assistência Educacional, Recreação, Relação de Crianças - 1952-1970, *Crianças Recomendadas para a Colônia de Férias Vita Kempner*, sem data, não paginado).



visto que atividades recreativas auxiliariam em seu desenvolvimento. No caso da família G., fica explicitado em observação do relatório que o motivo do encaminhamento era a própria saúde mental das crianças: “achamos necessária a participação das crianças na Colônia de Férias por motivos psicológicos, desde o falecimento da mãe as crianças estão desajustadas, pois mudaram diversas vezes de ambiente”<sup>200</sup>. Relembremos a importância dada pela Organização ao estado psíquico de sua clientela.

Na terceira relação de encaminhamentos para a Colônia de Férias (cerca de 1954), o padrão continua o mesmo: dentre o total de 24 casos, a maior parte dos endereços refere-se ao bairro do Bom Retiro, sendo as ruas: dos Italianos, Anhaia, Tenente Pena, Areal, Graça, José Paulino, Amazonas, Três Rios, Aimorés, Bandeirantes e Júlio Conceição. Há ainda endereços no Brás (rua Júlio Ribeiro), Sacomã (rua Alencar Araripe), Vila Buarque/Santa Cecília (Jaguaribe) e Parque Cruzeiro do Sul (Rua 13). As profissões exercidas estão ligadas ao campo da prestação de serviços – alfaiate, doméstica, marceneiro, costureira, ambulante, sapateiro, cobrador, auxiliar de escritório, passador, balconista, encanador e *chauffer* – e as condições materiais de cada núcleo familiar são adversas. Algumas destas famílias recebiam auxílio financeiro da OFIDAS e Ezra.

Várias dessas crianças foram descritas como fracas, pálidas e magras. Como o caso de H. B., que devido a sua “aparência física” e “situação sócio econômica” foi sugerido para a Colônia de Férias pela OFIDAS e o caso de E. B. cuja família havia chegado “ao Brasil em 1949, tendo estado num campo de concentração durante a guerra”; sendo que E. B. já havia tido que deixar a escola por seu estado de saúde.<sup>201</sup> Novamente, vem à superfície a questão de que a pobreza degrada os corpos e que um ambiente mais propício (no caso, a Colônia de Férias) auxiliaria no estado daquelas crianças.

Neste grupo, nove famílias haviam chegado recentemente de Israel (entre 1953 e 1954). Vários pais também não se encontravam em bom estado de saúde. As casas geralmente eram modestas, contando com dois ou três cômodos.

Há também fichas de matrícula para o Clube/Colônia de Férias, datadas do ano de 1952. Das 27 fichas existentes, todos os endereços assinalados são do bairro do Bom Retiro e adjacências (Luz e Ponte Pequena). Estas fichas são mais detalhadas e fornecem,

---

<sup>200</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 03, Assistência Educacional, Recreação, Relação de Crianças (1952-1970), *Crianças Recomendadas para a Colônia de Férias Vita Kempner*, sem data, não paginado.

<sup>201</sup> Idem.

além do endereço de residência das crianças e suas famílias, o nome da escola onde estavam matriculadas; série escolar; data de nascimento; sexo; filiação; profissão, idade e nacionalidade dos pais e irmãos. Estas crianças matriculadas para o Clube tinham de 6 a 12 anos de idade e estavam do jardim ao quinto ano escolar. Tais famílias eram compostas pelos pais e filhos. Os adultos tinham profissões como ambulante, domésticas, industriais, comerciantes, “camiseiro”, mecânico, cabelereira, negociante, operários, gerente de fábrica, orientadora, joalheiro, *chauffeurs*, inspetor, ferreiro, costureira, marceneiro, técnico gráfico e governanta. É interessante observar que neste grupo apenas um adulto foi identificado como ambulante, o que pode indicar que a profissão celebrenmente atribuída aos imigrantes judeus podia estar em certa decadência – pelo menos entre os *ashkenazim* já há algum tempo instalados na cidade – no início da década de 1950, data da fonte em questão. Assim, boa parte das profissões registradas estavam ligadas aos setores da indústria, comércio e prestação de serviços. No entanto, a maioria das mulheres continuava tendo como profissão o trabalho doméstico.

Do mesmo modo, é importante apontar que a maioria destes pais eram imigrantes, tendo nacionalidades diversas como polonesa, alemã, austríaca, síria e italiana; sendo poucos pais assinalados como sendo de nacionalidade brasileira<sup>202</sup>. Deste modo, reforçamos nossa ideia de que a maioria dos atendidos pela OFIDAS era imigrante ou seus descendentes de primeira geração. Considerando que as fundadoras e primeiras diretoras da Sociedade das Damas e OFIDAS também eram em sua maioria mulheres imigrantes ou filhas de imigrantes, acreditamos que essas associações de beneficência e assistência social devem ser entendidas em relação direta com o fenômeno migratório que o país vivenciou ao longo das primeiras décadas do século XX e que tratamos, neste contexto, do processo de formação e estabelecimento de uma comunidade judaica em São Paulo. Entendemos que as experiências, saberes, culturas e memórias que tais imigrantes judeus trouxeram consigo e certamente transmitiram para seus descendentes formataram, juntamente com suas vivências na nova terra, as bases para o estabelecimento de uma comunidade judaica ao longo dos anos. Acreditamos igualmente que a fundação de entidades de beneficência e assistência social como a Sociedade das Damas Israelitas e a

---

<sup>202</sup> Havendo casais poloneses, russos, austríacos, sírios, italianos e de nacionalidades distintas (alemão e polonesa, russo e argentina, alemão e austríaco). Sete casais e uma mãe solo foram registrados como brasileiros.

OFIDAS são elementos constituintes deste processo de estabelecimento de uma comunidade local.

### **3.6) Assistência Médico Odontológica**

Uma importante frente de atuação da OFIDAS era o atendimento médico odontológico. Há uma relação de casos dos atendidos no ano de 1959 que, apesar de não trazer muitos dados referente a cada atendido, indica quais foram as áreas médicas a qual se encaminhou cada caso. De um total de 38 casos relacionados nesta listagem, a grande maioria dos sobrenomes indica a ascendência judaica destas pessoas. O título desta lista é “Casos de hospitais que procuraram o ‘Departamento de Assistência Social da Ofidas’ de Janeiro a Novembro de 1959”. Ou seja, provavelmente são casos de hospitais que, devido a fatores diversos, encaminharam seus pacientes para a Organização judaica.<sup>203</sup> Destes 38, chama atenção a quantidade de encaminhamentos à maternidade (15) e a hospitais psiquiátricos (8). Assim, sublinhamos que o atendimento à mulher gestante continuou sendo uma ação na OFIDAS, dando continuidade a este tipo de trabalho iniciado pela Sociedade das Damas Israelitas.

O número considerável de casos encaminhados à psiquiatria também é fator importante ao relacionarmos aos casos que anteriormente transcrevemos, visto que em vários são apontados problemas de saúde mental dos atendidos, principalmente as mulheres. Dos oito casos de pedidos de encaminhamento a hospitais psiquiátricos, todos eram casos de mulheres. De acordo com Santos e Diniz (2018), “Muitos são os aspectos que podem afetar a saúde mental das mulheres. Há especificidades biológicas e, principalmente, aspectos sociais que apontam para uma inegável diferença de gênero quanto à incidência e prevalência dos adoecimentos psíquicos (SANTOS, DINIZ, 2018, p. 37). Acreditando que diversos fatores – como o acúmulo de responsabilidades para com a família, o estado de pobreza de muitos daqueles lares e a própria experiência imigratória e/ou possíveis traumas de guerra no caso de sobreviventes e refugiadas –, podem ter refletido na saúde psíquica destas mulheres atendidas pela OFIDAS,

---

<sup>203</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 03, Assistência Médico Odontológica, Relação de Casos (1959), *Relação de Casos de Hospitais de 1959*, sem data, não paginado.

retomamos a ideia do quanto “não natural” é tal condição. Ademais, para Couto (1994, p. 57):

Os referenciais eugenistas atuaram sobre a trama cotidiana das mulheres que construíram suas identidades pessoais através do modelo socionormativo, e algumas dessas com certeza vivenciaram crises emocionais graves relacionadas aos valores sociais da época.

Assim, acreditamos que as pressões sobre o modelo normativo que deveriam seguir influíram no estado mental dessas mulheres. O ideal da mulher como mãe e esposa, devotadamente voltada ao cuidado do lar e afastada do trabalho extradoméstico não coincidia com a realidade da grande maioria das mulheres pobres que recorriam à OFIDAS.<sup>204</sup> Esse paradoxo entre a moralidade oficial amplamente difundida durante o XX e a experiência cotidiana de tantas mulheres poderiam gerar efeitos em sua psique. Logo, apesar do modelo normativo disseminado pela medicina higienista, sua eficácia no cotidiano das famílias apresentadas não correspondia totalmente: apesar das preocupações sanitaristas com os lares e atenção dada à saúde física e estado mental das mulheres, conferimos que a maioria destas trabalhava fora do lar, indo contra à aversão ao trabalho feminino extradoméstico. Percebemos, contudo, o efeito do discurso normatizador na vida de muitas destas mulheres, sendo várias delas interpretadas como “nervosas” e lhe sendo atribuída a maior parte das responsabilidades para com a família.

### **3.6.1) Higiene Infantil**

A existência de um setor específico denominado “Higiene Infantil” soma ao argumento de que a OFIDAS incorporou e difundiu preocupações do discurso médico higienista, como no que tange aos cuidados que deveriam ser destinados à infância. Sobre

---

<sup>204</sup> “Qualquer outra atividade feminina que não fosse a de mãe e esposa, realizada no aconchego do lar, passou a ser entendida como subordinada, acessória e desviante. O trabalho feminino provocava indignação aos médicos, revestida, na maior parte das vezes, de preocupações morais. Condenava-se o trabalho extradoméstico das mulheres, que era visto como um desperdício físico de energias femininas e como fator de dissolução da saúde e de comprometimento da dignidade feminina, além de promover a mortalidade infantil e desordens sociais, tendo como consequências nocivas o abandono das crianças, a marginalidade, a tuberculose e a prostituição” (MATOS, 2003, p. 112).

a difusão dos valores que as mulheres deveriam seguir e implementar em casa, Couto (1994, p. 55) aponta que:

Após a proclamação da República, com o processo de urbanização, e com a importância atribuída à Educação e ao Estado na criação de uma nação eugenizada, os valores normativos foram bem veiculados: as Ligas de Higiene Mental (anos 20), o uso do rádio e do cinema na criação do cidadão ideal, durante o chamado Estado Novo (Almeida, 1993) foram um bom exemplo disso.

Assim, no setor de Assistência Médico Odontológica, há listas de crianças de zero a seis anos de idade atendidas pelo Departamento de Higiene Infantil e uma lista das mães das crianças atendidas, com seus respectivos endereços e datadas do ano de 1965.<sup>205</sup> Tal setor atendia crianças desde o nascimento e, de acordo com um livreto de divulgação da OFIDAS: “Trata, controla o peso, alimentação, previne através de vacinas, orienta as mães quanto ao trato do bebê, como preparar mamadeiras, primeiros cuidados e ainda fornece leite, vitaminas, farinhas e medicamentos às famílias carentes”.<sup>206</sup> Matos (2003, p. 110) aponta que no começo do XX, os médicos interpretavam a “(...) criança como elemento-chave para a construção de uma sociedade centrada na família”, sendo que a percepção sobre a importância da saúde infantil levou ao surgimento da maternologia:

A partir dos anos 20 os centros de saúde passaram a privilegiar o atendimento materno-infantil, difundindo cuidados sanitários, de higiene e nutrição que as mães deveriam ter no lar, para si e suas crianças. Dessa forma, a maternidade deixava de ser uma experiência exclusivamente feminina, transmitida entre mulheres, para transformar-se em um saber que emergia do setor médico-sanitarista (MATOS, 2003, p. 111-112).

Reiteramos que, a preocupação com a saúde infantil, na especificidade da OFIDAS, abarcaria também a questão do cuidado com o futuro não só da sociedade como um todo, mas a continuidade da comunidade judaica em território brasileiro. A existência do Lar das Crianças e do setor de Higiene Infantil revelariam, do mesmo modo, o esforço

---

<sup>205</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 03, Assistência Médico Odontológica, *Relação de Crianças (1950-1965) - Higiene Infantil*, sem data, p. 01-04.

<sup>206</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Resumo do Histórico da OFIDAS (1975) por Rachel Bacaleinick*, FI0008-ADM-B5/1, p. 09.

comunitário em assegurar a continuidade do grupo, visto que a maioria dos atendidos tinham ascendência judaica.

Fonseca igualmente ressalta a prática generalizada da “coletivização da responsabilidade por crianças” (FONSECA, 2013, p. 536), sendo elas não somente responsabilidade da família, mas também da comunidade, principalmente quando se trata de famílias de trabalhadores: “Para melhor entender o que significava ser mãe para as mulheres pobres do início do século, é necessário tirar a experiência materna do isolamento da família conjugal e situá-la dentro de redes sociais que perpassam a unidade doméstica” (FONSECA, 2013, p. 534). Fonseca usa o termo “circulação de crianças” para denominar crianças que viviam “entre uma casa e outra”, pontuando que essa prática não era excepcional:

Verificamos práticas semelhantes em inúmeras famílias tanto do presente como do passado. Trata-se de uma prática particular aos grupos populares que deriva, por um lado, da importância da família extensa, por outro, da necessidade de acionar estratégias coletivas para a sobrevivência das crianças. O cuidado das crianças cabia, conforme os ditados da divisão tradicional de trabalho, à mulher, porém, essa mulher não era sempre a mãe biológica” (FONSECA, 2013, p. 534-535).

No caso da OFIDAS, tal coletivização da responsabilidade para com as crianças encontrou lugar pelo acionamento da creche da comunidade, o Lar das Crianças. Lembremos que não só a OFIDAS, mas também a CIP contava com tal serviço, indicando a demanda por lugares aos quais confiar os filhos dentro da comunidade judaica até meados do XX. Como conferimos, a grande maioria das famílias atendidas pela Organização necessitava recorrer ao trabalho remunerado fora do lar, gerando necessidade de creches para os filhos de tais famílias, que eram majoritariamente crianças. A escassez de creches no período também deve ser considerada na compreensão da necessidade de ter lugares voltados primordialmente para o atendimento da comunidade, não dependendo do poder público.

Por fim, novamente sublinhamos outra questão que os registros do Departamento de Higiene Infantil permitem entrever: chama atenção o fato de que a grande maioria dos endereços dessas mães estar situado no Bom Retiro, reforçando mais uma vez nosso argumento de que a história da OFIDAS está intimamente ligada à história do bairro. Dos

152 endereços relacionados, 95 deles estavam situados no Bom Retiro e outros 20 estavam também na área central da cidade – como na região da Sé, Campos Elíseos, Luz e Santa Efigênia<sup>207</sup>. Ou seja, a maioria das famílias atendidas pelo setor de Higiene Infantil da OFIDAS moravam na região central da cidade, incluído o Bom Retiro, bairro que até a década de 1970 abrigou grande parte da comunidade judaica de São Paulo. Entretanto, nesse aspecto, percebemos pelos sobrenomes das famílias que moravam no Bom Retiro que algumas destas provavelmente tinham origens diversas da judaica, sendo alguns sobrenomes de origem italiana e armênia, por exemplo. Entendemos que, pela diversidade cultural do Bom Retiro, a OFIDAS atendeu além da comunidade judaica lá situada, mesmo que a maioria da sua clientela fosse formada por judeus.

### **3.7) Acompanhamentos posteriores de alguns casos atendidos (1960)**

Há uma lista datada de abril de 1960 que traz breves observações sobre o estado de alguns dos antigos atendidos pela OFIDAS. São 18 casos de crianças e jovens que a Assistência Social da Organização encaminhou para o Lar da CIP. De modo geral, estes jovens que haviam sido anteriormente atendidos pela OFIDAS apresentavam no começo da década de 1960 melhorias de vida e estabilidade familiar. Transcrevemos a seguir alguns destes relatos:

1 – A. A.: Tudo em ordem; [A. está] noiva de um rapaz israelita.

2 – Abrão. A. e Arão. A.: Moram com a avó; Abrão tem apresentado má conduta, não trabalha, anda em más companhias, não obedece ninguém; conforme informações de sua avó.

3 – N. B.: Israel. [Foi para Israel?]

4 – H. B.: Está frequentando escola de comércio. Situação financeira da família é melhor.

5 – S. D.: Em 1959, S. estava frequentando o 4º ano da Escola Renascença. Situação financeira da família está se regularizando.

6 – F. e L.: L. estuda e F. trabalha como balconista.

7 – D. E.: D. frequenta o Lar da Criança da Ofidas. A família pretende viajar para os Estados Unidos.

---

<sup>207</sup> Os outros 37 endereços estavam localizados em bairros como Santana, Tucuruvi, Mandaqui, Santo Amaro, Ipiranga, Mooca, Indianópolis, Brás, Tremembé, Vila Maria e Penha.

8 – L. K. e R. K.: Em ordem, todos estudando; L. no curso ginásial do Colégio Estadual de São Paulo e R. na Escola Técnica de Comercio Alvares Penteado, além de inteirar o Corpo de Ballet do Teatro Municipal. Situação econômica regular.

9 – N. L.: Em ordem; trabalha; formado no curso técnico de comércio.

10 – L.: Tudo em ordem, situação econômica regular.

11 – J. L.: Terminou o científico, ingressou na Faculdade de Filosofia e trancou matrícula para passar um ano em Israel.

12 – R.: A situação econômica da família é regular – todos trabalham.

13 – S.S.: O sr. S. casou-se e parece que o casal está bem ajustado, assim como S.

14 – N. S.: Até 1957 no Instituto Santa Terezinha. Situação da família regularizada.

15 – B. S.: Situação da família regularizada. B. trabalha.

16 – J. T.: A mãe casou-se novamente e parece que o casal vive bem, assim como J. e J.

17 – B. T.: Está frequentando o Instituto Maranhão e ainda estamos em contato. Situação da família em ordem.

18 – J. W.: Mora com a mãe e estuda, nunca mais o vimos<sup>208</sup>.

Por meio destes casos, percebemos que a vida dos atendidos podia apresentar mudanças ao longo dos anos, seja pela obtenção de trabalho, continuidade dos estudos, casamentos ou perspectiva de viagem. As condições de penúria de muitos lares, como anteriormente conferimos, podiam ser amenizadas, abrindo novas perspectivas de futuro.

Se, durante a década de 1950 a OFIDAS atendeu uma série de imigrantes judeus provenientes de países orientais como Egito, Líbano, Síria e Israel<sup>209</sup>, a partir da década de 1960 com a diminuição do fluxo migratório de judeus no Brasil<sup>210</sup>, é importante questionarmos se a OFIDAS teve mudanças no perfil de seus atendidos. A maioria dos atendidos ainda era composta de imigrantes judeus e seus descendentes? Ou a

---

<sup>208</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 06. Assistência Educacional, Ensino, *Relatório de Casos do Departamento Escolar – Lista enviada para o Lar da CIP*, 26 abr. 1960, não paginado.

<sup>209</sup> “Embora a porta de entrada para o Brasil tenha sido o Rio de Janeiro, a maior parte dos judeus do Oriente Médio, Mizhaim, na década de 1950 fixou-se na cidade de São Paulo (Mooca, Brás, Ipiranga, Perdizes, Santa Cecília e Higienópolis), pois ela apresentava maiores condições técnicas, de engenharia, instrumentos de trabalho e oportunidades do que o Rio de Janeiro. O desenvolvimento era uma realidade da cidade, as indústrias e fábricas abriam a esperança de vidas melhores, além da diversidade étnica, cultural e religiosa que São Paulo oferecia, pois a assimilação seria breve e fácil, além da comunidade já estar organizada e territorializada.” (PÓVOA, 2007, p. 132).

<sup>210</sup> Cf. PÓVOA, 2007, p. 133-135.



Organização ampliou sua clientela, expandindo suas atividades para além do trabalho junto àquela comunidade judaica já estabelecida na cidade?

### **3.8) Década de 1970: mudanças de perfil dos atendidos?**

Por meio dos relatórios de visitas domiciliares do setor de assistência educacional da OFIDAS datadas da década de 1970<sup>211</sup>, percebemos uma sutil, mas importante diferença em relação aos relatórios de casos anteriores: a inclusão do campo “religião” nos questionários. Se, anteriormente, não havia menção à religião dos atendidos, restando “subentendido” que a maioria ou quase totalidade dos beneficiados eram judeus, a inclusão do campo “religião” pode ser entendida como necessidade que se deu devido à provável mudança no perfil geral dos que recorriam à Organização. Considerando que entendemos que a história da OFIDAS – e da Sociedade das Damas, sua predecessora – deve ser entendida junto à história da imigração judaica para o Brasil, a diminuição do número de judeus que adentram no país a partir da década de 1960 e as possíveis melhorias das condições de vida de muitos dos até então atendidos, podem ter refletido diretamente no público da OFIDAS. Para Rattner (1977, p. 92):

Os imigrantes, à medida que se integravam e aprenderam os costumes do país, prosperaram, alguns até enriqueceram e outros alcançaram um nível de bem-estar que provocou seu êxodo dos bairros tradicionalmente habitados por judeus para os residenciais, mudando assim, a composição e a fisionomia dos clientes que ainda hoje procuram o serviço social da comunidade.

Deste modo, percebemos que os relatórios de visitas às famílias que tinham filhos atendidos pelos setores da Organização trazem informações diferentes dos analisados anteriormente. Vários dos endereços residenciais das famílias atendidas não estão situados no bairro do Bom Retiro; muitos são de religião católica (ainda que persista na documentação alguns de “religião israelita”) e há famílias migrantes, cujos pais eram provenientes de diversos estados como Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Alagoas e Rio Grande do Sul. Os motivos para a colocação dos filhos na creche vão além das

---

<sup>211</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Educacional, Ensino, *Relatórios de visitas domiciliares (1973-1974)*, sem data, não paginado.

dificuldades financeiras, como, por exemplo, o preenchimento do tempo livre das crianças com atividades educacionais e recreacionais, a companhia de outras crianças ou mesmo o “ambiente bom” proporcionado pela Organização, além da já citada necessidade de liberar os pais para o trabalho fora do lar. Neste aspecto, é importante sublinhar que a OFIDAS desempenhou um papel importante ao longo de seus anos de existência no que tange principalmente ao apoio às mães que precisavam trabalhar fora, sendo que estas muitas vezes podiam não contar com uma rede de apoio familiar, como foi o caso da Sra. A., mãe de duas meninas, que foi entrevistada por telefone pela OFIDAS:

D.[ona] A. (...) estava no horário de trabalho, mas mesmo assim, mostrou-se bastante interessada em saber que era sobre a Ofidas que precisaríamos conversar. Ela é funcionária do colégio Renascença e ganha salário mínimo. O marido abandonou a casa, cabendo a ela o sustendo do lar.

Como seu salário é insuficiente para arcar com todas as despesas, sábados ela trabalha como fachineira [sic.] e ainda faz horas extras a noite no Renascença, para poder morar numa casa dentro do colégio.

A casa não possui armários e nem fogão próprio pois ela teve que vender.

As crs. [crianças] estão muito contentes na Ofidas pois tem bastante amizades com crianças da mesma idade.

Para a mãe é um conforto saber que as crs. [crianças] estão frequentando um ‘lugar bom, limpo, onde possam brincar, aprender, e ter contato com outras crianças’, pois ela trabalha até tarde da noite, não podendo dar atenção suficiente.

Informamos a ela que na Ofidas tem vários setores, e que poderá usufruir deles quando precisar. Disse-nos que apesar de não ter tempo poderá ajudar-nos em qualquer coisa, podendo pedir a Diretora para sair, pois esta é bastante compreensiva.<sup>212</sup>

O caso da Sra. A. novamente nos remete à questão do abandono por parte do marido e as possibilidades que estas mulheres “abandonadas” dispunham. Visto que, nos casos aqui trabalhados, essas mulheres eram pobres (imigrantes ou não), tal condição de classe as impunha a necessidade de buscar no trabalho extradoméstico uma via para a manutenção familiar:

---

<sup>212</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Educacional, Ensino, *Relatórios de visitas domiciliares (1973-1974)*, nov. 1973, não paginado.

As mulheres “abandonadas” não tinham outra alternativa senão a de trabalhar. Mas, em muitos casos, mesmo as que moravam com seus companheiros procuravam alguma forma de renda para escapar à miséria que representava a dependência exclusiva do salário masculino. O homem podia até ser “trabalhador” – quem garantiria que ia ter uma renda regular? (...). [Ademais] Nem todos os homens se preocupavam com o sustento da casa” (FONSECA, 2013, p. 516).

Ademais, reiteramos a ideia de que a OFIDAS também desempenhou a função de ponto de apoio na manutenção da família para essas mulheres pobres, como acolhendo seus filhos na creche da Organização e/ou lhes concedendo auxílio financeiro/material. A responsabilização comunitária e institucional com a família nuclear revelou-se, no caso da OFIDAS, principalmente como suporte aos componentes socialmente mais expostos às situações de violência e abandono, leia-se, mulheres e crianças.

Fonseca (2013) aponta que também a população não judia pobre recorria às instituições filantrópicas ou estaduais para auxiliar com o cuidado dos filhos<sup>213</sup>. Contudo, na especificidade do caso judaico aqui estudado acreditamos que, pelo menos na criação e primeiros anos de funcionamento, quando a grande maioria dos atendidos era composta por famílias judias, as atividades de auxílio voltadas às mulheres e seus filhos compreendiam também uma preocupação com a proteção da identidade e continuidade do grupo. Visto que se trata de um grupo matrilinear, onde a “judaicidade” é transmitida pela mãe, a criação de uma “rede social de apoio” (FONSECA, 2013, p. 540) pode ser interpretada também como ações para a continuidade do grupo.

A criação de instituições judaicas que tinham atividades voltadas ao amparo da infância pode indicar também a preocupação de não depender das políticas governamentais em expansão a partir das décadas de 1920-30, que visavam o combate à “delinquência latente nas pessoas pobres” (PASSETTI, 1999, p. 348). A fundação da Creche da OFIDAS e da CIP, por exemplo, podem ser entendidas ainda como a materialização da ideia de responsabilidade da própria comunidade pelas suas crianças, visando a proteção do seu ideal de família e de comunidade. O combate ao trabalho infantil – questão presente na São Paulo em pleno processo de urbanização e industrialização – e ao “perigo social” que a rua representava, também poderiam ser fatores somados à necessidade de liberação dos pais pobres para o mercado de trabalho.

---

<sup>213</sup> Como os casos de crianças internadas na Santa Casa, Asilo Providenciário, Asilo da Piedade ou colégios como Patronato Agrícola e Santa Tereza. (FONSECA, 2013, p. 538)

O caso de outra mãe, moradora do Bom Retiro e de sobrenome V., alega ter colocado o filho na Obra para “ter aonde brincar no período da tarde”. A Sra. V. é mais um caso cuja família tinha problemas financeiros e via na OFIDAS um lugar de apoio para os cuidados com o filho:

A mãe veio à Obra a fim de resolver o problema da mensalidade. Dissemos que variará a quantia dependendo do mês.

No mês de Abril poderá pagar menos pois uma de suas filhas, que já trabalha, sofreu uma queda e está recebendo ajuda do INPS, não podendo trabalhar por alguns dias.

Recebe mensalmente uma quantia em dinheiro do marido, auxiliando no estudo das crianças. Neste mês, também o marido sofreu um acidente com o carro, e este não sabe se receberá alguma indenização.

Duas crianças estão na Caixa escolar e a despesa de um deles está completamente ao encargo da família. Disse porém, que algumas vezes, quando a Caixa está sem fundo, tem que pagar as despesas referentes às três crianças.

A filha mais velha que é desquitada, trabalha em uma Boate em Avaré. Três netos estão em Internato e a mãe vem visitá-los uma vez por mês, o que o J[u]iz obriga. A neta mais nova, agora com 4 anos, está sob seus cuidados.

Faz questão que as crianças terminem os estudos, principalmente os meninos [grifo nosso], pois acha que para vencer, só estudando. Quando os meninos entrarem no Ginásio, pretende que estudem à noite e trabalhem durante o dia.<sup>214</sup>

Igualmente por outro caso – da Sra. R., católica, baiana, mães de três filhos e residente da Rua Joaquim Murtinho no Bom Retiro – é possível perceber a importância atribuída para ao cuidado que as mães indicavam dedicar aos filhos. As “impressões pessoais” da visitadora da OFIDAS foram:

Família constituída ilegal[mente] porém já vivem há 15 anos juntos. A mãe apesar de analfabeta [grifo nosso] preocupa-se com seus filhos em todos os sentidos. Desde que seu filho menor nasceu parou de trabalhar, gostaria de recomeçar e para isso precisaria colocar a criança em creche.<sup>215</sup>

---

<sup>214</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Educacional, Ensino, Relatórios de visitas domiciliares (1973-1974), 22 abr. 1974, não paginado.

<sup>215</sup> Idem, 13 mar. 1974, não paginado.

Assim, de modo geral, os relatórios de casos encontrados frisam o comportamento da mãe em relação aos filhos, ao muitas vezes estar presente nos relatos das visitadoras a preocupação da mãe com as atividades dos filhos e com o ambiente que frequentavam. A valorização da responsabilidade materna perante seus dependentes era trazida à tona pelas visitadoras que, ao nosso entender, via a mulher como principal mantenedora do lar. Um exemplo disso é o caso acima da Sra. R. que, “apesar de analfabeta”, preocupava-se com os filhos. O analfabetismo de R., apresentado como defeito, poderia, nesta ótica incidir sobre os filhos num pretense relapso da mãe em relação à educação dos mesmos.

O caso da Sra. L., nascida no Paraná, moradora do Bom Retiro (Rua Joaquim Murtinho) e de religião espírita, também é um caso que indica o entendimento do papel da mãe como central na vida da família, bem como que o trabalho da creche da OFIDAS auxiliou no alívio da carga de trabalho que majoritariamente as mulheres tinham em relação ao cuidado com os filhos. A entrevista junto à Sra. L. traz à tona o quanto as dificuldades da vida de uma mulher pobre podiam incidir diretamente em sua saúde mental e nas suas percepções de mundo:

A entrevista foi motivada pela matrícula das crs. [crianças] no Dep. Dentário, sendo esse nosso 1º contato com a cliente; no decorrer da mesma, a C. [cliente] mostrou-se bastante deprimida, contando uma série de fatos ocorridos em sua vida, alguns bastante recentes porém, de maneira enigmática, ocultando certos fatores, talvez muito agravantes para seu estado, ou utilizando-se de ~~outros meios~~ subterfúgios [sobrescrito]. Muitas vezes, enquanto falava, começava a divagar como que pensando ou relembrando a cena ocorrida, quase chorando em certos momentos.

Contou que fora casada durante 3 anos, nascendo desse casamento C., R. e M. Tendo sido traída pelo marido (S/C) [?] e por desentendimentos, se separou.

~~Atualmente~~ Há 7 anos [sobrescrito] está com o Sr. A. B. porém há 3 anos já não vivem bem. Disse-nos q[ue] não admite ser enganada por 2 vezes (S/C) [?] e por mais q[ue] tentassem voltar, nada surtiu efeito. Continuam juntos por causa dos filhos, mas cada um leva sua própria vida.

Evitam brigar perto dos filhos, pois não querem que percebam o que há entre o casal.

D.[ona] L. sente-se muito abatida pelo falecimento da mãe, que morreu queimada, no dia 31.12.73. Disse que essa era sua única amiga e quem a auxiliava na resolução dos problemas, tendo criado a menina M. até

sua morte. Agora sente-se sozinha, dizendo não acreditar nas pessoas, não considerando ninguém digno de ser seu verdadeiro amigo.

Cria a irmã menor e mora com mais dois irmãos e uma irmã.

Falou que gostaria de estar por vezes sozinha, ter um pouco de sossego e que alguns dias não tem vontade nem de se levantar da cama e se o faz é por causa das crs. [crianças] a quem ama muito. Sabe que seu estado atual prejudica os filhos, pois às vezes não tem muita paciência, batendo neles também. Gostaria de alugar um quarto e morar só com eles e a irmã menor.

Lava roupa para fora a fim de ajudar o marido que é funcionário público (...).<sup>216</sup>

Assim, percebemos que a Sra. L., era a principal encarregada da criação dos filhos, em outras palavras, não contava com uma divisão um pouco mais igualitária de tal responsabilidade junto ao marido. Este era entendido como o principal provedor financeiro, sendo o trabalho assalariado da Sra. L. (lavadeira) tido como uma “ajuda” ao marido. Assim, mesmo sendo também de sua responsabilidade a manutenção financeira do lar, entendemos pela fonte que sua principal tarefa era a criação dos filhos, enquanto que a função primordial do homem era a trabalhar para prover a casa.<sup>217</sup> Para Kosminsky (KOSMINSKY, 2004, p. 316) “o serviço doméstico e mais o cuidado com os filhos absorviam a vida diária da mulher imigrante”. Ao ser entendido como ajuda, o trabalho feminino era subvalorizado:

Essa ajuda não era considerada trabalho. Este era visto então como a atividade remunerada executada fora de casa, pelo homem, o chefe da família. Essa diferença de percepção entre o trabalho e como este é visto tem raízes na falta de congruência entre valores e experiência, quando o background cultural desempenha um papel influenciando as escolhas de trabalho e determinando também o que as experiências de trabalho significam para os imigrantes. Esses valores patriarcais encontraram um ambiente apropriado para o seu desenvolvimento na sociedade brasileira (KOSMINSKY, 2004, p. 316).

Não fica explícito na entrevista quais foram todos os traumas de vida da Sra. L., mas ela permitiu-se compartilhar com a visitadora da OFIDAS “uma série de fatos

---

<sup>216</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Educacional, Ensino, *Relatórios de visitas domiciliares (1973-1974)*, 13 abr. 1973, não paginado.

<sup>217</sup> Sobre as primeiras décadas do século XX, Matos (2018, Kindle Edition, Location 623) aponta que: “A família era considerada a célula da sociedade, nela as funções eram delimitadas, à mulher atribuíam-se o papel de esposa-mãe, cabendo ao homem a função de pai-provedor, viabilizada pelo trabalho, que deveria ser fonte básica de sua autorrealização, veículo de crescimento e reconhecimento pessoal”.

ocorridos em sua vida”, sobretudo as traições dos companheiros e a morte recente da mãe. A visitadora destacou seu estado deprimido, certamente causado pelas dificuldades enfrentadas ao longo da vida, e atribuiu um *status* enigmático aos relatos da visitada, que usaria de “subterfúgios” em sua fala, “ocultando certos fatores”. Estas podem ser sido estratégias encontradas pela Sra. L. para resguardar-se e proteger-se de possíveis julgamentos externos, no caso, a visitadora de uma Organização que não era sua amiga ou confidente. De acordo com o relatório, a própria Sra. L. dizia não mais acreditar nas pessoas, “não considerando ninguém digno de ser seu verdadeiro amigo”. As traições dos companheiros e a perda da mãe, figura feminina na qual encontrava apoio, certamente foram algumas das causas para essa postura e visão de mundo da Sra. L. A divagação da Sra. L. em lembrar-se dos momentos vividos e o quase choro que por vezes lhe ocorria, são indícios da não superação dos traumas precedentes e, conseqüentemente, das dificuldades de conviver com memórias dolorosas.

A Sra. L. foi casada por duas vezes, sendo importante pontuar que naquela época – início de 1970 – a imagem de uma mulher separada que contraiu matrimônio pela segunda vez ainda podia não ser das melhores perante àquela sociedade conservadora.<sup>218</sup> A Sra. L. dizia “não admitir ser enganada por 2 vezes”, referindo-se às traições dos dois ex-companheiros. Entretanto, a decisão de não mais estar com os pais dos filhos era tolhida pela preocupação com os pequenos: houveram tentativas de voltar com o segundo marido – “continuam juntos por causa dos filhos, mas cada um vive sua própria vida” – deixando clara a concepção de que uma família composta de mãe e pai casados era a via ideal, enquanto que o lar composto com apenas uma dessas figuras poderia causar

---

<sup>218</sup> “Havia tanta discriminação contra a mulher recasada que podemos perguntar por que, depois de separar-se do marido, ela não procurava se manter independente. (...) Sem homem, quem pode ‘botar respeito’ na casa? Pesquisas etnográficas mostram que, hoje, a polícia é relativamente importante para controlar furtos e agressão física entre vizinhos nos bairros trabalhadores. Há evidência de que, no início do século, as circunstâncias não eram mais seguras. Sem poder contar com a polícia ou outra força externa para impor ordem, cada família teria de acionar suas próprias estratégias de proteção, garantindo a seus membros um mínimo de segurança contra agressores, ladrões, e predadores sexuais. Se a nossa hipótese é correta, a presença de um homem, de preferência forte e valente, era visto como quase indispensável tanto para espantar malfeitores quanto (...) para atestar da integridade moral das mulheres.

A mãe sozinha estava, portanto, entre dois fogos: por um lado, pressões econômicas e políticas que impunham a necessidade de um (novo) marido; por outro, a condenação pela opinião pública de qualquer mulher que tivesse mais de um homem na vida. Que essa condenação tem base na rivalidade masculina, não há dúvida” (FONSECA, 2013, p. 524-525).

prejuízos à criação e desenvolvimentos das crianças. Assim como o fato de evitarem brigar perto delas, para que não percebessem que o casal se encontrava em dificuldades.

A morte traumática da mãe, figura na qual encontrava apoio para criação dos filhos, foi outro ponto chave no estado “deprimido” e “abatido” da Sra. L. Esta ainda teve que tomar para si a responsabilidade de criação da irmã mais nova, convertendo-se na figura responsável para mais uma dependente. É importante frisar que o estado de solidão da Sra. L. também não é natural ou problema de ordem menor: sendo ela referência para os filhos e irmã, ela não mais contava com uma figura de apoio para si própria. A falta de uma rede de apoio com a qual contar e as traições dos maridos, a levava àquele estado de incredulidade no outro e na incapacidade de confiar novamente em alguém. A vontade de estar sozinha e de “ter um pouco de sossego” deixam transparecer o estado de exaustão da Sra. L. que, como outras tantas mulheres, teve que assumir diversas responsabilidades, vendo-se compelida a pensar primordialmente nos outros, suprimindo assim seu ego em prol dos filhos e maridos. Essa individualidade negada e suprimida por um discurso machista construído durante séculos é uma constante nos relatos que aqui transcrevemos e que perpetua até os dias de hoje em nossa sociedade.

Entretanto, todas as dificuldades e traumas da Sra. L. não tiravam totalmente sua perspectiva de vida: ansiava por um lugar só para ela, os filhos e irmã, deixando transparecer a esperança de outro recomeço junto às pessoas as quais sentia-se responsável. A responsabilidade da Sra. L. perante seus dependentes era tão grande que se via compelida a “levantar da cama” *por eles*, nos levando a perceber novamente a anulação de sua individualidade perante a responsabilidade assumida com os outros que dela dependiam. Tal responsabilidade excessiva, se aliava ainda à culpa quando sentia que faltava junto às crianças devido a “seu estado atual” que era de esgotamento perante tantas vicissitudes.

A sobrecarga de responsabilidade das mulheres na manutenção moral e financeira do lar é destacada em mais outros casos como o da Sra. I., moradora do Bom Retiro (Rua Antônio Coruja), que era a responsável pela criação de dois netos, pois os pais das crianças moravam na Bahia:

A primeira (...) [neta] veio para São Paulo ainda pequena e a menor é paulista. A avó disse-nos que as crianças vivem com ela pelo fato dos pais não poderem orientá-las.



A família conhece a Ofidas há muitos anos, sendo que uma tia das crianças já participou da Recreação.

Vivem com dificuldades; na própria [?] há uma oficina onde a avó faz a roupa para uma indústria. Desconhece quase que totalmente as atividades realizadas pelas crianças na Obra, estando contente pelo fato das crianças gostarem e não ficarem na rua brincando.

Disse-nos que pelo fato das crianças não serem suas sente maior responsabilidade e preocupação.<sup>219</sup>

Pela fonte, conferimos que a Sra. tinha um companheiro, mas seu papel de responder sobre os netos ou a sua contribuição na manutenção da casa não são indicados pelo documento. Como na quase totalidade dos relatórios analisados, os adultos entrevistados pelas funcionárias da OFIDAS eram quase sempre as mulheres – mães, avós, esposas –, indicando que se esperava que quem melhor podia responder pela família era a mulher. As funções de esposa, mãe e/ou avó, neste caso específico das atendidas pela OFIDAS, era também composto pela função de provedora financeira do lar, devido ao fato de serem essencialmente mulheres pobres que deviam buscar no trabalho assalariado a via para a prover o sustento da casa que o companheiro/homem (quando existente) nem sempre garantia.

Pode-se pressupor igualmente que, devido ao fato de que muitas destas mulheres poderia ter como ofício algo executável na própria casa (como passadeiras, lavadeiras, costureiras, etc.), estas se encontrariam mais disponíveis a receber a visita das funcionárias da OFIDAS ou comparecer à Organização para entrevista marcada e, assim, responder seu questionário. Entretanto, uma das poucas entrevistas realizadas com um pai contribui para refletirmos se, quando este estava disponível, verificava-se a mesma expectativa social no que tange à responsabilidade relativa aos cuidados com os filhos:

A entrevista foi realizada com o pai da cr. [criança] pelo fato de trabalhar por conta própria, e não ter obrigação de horário. Em relação à mãe, esta não teve disponibilidade de vir, por trabalhar numa loja em Santana, no horário marcado para a entrevista.

O pai sentiu em não poder responder a todas as perguntas, dizendo ser maior o conhecimento da mãe em relação às atividades realizadas no setor, veio somente a entrevista pelo fato dos pais gostarem de atender prontamente a todos os chamados que se relacionem a cr. [criança].

---

<sup>219</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Educacional, Ensino, *Relatórios de visitas domiciliares (1973-1974)*, nov. 1973, não paginado.

M. [filha] frequenta o setor há mais ou menos 4 ou 5 anos. Deixou de vir durante algum tempo, época que sua mãe parou de trabalhar. Recomeçando o trabalho, foi novamente matriculada.

O pai insistiu para que fosse realizada nova entrevista, desta vez com a mãe.<sup>220</sup>

Assim, o relato do Sr. C. nos aponta que, mesmo apesar da prontidão indicada em comparecer “a todos os chamados que se relacionam a criança”, o mesmo não sabia de fato responder sobre a família, insistindo para que a mulher fosse ouvida.<sup>221</sup> Matos (2018) aponta as diferenças entre as expectativas sociais sobre homens e mulheres no início do século XX:

A família era considerada a célula da sociedade, nela as funções eram delimitadas, à mulher atribuía-se o papel de esposa-mãe, cabendo ao homem a função de pai-provedor, viabilizada pelo trabalho, que deveria ser fonte básica de sua autorrealização, veículo de crescimento e reconhecimento pessoal. Dessa maneira, o sentido da estratégia discursiva residia no fato de transformar o trabalho – um dos princípios do sistema – em um dos padrões centrais da masculinidade hegemônica (MATOS, 2018, Kindle Edition, Location 628).

Um contraponto é o caso do Sr. D., um dos poucos onde o homem/pai foi o responsável por procurar a OFIDAS. O caso também é interessante à medida que indica a criação de elos entre judeus e não judeus na cidade, por meio da assistência social empreendida pela OFIDAS e pelas relações de trabalho:

O Sr. D. veio à Obra a fim de matricular o filho no setor. Disse-nos q[ue] precisaria do lugar pois a cr[iança] fica sozinha em casa no período da tarde. O irmão + [sic] velho está no ginásio e a menor na nossa Creche.

Por ser chofer [sic.] da creche e começar a levar as crs. [crianças] para casa depois das 16,30hs, vinha buscar o filho nesse horário.

Pelos motivos explicados (...) percebeu q[ue] é bastante prejudicial à criança sair 1,30hs antes do horário de saída normal, pois ela perde muitas atividades.

---

<sup>220</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Educacional, Ensino, *Relatórios de visitas domiciliares (1973-1974)*, nov. 1973, não paginado.

<sup>221</sup> “As representações de marido e pai formavam uma corrente de reforço mútuo, garantindo e consolidando o modelo de autoridade e de poder a ser desempenhado pelos homens” (MATOS, 2018, Kindle Edition, Location 654).

Tentará por isso reformular o trajeto da perua, fazendo com q[ue] venha buscar o filho mais tarde.<sup>222</sup>

O Sr. D. era católico e trabalhava no transporte de alunos dos colégios Renascença e Sholem Aleichem, ambas escolas judaicas. Provavelmente devido ao seu tipo e horário de trabalho, ficou encarregado do transporte dos filhos para a creche (a esposa era recepcionista-telefonista e trabalhava em horários alternados). A família tinha três filhos e morava na região do Tucuruvi.

A responsabilidade assumida junto aos filhos pelo Sr. C. e pelo Sr. D. aparece como exceção nas fontes consultadas. Como supracitado, a grande maioria dos casos é centrada na figura feminina junto ao lar, seja por ser ela que tenha recorrido à OFIDAS ou por ser entendida como a principal responsável pela manutenção do lar e criação dos filhos. De acordo com Matos (2018, Kindle Edition, Location 654) “A paternidade encontrava-se vinculada aos qualificativos trabalhador-provedor; o pai, além de fornecer alimentação, abrigo e amparo, teria de ser um exemplo”.

Havia ainda as famílias cujas mães eram viúvas, restando-lhes assumir totalmente a responsabilidade da família. Como o caso da Sra. L., mãe de cinco filhos, moradora do Bom Retiro (Rua Joaquim Murtinho) num cômodo alugado composto por quarto e cozinha, católica, analfabeta e funcionária de um restaurante onde lavava louças. O relatório referente ao caso de L. indica que ela tinha “problemas nervosos”. No campo “impressões pessoais”, a visitadora registrou que todos da casa dormiam em uma cama, não tinham móveis e nem dinheiro para a comida. A vizinha dos fundos auxiliava cuidando das crianças. A Sra. L. procurou a OFIDAS e, segundo impressão da funcionária, parecia bastante abalada devido sua situação atual, não lembrando sequer alguns dados necessários para registro na Organização, como endereço do trabalho atual e anterior e local de trabalho de uma das filhas. Ademais:

Disse q[ue] tem desmaios constantes já tendo feito uma série de exames. Os médicos dizem q[ue] o problema é de fundo nervoso. Trouxe uma carta de recomendação para seu tratamento [?] no H.C. [Hospital das Clínicas].

---

<sup>222</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Educacional, Ensino, *Relatórios de visitas domiciliares (1973-1974)*, 22 abr. 1974, não paginado.

Trouxe documentos de atestados de pobreza e atestado de óbito do marido.

Trabalhou durante 3 anos numa casa da família.

Pediu a colocação de S. e R. [filhas] numa creche ou no sistema de semi-internato (o q[ue] prefere) ou no sistema de internato. O principal é q[ue] as crs. [crianças] não fiquem na rua durante todo o dia.

Soube dos setores e vantagens q[ue] a obra oferece e solicitou a matrícula das outras crs. [crianças] no Dep. Médico.

O primeiro pedido nosso foi que trouxesse os endereços de trabalho, e se informasse sobre o local de trabalho da filha.

D. B. [a Sra. L.] diante desse pedido, notou a importância disso explicando o porque. Disse q[ue] o faria imediatamente.<sup>223</sup>

Outro caso semelhante é o da Sra. O., mãe de sete filhos, mineira, moradora do Bom Retiro à Rua Rodolfo Miranda, cuja religião foi registrada na fonte como “crente”. Ela buscou a OFIDAS em 1974 para matricular duas filhas na obra:

Fomos informadas que ela é viúva e sustenta além de seus filhos menores, o maior que casou recentemente.

Só depois de casado este descobriu que sua esposa sofria dos pulmões. Foi submetida à operação e hoje tem um só pulmão tornando-se bastante fraca (SIC).

Depois deste acontecimento, ele não quer mais saber de trabalhar, volta tarde de noite quando volta e não tem mais nenhuma responsabilidade em casa (SIC).

Para Dona O. as despesas estão muito altas, pois estas ficam todas nas suas costas (SIC).

Mostrou ter boa vontade em colaborar na Colônia de Férias com o quanto podia.<sup>224</sup>

A sobrecarga de responsabilidades assumidas por essas mulheres fica evidente, sobrecarga essa que ia além da manutenção financeira do lar, incidindo diretamente sobre sua saúde. Elas, quase sempre muito pobres, provavelmente encontraram na OFIDAS um lugar de apoio principalmente no que tange ao cuidado com seus filhos.

---

<sup>223</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Educacional, Ensino, *Relatórios de visitas domiciliares (1973-1974)*, sem data, não paginado.

<sup>224</sup> Idem, 24 jun. 1974, não paginado.

Ademais, percebemos nestes relatos a preocupação das mães com a ocupação e atividades dos filhos, sendo a OFIDAS, para elas, um lugar onde podiam confiar suas crianças. Provavelmente o trabalho feito pela OFIDAS ao longo de suas décadas de existência levou não somente a esta credibilidade, mas também a se tornar conhecida para além da comunidade judaica instalada no Bom Retiro. Algumas destas famílias viviam no bairro e podiam ter conhecido os trabalhos da Organização por intermédio de vizinhos e conhecidos ou, como no caso da Sra. A., que trabalhava numa escola judaica, pode ter tomado conhecimento da Obra no próprio ambiente de trabalho. Deste modo, acreditamos que tais fatores contribuíram para determinada mudança no perfil geral dos atendidos, que passou a contar com maior número de não judeus e moradores de outras regiões da cidade.

Há famílias atendidas que dispunham de melhores condições econômicas, como o caso da família V., de religião católica e moradora do Bom Retiro (Rua João Kopke), cuja esposa era enfermeira da Cruz Vermelha e o marido estudava Economia. Era um casal “constituído legalmente”, ou seja, haviam contraído matrimônio. A filha do casal frequentava a OFIDAS e um curso de canto na Escola de Belas Artes. A casa onde residiam era “muito boa” e possuíam móveis suficientes, estando em “ótima conservação”.<sup>225</sup>

Entretanto, há ainda relatos sobre casos de famílias judias que eram atendidas pela Organização no começo da década de 1970; como o caso da família I., vinda do Marrocos, moradora do Bom Retiro à Rua Guarani, cujo pai era contador e a mãe não teve profissão indicada. A família tinha dois filhos pequenos e, de acordo com a fonte, era sustentada pela OFIDAS. A família colocou as crianças na obra para “ter contato com outras crianças”, “aprender a língua mais fácil[mente]” e “desprender energia”.<sup>226</sup> Ou, ainda, o caso da família F.:

A mãe conhece a Ofidas há alguns anos e disse que seu filho adora participar do setôr, inclusive recomendando a outros amigos. Sabe das atividades realizadas na recreação, através do que a criança conta.

---

<sup>225</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Educacional, Ensino, *Relatórios de visitas domiciliares (1973-1974)*, nov. 1973, não paginado.

<sup>226</sup> Idem, 13 set. 1974, não paginado.

O menino sofre do exôfago [sic.] e está fazendo tratamento há alguns anos, dessa maneira tanto as professoras como os colegas não se assustam quando sente algum sintoma relacionado ao problema.

A família vive em constantes dificuldades e gostariam de morar em Israel, lugar onde se encontram as 2 filhas mais velhas, porém por problemas de idade do marido não podem ir para um Kibutz.

Contou-nos ser constante as saudades das crianças por suas irmãs, referindo-se a elas constantemente.<sup>227</sup>

Apesar das mudanças do perfil geral dos atendidos, a Organização continuou tendo como foco os trabalhos de apoio junto às mulheres e seus filhos necessitados, sendo que a religião ou territorialidade não determinava totalmente quem seria ou não atendido pela OFIDAS. Pelos relatos acima percebemos que o foco de atuação e principal elo de diálogo com a Organização continuava sendo a mulher, figura central na família pelos seus papéis de mãe e esposa, além de muitas vezes também ser a responsável pela manutenção financeira do lar. Ademais, a preocupação com a educação dos filhos revela a crença do estudo como caminho para a melhoria de vida da família, como no caso da Sra. V. que fazia questão de que “principalmente os meninos” terminassem os estudos, ou na Sra. R. que “apesar de analfabeta” preocupava-se com os filhos. O sonho de um futuro melhor também transparece no desejo de retorno à Israel da Sra. F., através de seu depoimento – e de tantos outros até aqui transcritos – somos levados ao campo das sensibilidades e do cotidiano familiar daquelas pessoas cujas vozes são necessárias para nossas interpretações sobre o passado. Entendemos que essas mulheres, casadas, viúvas, “desquitadas”, abandonadas pelos maridos ou amasiadas com seus companheiros (como a Sra. R., cuja família foi “constituída ilegalmente”, ou seja, sem vínculo matrimonial legal) desempenharam papéis além das esperadas funções de mãe e esposa – que, por si só, já são de grande importância –, sendo sujeitos importantes para a maior compreensão daquela realidade social.

Quando perguntadas se a obra atendia ou não os interesses da família, todas as respostas eram positivas, apontando sua satisfação com o trabalho da Organização e sublinhando o contentamento das crianças ao estarem nas dependências da OFIDAS.

---

<sup>227</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Educacional, Ensino, Relatórios de visitas domiciliares (1973-1974), nov. 1973, não paginado.

Ainda no caso da Sra. R., percebemos que a Obra também podia atuar com mediadora dos próprios conflitos familiares:

Fomos informadas que o menino [um dos filhos de R.] possui um problema na vista e que precisa ser operado, segundo informam os médicos (SIC). Já foi levado para Campinas e como os médicos não quiseram operar com anestesia, o pai ficou com medo que o filho morresse e impediu a operação. (SIC). Desde esse tempo, não quis deixar mais o menino ir ao médico.

A mãe nos pediu para convencer seu marido, pois ela acha que o menino terá problemas futuros. Demos a orientação para procurar o médico da Ofidas juntamente com seu marido para ser examinada a cr. [criança] e ter melhores esclarecimentos sobre o assunto. Ficamos de marcar hora para ela.<sup>228</sup>

Outro exemplo é o da família de sobrenome F., de pai brasileiro e mãe nascida na Polônia (naturalizada brasileira), ambos judeus residentes no Bom Retiro. O relato é interessante à medida que permite entrever parte da experiência infantil na imigração e na sua inserção na família e seus conflitos, pontos que raramente veem à superfície nas fontes disponíveis.

D. [F.] veio à Obra a fim de matricular o filho no setor Recreação. Ele já havia participado da Creche, terminando porém o Jardim no Prudente de Moraes, onde estuda até agora.

A. é filho único e adotivo. Sua mãe morreu e a fam.[família] F. soube do menino, sendo q[ue] o Sr. F. o trouxe para casa fazendo, inclusive uma surpresa à esposa. Estava apenas com 4 dias e com problemas na pele. Desde o começo tentaram explicar a situação; no entanto, o menino diz q[ue] eles são seus verdadeiros pais, não querendo dar ouvidos às explicações.

Os pais trabalham fora e o menino foi praticamente criado por uma empregada a quem estima muito, chamando-a até há pouco tempo, de mãe. Há 2 meses porém essa empregada saiu da casa.

A. é criança muito expansiva (SIC), tendo começado a falar cedo.

Por não ter boa orientação nas tarefas escolares no período da tarde, A. só faz as lições à noite, qdo.[quando] os pais voltam do trabalho. Com isso, vai dormir as 23.30 hs, não conseguindo acordar as 6.30hs na manhã seguinte, fato q[ue] o prejudica bastante por ficar com sono o dia todo.

---

<sup>228</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Educacional, Ensino, *Relatórios de visitas domiciliares (1973-1974)* - Entrevista, nov. 1973, não paginado.

Vindo ao setor, almoçará na casa de uma tia, por estarem sem criada. Por esses motivos procuraram a Obra.

A entrevistada disse-nos q[ue] poderia pagar uma taxa mensal, uma vez que, há 6 anos, pagava C\$ 80,00 para a creche.

O menino foi tratado até 6/7 anos pelo Dr. L. e operou as amígdalas com o Dr. G.<sup>229</sup>

Assim, o trabalho de acompanhamento dos atendidos era feito de maneira próxima, sendo as entrevistas e visitas realizadas pelas funcionárias e voluntárias da Organização o método central deste trabalho. Entretanto, os relatórios destas visitas e entrevistas realizadas no começo dos anos 1970 não estão completos: vários campos dos questionários foram deixados em branco, sendo esparsas as informações remanescentes, o que dificulta fazer um levantamento quantitativo mais amplo sobre estes atendidos.

Aqui buscamos elaborar um texto que tratasse sobre os atendidos pela OFIDAS ao longo de suas décadas de existência, apesar das lacunas e demais dificuldades encontradas no trabalho junto às fontes. Ademais, intentamos demonstrar a potencialidade do fundo documental em questão, que oferece grandes possibilidades de pesquisa. Considerando que a OFIDAS ainda existe atualmente – sob a nova denominação “União Brasileira Israelita do Bem-Estar Social UNIBES” – somos levados a pensar sobre a importância de organizações como esta junto à sociedade e o quanto elas podem informar ao pesquisador sobre histórias muitas vezes esquecidas.

---

<sup>229</sup> CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Educacional, Ensino, *Relatórios de visitas domiciliares (1973-1974)* - Entrevista, 27 mar. 1974, não paginado.



## Considerações Finais

Concluimos reforçando que esta pesquisa buscou tratar sobre a história da Sociedade das Damas e da OFIDAS considerando sua importância na formação de uma comunidade judaica paulistana. Para isso, abordamos os possíveis motivos para sua fundação e longa existência na São Paulo do século XX. Buscamos apontar que muitos são os fatores a serem considerados para o maior atendimento sobre as motivações para a existência de associações do tipo, sendo necessário considerar o contexto histórico brasileiro do início do século e, também as particularidades de um grupo étnico religioso como o povo judeu, tão diverso entre si.

Ademais, buscamos apontar a importância que a Sociedade das Damas e a OFIDAS teve no auxílio de muitos dos imigrantes judeus e seus descendentes no que tange à viabilização de melhores condições de vida e da continuidade daquela comunidade em formação na cidade de São Paulo. Acreditamos que o auxílio foi além da natureza material, e que a existência de lugares e de pessoas dispostas a colaborar de alguma maneira no amparo de pessoas em situação de maior vulnerabilidade social e econômica foi importante na melhoria das condições de vida de muitos.

Contudo, não intencionava criar um texto essencialmente saudosista ou que apenas enaltecesse os feitos das organizações de beneficência e assistência social e das pessoas nelas envolvidas – ainda que para alguns isso possa ser válido e tenha sua importância. O mais importante para mim, pelo *métier*, foi apontar a historicidade dessas organizações, suas mudanças e continuidades, os agentes que a construíram sendo eles “beneméritos” ou “beneficiados”. A intenção foi sublinhar que instituições não existem *per se*, mas são forjadas num tempo e espaço por agentes com suas diversas motivações e graus de engajamento.

Sublinho, do mesmo modo, que o processo de leitura das fontes me colocou diante de questões que inicialmente não imaginava encontrar. A discussão em torno das interpretações de cunho médico higienista em torno das famílias e, principalmente, em torno das mulheres atendidas foi um ponto que, creio, ressignificou esta pesquisa. À medida que lia os relatórios de casos atendidos, reconheci nuances de um discurso ainda hoje proferido e validado por muitos. Neste ponto, chamo a atenção para o quanto ainda podemos e devemos caminhar no que tange a superação de estereótipos e discriminação

por motivação de gênero. Ainda que tenham sido feitos avanços no que tange ao empoderamento feminino nos últimos anos, com quantos percalços nos deparamos ao longo da vida devido a crenças de origem sexista?

Ademais, foi uma preocupação respeitar em minha escrita a importância da história das organizações aqui analisadas para o grupo social que a construiu. Especialmente no terceiro capítulo desta pesquisa, onde lidei com registros de algumas experiências não exatamente fáceis de revisitar. Um caminho para preservar a identidade de indivíduos e famílias que por ventura se sentissem com parte de suas trajetórias invadidas e esmiuçadas foi manter apenas as iniciais de seus nomes e sobrenomes. Assim, reforço o meu respeito a essas biografias e igualmente sublinho sua importância para a compreensão histórica de um período recente.

Reitero que este trabalho deixa em aberto o convite para que mais pesquisas sobre a história dos judeus no Brasil sejam feitas, em seus mais variados recortes. Aqui relembro a riqueza do Centro de Memória do Museu Judaico de São Paulo, que conta com amplo acervo sobre o tema. Acredito que muito ainda pode ser estudado no campo da História e das demais ciências humanas sobre a presença judaica no Brasil por pesquisadores com outras perspectivas, metodologias e fontes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Entrevista

TOMCHINSKY-GALANTERNIK, Fernanda. *Entrevista* concedida a Ana Paula Mendonça Gomes. São Paulo, 27 mar. 2019.

### Homepages Institucionais

CONGREGAÇÃO ISRAELITA PAULISTA. *Rabinato*. Disponível em: <<http://cip.org.br/home-2/rabinato/>> Acesso em: 25 mar. 2019

FEDERAÇÃO ISRAELITA DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Entidades Filiadas*. Disponível em: <<https://www.fisesp.org.br/entidades-federadas/>> Acesso em: 17 abr. 2018.

FROIEN FARAIN. *Mais de 90 Anos de Trabalho Social*. Disponível em: <<http://www.froienfarain.org.br/quem-somos>> Acesso em: 01 mar. 2018.

MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO JUDAICA. *Iconografia – Frente da Antiga Sinagoga Kehilat Israel*. Disponível em: <<http://memij.com.br/index.php/2017-01-20-18-17-00/iconografia/220-ico-53-frente-da-antiga-sinagoga-kehilat-israel-comunidade-israelita>> Acesso em: 05 abr. 2018.

MORASHÁ. *Os Judeus de São Paulo*. Disponível em: <<http://www.morasha.com.br/brasil/os-judeus-de-sao-paulo.html>> Acesso em: 25 mar. 2019

### Bibliografia geral

BARBOSA, Renata Mazzeo. *Redes de Solidariedade e Resistência em Tempos Sombrios: As Associações Judaicas No Estado de São Paulo (1937-1955)*. 2008. 191 f. (Dissertação de Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

BLAY, Eva Alterman. Judeus na Amazônia. In: SORJ, Bila (org.). *Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. República, identidade nacional e anti-semitismo (1930-1945). In: *Revista História*, São Paulo, n. 129-131, ago-dez/1993 a ago-dez/1994.

\_\_\_\_\_. *O anti-semitismo nas Américas: memória e história*. São Paulo: Edusp, 2007.

CHARLOT, Bernard. *A Mistificação Pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

COLUCCI, Sandra Regina. *Mães, médicos e charlatões: configurações culturais e múltiplas representações dos discursos médico-sanitaristas (São Paulo / 1920-1930)*. Dissertação (Mestrado em História), PUC/SP, São Paulo, 2001.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

\_\_\_\_\_. *História da Psiquiatria no Brasil: um corte ideológico*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

COUTO, Rita Cristina C. de Medeiros. Eugenia, loucura e condição feminina. São Paulo: *Cadernos de Pesquisa*, n. 90, p. 52-61, ago./1994. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/892>> Acesso em: 11 dez. 2018.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Loucura, gênero feminino – as mulheres do Juquery na São Paulo do início do século XX. In: BRESCIANI, M. Stella Martins (Org.). *A mulher no espaço público*. São Paulo: Anpuh / Marco Zero, 1989.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Unibes 85 anos: uma história do trabalho social da comunidade judaica em São Paulo (1915-2000)*. São Paulo: Ed. Unibes, 2000.

\_\_\_\_\_; CYTRYNOWICZ, Monica Musatti. *A Congregação Israelita dos Pequenos: história do Lar das Crianças da Congregação Israelita Paulista*. São Paulo, Narrativa Um, 2003.

\_\_\_\_\_. Instituições de assistência social e imigração judaica. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 12, n. 1, jan./abr. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702005000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702005000100009)> Acesso em: 04 set. 2018.

\_\_\_\_\_. *Paralelos – 95 Anos de Unibes Contados Através da História de São Paulo*. São Paulo: Narrativa Um, 2011.

FALBEL, Nachman. *Os Judeus do Brasil: Estudos e Notas*. São Paulo: Humanitas/Edusp, 2008.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Arquivo Histórico Judaico Brasileiro – Inventário dos Fundos das Entidades Benéficas – Fonte de Pesquisa*. São Paulo: Humanitas, Publicações FFLCH-USP, 1999.

FONSECA, Cláudia. Ser Mulher, Mãe e Pobre. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo, Contexto, 2013.

FREIDENSON, Marília. A Integração dos Judeus em São Paulo. *Cadernos CERU*, Série 2, n.18, 2007. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11838>> Acesso em: 24 abr. 2018.

HIRSCHBERG, Alice Irene, *Desafio e Resposta: A história da Congregação Israelita Paulista desde sua fundação*. São Paulo: Ed. CIP, 1976.

HUYSEN, Andreas. *Seduzidos Pela Memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IGEL, Regina. *Imigrantes Judeus / Escritores Brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

KIRSCHBAUM, Saul. *Samuel Rawet: Profeta da Alteridade*. 2000. 106 f. Dissertação (Mestrado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

KOCHMANN, Sandra. O Lugar da Mulher no Judaísmo. São Paulo: *Revista de Estudos da Religião*, n. 2, ano 5, p. 35-45, 2005. Disponível em: [http://www4.pucsp.br/rever/rv2\\_2005/p\\_kochmann.pdf](http://www4.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_kochmann.pdf) Acesso em: 13/03/2019.

KOSMINSKY, Ethel Volfzon. Memórias da Infância: as filhas de imigrantes judeus no Brasil. *Cadernos Ceru*, Série 2, n. 11, São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/75072>> Acesso em: 16 mai. 2018.

\_\_\_\_\_. Questões de Gênero em Estudos comparativos de imigração: mulheres judias em São Paulo e em Nova York. *Cadernos Pagu*, n. 23, Campinas, jul.-dez./2004. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332004000200010&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332004000200010&script=sci_abstract&tlng=pt) > Acesso em: 14 mai. 2018.

KUSHNIR, Beatriz. *Baile de Máscaras - Mulheres Judias e Prostituição*. As Polacas e suas Associações de Ajuda Mútua. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a Questão Judaica*: imigração, diplomacia e preconceito. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

\_\_\_\_\_. *A Negociação da Identidade Nacional*: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Unesp, 2001.

LEVI, Primo. *É isso um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LUZ, Adriana de Carvalho. *Mulheres e Doutores*. Discurso sobre o corpo feminino. Salvador, 1890-1930. Dissertação (Mestrado em História), UFBA, Salvador, 1996.

LUZ, Madel T. *O Lar e a Maternidade*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

LUZ, Márcio Mendes da. *Abençoados aqueles que vêm*: imigração e beneficência judaica em São Paulo (1900-1950). 2007. 161 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2011.

MARQUES, Marília Bernardes. *Discursos Médicos sobre Seres Frágeis*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

MATOS, Maria Izilda Santos. Delineando Corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo 1890-1930). In: MATOS, Maria Izilda Santos; SHOHET, Raquel (orgs.). *O Corpo Feminino em debate*. São Paulo: Ed. Da Unesp, 2003.

\_\_\_\_\_. *Corpos e Emoções*: história, gênero e sensibilidades. São Paulo: e-Manuscrito, Kindle Edition, 2018.

\_\_\_\_\_; TRUZZI, Oswaldo; CONCEIÇÃO, Carla Fernandes. *Mulheres Imigrantes: presença e ocultamento (interiores de São Paulo, 1880-1930)*. Belo

Horizonte: *Revista Brasileira de Estudos de População* [online], vol. 35, n. 03, e0045, 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0102-30982018000300251&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-30982018000300251&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)> Acesso em: 08 dez 2018.

MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO JUDAICA, Seminário com debate *Assistência Social em S. Paulo – História e Memória*, realizado por Therezinha Davidovich, 2017. Disponível em: <http://memij.com.br/images/publicacoes/CICLO-DE-PALESTRAS-MEMORIAL.pdf> Acesso em 17/04/2019.

MIGUEL, Isaura Luísa Cabral. *Religião e Vida Social no Espaço Urbano: comunidades judaicas na Beira Interior em finais da Idade Média*. 2007. 199 f. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local), Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2007.

MIZRAHI, Rachel. *Imigrantes Judeus do Oriente Médio: São Paulo e Rio de Janeiro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

NADER, Maria Beatriz; CAMINOTI, Jacqueline Medeiros. *Gênero e Poder: a construção da masculinidade e o exercício do poder masculino na esfera doméstica*. Rio de Janeiro: *Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: saberes e práticas científicas*, 2014. Disponível em: <[http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400262820\\_ARQUIVO\\_Generoepoderaconstrucaodamasculinidadeeoexerciciodopodermasculinonaesferadomestic a.pdf](http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400262820_ARQUIVO_Generoepoderaconstrucaodamasculinidadeeoexerciciodopodermasculinonaesferadomestic a.pdf)> Acesso em: 03 mar. 2019.

NEIBURG, Federico. Apresentação à edição brasileira – A sociologia das relações de poder de Norbert Elias. In: ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

NUNES, Silvia Alexim. *A Medicina Social e a Questão Feminina*. Rio de Janeiro: *Physis*, vol. 1, n. 1, 1991. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73311991000100003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73311991000100003&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 10 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. *O Corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

PASSETTI, Edson. *Crianças Carentes e Políticas Públicas*. In: PRIORE, Mary Del. (org.). *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

PÓVOA, Carlos Alberto. *A territorialização dos judeus na cidade de São Paulo-SP: a migração do Bom Retiro ao Morumbi*. 2007. 284 f. Tese (Doutorado em Geografia

Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

RATTNER, Henrique. *Tradição e Mudança: A comunidade Judaica em São Paulo*. São Paulo: Ática, 1977.

SANTOS, Luciana da Silva; Gláucia Ribeiro Starling, DINIZ. Saúde Mental de Mulheres Donas de Casa: um olhar feminista-fenomenológico-existencial. Rio de Janeiro: *Psicologia Clínica*, vol. 30, n. 01, p. 37-59, 2018. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652018000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652018000100003)> Acesso em: 14 dez. 2018.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o Trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, vol.20, n.1, pp. 65-82, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652008000100005&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652008000100005&script=sci_abstract&tlng=pt)> Acesso em: 23 mai. 2017.

SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*, p. 199-228. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

SILVA, Tânia Soares. *Da Panacéia para Hygéa: infância, mulheres e famílias nos discursos médicos (São Paulo, 1920-1930)*. São Paulo: e-Manuscrito, 2018.

TRZONOWICZ, Alberto Samuel Milkewitz. *Indagação Filosófica e Educação Judaica: as leis do estudo da Torá do Código de Maimônides como guia*. Tese de doutoramento. São Paulo: USP, Faculdade de Educação, 2012.

## FONTES

CDM. Fundo Damas Israelitas, Cx. 01, Administração, Livro de Atas I, 1931-40.

\_\_\_\_\_. *Ata da primeira sessão ordinária*, 1931, não paginado.

\_\_\_\_\_. *Ata da vigésima primeira sessão ordinária*, 22 nov. 1932, não paginado.



\_\_\_\_\_. *Ata da vigésima segunda sessão ordinária*, 14 fev. 1933, não paginado.

\_\_\_\_\_. *Ata da décima terceira sessão ordinária*, 06 jun. 1932, não paginado.

\_\_\_\_\_. *Ata da décima quarta sessão ordinária*, 08 jun. 1932, não paginado.

\_\_\_\_\_. *Ata da décima sétima sessão ordinária*, 27 jun. 1932, não paginado.

\_\_\_\_\_. *Ata da décima oitava sessão ordinária*, 04 jul. 1932, não paginado

\_\_\_\_\_. *Ata da vigésima sessão ordinária*, 15 nov. 1932, não paginado.

\_\_\_\_\_. *Ata da décima nona sessão ordinária*, 11 jul. 1932, não paginado.

\_\_\_\_\_. Sem título, sem data, não paginado.

\_\_\_\_\_. *Ata da vigésima sétima sessão ordinária*, 04 mai. 1935, não paginado.

\_\_\_\_\_. *Ata da vigésima oitava sessão ordinária*, 11 nov. 1935, não paginado.

\_\_\_\_\_. *Ata da vigésima nona sessão ordinária*, 10 jun. 1935, não paginado.

\_\_\_\_\_. *Ata da trigésima sessão ordinária*, 03 fev. 1936, p. 16.

\_\_\_\_\_. *Ata da assembleia geral extraordinária da Sociedade Beneficente das Damas Israelitas*, FI0006-ADM-A8/2, 21 mai. 1940, não paginado.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 07, Divulgação, sem título, FI0008-COM-PB-L4/32, sem data, não paginado.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Históricos OFIDAS*, FI0008-ADM-B5/1 a /1, 1970-75, p. 01.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Históricos OFIDAS*, FI0008-ADM-B5/1, 1970-75, p. 02.

\_\_\_\_\_, p. 03.

\_\_\_\_\_, p. 08.

\_\_\_\_\_, p. 09-10.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Ata de fundação*, FI0008-ADM-A8/1, 1940, p. 01-03.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 07, Divulgação, sem título, FI0008-COM.PB-L4/32, sem data, não paginado.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Programa*, FI0008-ADM-P14/1, sem data, p. 02.

\_\_\_\_\_, não paginado.

\_\_\_\_\_, p.03.

\_\_\_\_\_, p. 04.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Estatutos*, FI0008-ADM-E6/1 e E6/2, sem data, não paginado.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Evolução da OFIDAS*, FI0008-ADM-B5/3, sem data, não paginado

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, Livro de Atas de Assembleias Gerais, *Ata da Assembleia Geral Extraordinária da Organização Feminina Israelita de Assistência Social*, 04 dez. 1963, p. 47.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, Livro de Atas de Assembleias Gerais, *Ata da Assembleia Geral Extraordinária da Organização Feminina Israelita de Assistência Social*, 09 ago. 1951, p. 23.

\_\_\_\_\_, pg. 23v-24.

\_\_\_\_\_, p. 24v-25.

\_\_\_\_\_, p. 25v-26.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Parecer*, FI0008-ADM-P3/1, [1962?], não paginado.

CDM, Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Lista*, FI0008-ADM-L3/3, 1966-69, p. 04.

\_\_\_\_\_, p. 02.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Livro de Atas de Assembleias Gerais*, 15 set. 1949, p. 15v.

\_\_\_\_\_, p. 15v.-16.

\_\_\_\_\_, p. 16.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Histórico da OFIDAS pela presidenta Rachel Bacaleinick*, FI0008-ADM-B5/4, sem data, p. 03.

\_\_\_\_\_, não paginado.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Resumo do Histórico da OFIDAS (1975) por Rachel Bacaleinick*, FI0008-ADM-B5/1, p. 09.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, *Ata da reunião do Comitê de Unificação das Entidades de Serviço Social*, FI0008-ADM-A8/5, 05 out. 1971, não paginado.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, *Ata da assembleia geral extraordinária da Sociedade Beneficente Linath Hatzedek*, FI0008-ADM-A8/3, 20 set. 1976, não paginado.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 08, Divulgação, *Jardim Maternal da OFIDAS apresenta “Um Grito Parado no Ar” de Gianfrancesco Guarnieri*, sem data, não paginado.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, Relatório de Atividades (1942-69), *Funcionários que trabalharam na Organização em 1966*, sem data, não paginado.

\_\_\_\_\_, *Relatório 1942-1943*, sem data, não paginado.

\_\_\_\_\_, sem data, p. 21-24.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 01, Administração, sem título, FI0008-ADM-B5/5, sem data, não paginado.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 05, Assistência Social, *Relatórios de Imigrantes (1953-1959)*, sem data, não paginado.

\_\_\_\_\_, *Casos Transferidos do Conselho de A. S. para a OFIDAS*, sem data, não paginado.

\_\_\_\_\_, *Casos de ficaram no departamento de Assistência Social da OFIDAS depois de um ano de permanência no país*, sem data, não paginado.

\_\_\_\_\_, *Casos do Conselho de Assistência Social atendidos pelo departamento de A. S. da OFIDAS antes de um ano de permanência no país*, sem data, não paginado.

\_\_\_\_\_, *OFIDAS – Casos de Colocação Familiar (1958-59)*, sem data, não paginado.

\_\_\_\_\_, *Imigrantes atendidos no Dep. De Assistência Social em 1957*, sem data, não paginado.

\_\_\_\_\_, *Imigrantes atendidos financeiramente pela OFIDAS desde janeiro de 1953*, sem data, não paginado.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 05, Assistência Social, Relatórios de Imigrantes (1953-1959), *Casos Chegados de Israel que Foram Atendidos nos Diversos Departamentos da OFIDAS durante os anos de 1956 e 1957 – 1958*, sem data, não paginado.

\_\_\_\_\_, *Casos Transferidos do Conselho de A. S. para a OFIDAS*, sem data, p. 01-03.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 05, Assistência Social, Relação de Beneficiados (1949-1967), *Casos de Israel Atendidos na OFIDAS em 1958*, dez. 1958, não paginado.

\_\_\_\_\_, *Casos de Israel – Marrocos – Egito – Hungria Atendidos durante Janeiro, Fevereiro e Março de 1957*, mar. 1957, não paginado.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 05, Assistência Social, Relação de Casos Especiais, *Pessoas com mais de 60 anos de idade que recebem ajuda para manutenção do Departamento de Serviço Social da OFIDAS*, out. 1963, não paginado.

\_\_\_\_\_, *Casos do Serviço Social da OFIDAS considerados vítimas de perseguição Política – Racial – Religiosa – Econômica*, 1963, não paginado.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 08, Divulgação, *Folheto*, FI0008-COM.PB-L4/31, 1969, não paginado.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Educacional, Ensino, Relatórios de casos do Departamento Escolar (1963), *Estudo dos casos do Lar da Criança Israelita, realizado em Agosto, Setembro e Outubro de 1957*, sem data, não paginado.

\_\_\_\_\_, *Estudo realizado no Lar da Criança da “OFIDAS” – Famílias que possuem empregadas*, dez. 1959, não paginado.

\_\_\_\_\_, *Re-estudo de Casos da Creche*, sem data, não paginado.

\_\_\_\_\_, *Casos que a Assistência Social da “Ofidas” recomenda para o Lar da CIP*, sem data, p. 01.

\_\_\_\_\_, p. 01-02.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Educacional, Ensino, *Atas (1959-1975)*, sem data, não paginado.

\_\_\_\_\_, *Relatório da reunião da Comissão do Lar da Criança*, 01 fev. 1960, não paginado.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 03, Assistência Educacional, Recreação, *Relação de Crianças (1952-1970)*, *Relação de Crianças indicadas para a Colônia de Férias – Indicadas pela OFIDAS por razões sociais e de saúde*, sem data, não paginado.

\_\_\_\_\_, *Crianças Recomendadas para a Colônia de Férias Vita Kempner*, sem data, não paginado.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 03, Assistência Médico Odontológica, *Relação de Casos (1959)*, *Relação de Casos de Hospitais de 1959*, sem data, não paginado.

\_\_\_\_\_, *Relação de Crianças (1950-1965) - Higiene Infantil*, sem data, p. 01-04.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Educacional, Ensino, *Relatório de Casos do Departamento Escolar – Lista enviada para o Lar da CIP*, 26 abr. 1960, não paginado.

\_\_\_\_\_, *Relatórios de visitas domiciliares (1973-1974)*, nov. 1973, não paginado.

\_\_\_\_\_, 22 abr. 1974, não paginado.

\_\_\_\_\_, 13 mar. 1974, não paginado.

\_\_\_\_\_, sem data, não paginado.

\_\_\_\_\_, 24 jun. 1974, não paginado.

\_\_\_\_\_, 13 set. 1974, não paginado.

CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 02, Assistência Educacional, Ensino, *Relatórios de visitas domiciliares (1973-1974) - Entrevista*, nov. 1973, não paginado.

\_\_\_\_\_, 27 mar. 1974, não paginado.

## APÊNDICE

“Casos do Serviço Social da OFIDAS considerados vítimas de perseguição Política – Racial – Religiosa – Econômica”, 1963.

<b>“Nome do chefe da família”</b>	<b>País de origem</b>	<b>Nacionalidade</b>	<b>Data de chegada</b>	<b>Nº de pessoas da família</b>	<b>Natureza da Assistência recebida</b>
M. Waissblut	Polônia	Polonesa	1947	6	Alimentação-roupas
R. Angelus	Romênia	Apátrida	1947	1	Alimentação-roupas
V. Verez	Romênia	Apátrida	1950	1	Alimentação-roupas
I. Naparstek	Polônia	Israelense	1954	5	Creche para 2 crianças
M. Beltzer	Romênia	Israelense	1954	5	Creche para 2 crianças
H. Brüh	Polônia	Polonesa	1953	2	Alimentação-roupas
H. Jacobovita	Polônia	Israelense	1954	2	Alimentação-roupas
J. Caim	Hungria	Húngara	1954	5	Pagamento empréstimo
T. Mayer	Romênia	Romena	1954	2	Alimentação-roupas
J. Szuster	Polônia	Polonesa	1954	4	Alimentação-roupas
S. Stokalsky	Lituânia	Lituana	1954	3	Alimentação-roupas
A. Fisher	Polônia	Apátrida	1947	2	Alimentação-roupas
M. Plipan	Polônia	Israelense	1954	1	Alimentação-roupas
E. Levy	Marrocos	Marroquina	1956	7	Alimentação-roupas
Y. Gross	Romênia	Romena	1954	1	Pensão



J. Ponte	Marrocos	Marroquina	1956	5	Creche para 2 crianças
J. Ponte	Marrocos	Marroquina	1956	6	Alimentação-roupas
D. Greif	Hungria	Húngara	1954	3	Alimentação-roupas
F. Zalzman	Polônia	Polonesa	1956	1	Alimentação-roupas
J. Sticlaro	Romênia	Israelense	1956	2	Alimentação-roupas
V. Benadiba	Marrocos	Marroquina	1956	6	Alimentação-roupas
E. Tamisgui	Marrocos	Marroquina	1956	7	Alimentação-roupas-creche
M. Habergritz	Polônia	Polonesa	1955	2	Alimentação-roupas
B. Kessler	Romênia	Israelense	1956	2	Alimentação-roupas
I. Awram	Romênia	Israelense	1958	4	Alimentação-roupas
W. Koren	Polônia	Polonesa	1959	5	Alimentação-roupas-creche
R. Hercman	Polônia	Polonesa	1959	4	Creche
R. Gotlieb	Romênia	Romena	1958	1	Alimentação-roupas
M. Leibo	Romênia	Romena	1958	2	Alimentação-roupas
E. Dessman	Egito	Egípcia	1959	3	Alimentação-roupas
J. Brandt	Egito	Egípcia	1957	2	Alimentação-roupas-escola
E. Goldemberg	Romênia	Romena	1958	1	Alimentação-roupas
D. Nahoum	Egito	Apátrida	1957	4	Creche para 2 crianças
I. Ponte	Marrocos	Marroquina	1956	5	Creche para 2 crianças

M. Cheroub	Egito	Apátrida	1958	2	Alimentação-roupas
I. Zimmer	Romênia	Israelense	1558	4	Creche para 2 crianças
A. Maman	Marrocos	Marroquina	1956	5	Creche para 2 crianças
B. Matzas	Grécia	Grega	1959	2	Alimentação-roupas
R. Acher	Egito	Apátrida	1957	3	Alimentação-roupas
Z. Frida Branei	Romênia	Romena	1960	1	Alimentação-roupas
M. Awram	Romênia	Apátrida	1959	2	Alimentação-roupas
U. Vincenzo	Egito	Italiana	1960	6	Alimentação-roupas
A. Ganielsky	Polônia	Francesa	1952	1	Alimentação-roupas
M. Feldman	Romênia	Romena	1961	3	Creche
T. Dziewanovska	Polônia	Polonesa	1960	3	Alimentação-escola
S. Brüh	Polônia	Apátrida	1947	1	Alimentação-roupas
B. Derner	Romênia	Romena	1957	4	Creche
R. Schechter	Polônia	Alemã	1954	4	Manutenção
A. Matazza	Egito	Grega	1956	1	Alimentação-roupas
M. Cohen	Marrocos	Marroquina	1960	5	Creche
R. Misrahi	Egito	Egípcia	1957	1	Alimentação
I. Podhoretz	Polônia	Polonesa	1958	3	Creche
M. Koslowsky	Polônia	Polonesa	1960	4	Creche
M. Krasner	Egito	Marroquina	1960	3	Creche
O. Zukier	Romênia	Romena	1963	4	Creche
D. Algazi	Turquia	Egípcia	1960	6	Escola
L. Berman	Romênia	Romena	1962	3	Escola
A. Cohen	Síria	Egípcia	1960	4	Escola

C. Cattan	Egito	Egípcia	1960	4	Escola
F. Ciolek	Polônia	Polonesa	1962	4	Escola
N. Cejinsky	Polônia	Polonesa	1960	5	Escola
V. Fiss	Egito	Egípcia	1958	5	Escola
S. Forte	Egito	Egípcia	1962	3	Escola
M. Golia	Romênia	Romena	1961	3	Escola
O. Glaubes	Romênia	Romena	1960	4	Escola
I. Goldemberg	Romênia	Israelense	1962	3	Escola
J. Geler	Polônia	Polonesa	1961	4	Escola
R. Harari	Egito	Egípcia	1961	4	Escola
I. Ischaki	Egito	Egípcia	1963	6	Escola
M. Kremer	Romênia	Romena	1961	5	Escola
H. Kahal	Romênia	Romena	1962	3	Escola
S. Lipski	Polônia	Polonesa	1960	6	Escola
A. Lazar	Israel	Israelense	1963	4	Escola
J. Menasce	Egito	Egípcia	1957	5	Escola
E. Moustachi	Egito	Egípcia	1961	5	Escola
G. Nachman	Egito	Egípcia	1961	4	Escola
J. Nacson	Egito	Egípcia	1962	4	Escola
L. Rosemberg	Romênia	Romena	1961	3	Escola
M. Soumaria	Egito	Egípcia	1958	3	Escola
A. Sterenberg	Romênia	Romena	1960	4	Escola
I. Sinai	Egito	Egípcia	1960	5	Escola
H. Setton	Egito	Egípcia	1962	4	Escola
C. Sasson	Egito	Egípcia	1957	5	Escola
D. Sukar	Egito	Egípcia	1962	7	Escola
L. Schwarz	Romênia	Romena	1962	5	Escola
N. Sunkar	Egito	Egípcia	1962	8	Escola
J. Weiss	Romênia	Romena	1962	3	Escola
N. Goldstein	Egito	Egípcia	1961	4	Escola
H. Smirer	Romênia	Romena	1963	3	Escola

W. Niemcova	Rússia	Israelense	1962	2	Escola
V. Albala	Egito	Italiana	1959	5	Espécie
C. Ambrezi	Hungria	Húngara	1957	3	Espécie
M. Arditti	Egito	Libanesa	1961	3	Espécie- Higiene Infantil
J. Awram	Romênia	Israelense	1958	1	Espécie
I. Axelrod	Polônia	Israelense	1962	5	Espécie
E. Azoulay	Marrocos	Marroquina	1956	8	Espécie— Higiene infantil
M. Bencze	Romênia	Apátrida	1961	3	Higiene infantil
D. Benelly	Romênia	Israelense	1955	2	Espécie- higiene infantil
A. Benveniste	Grécia	Grega	1958	4	Espécie- Departamento escolar
Z. Bernstein	Romênia	Romena	1958	4	Espécie- Higiene infantil
J. Blati	Romênia	Apátrida	1961	3	Higiene infantil
N. Boms	Polônia	Polonesa	1961	6	Espécie
A. Berger	Romênia	Israelense	1963	3	Auxílio financeiro
A. Burac	Letônia	Não consta	1949	2	Manutenção
V. Bousso	Egito	Apátrida	1957	5	Gabinete dentário
H. Bronner	Polônia	Polonesa	1962	2	Espécie
J. Brinstein	Polônia	Polonesa	1947	7	Espécie
J. Cohen	Polônia	Apátrida	1950	1	Espécie
B. Edery	Marrocos	Marroquina	1961	8	Higiene infantil
G. Eisfeld	Alemanha	Alemã	1956	1	Espécie
M. Farkas	Hungria	Húngara	1957	5	Espécie

N. Feiguenson	Polônia	Israelense	1953	1	Espécie
M. Finti	Bulgária	Israelense	1956	1	Espécie
A. Galapo	Egito	Apátrida	1958	5	Gabinete dentário
B. Goldstein	Romênia	Apátrida	1960	3	Higiene infantil
J. Goral	Rússia	Apátrida	1956	1	Espécie
S. Grimberg	Romênia	Israelense	1958	3	Espécie
J. Bercu	Romênia	Romena	1962	4	Gabinete dentário
L. Ketehijan	Líbano	Libanesa	1947	3	Espécie
M. Korcaz	Polônia	Polonesa	1958	1	Espécie
A. Levy	Iugoslávia	Apátrida	1958	3	Espécie
N. Levi	Egito	Italiana	1958	4	Espécie
J. Lewandovsky	Polônia	Polonesa	1958	1	Espécie
L. Lozneau	Bessarábia	Israelense	1952	2	Espécie
E. Mihalovitz	Hungria	Húngara	1957	1	Espécie
M. Pancer	Hungria	Israelense	1956	2	Espécie
S. Rosenthal	Polônia	Apátrida	1962	3	Espécie
C. Segall	Romênia	Apátrida	1961	3	Higiene infantil
M. Simansky	Romênia	Apátrida	1961	3	Espécie
H. Lea Stern	Romênia	Romena	1961	2	Espécie
S. Szwarc	Polônia	Polonesa	1953	4	Higiene infantil
L. Vivante	Grécia	Apátrida	1959	1	Espécie
M. Wilczynsky	Marrocos	Apátrida	1961	1	Espécie
D. Zamfiresou	Romênia	Apátrida	1961	3	Higiene infantil

Elaboração da autora.

Fonte: CDM. Fundo OFIDAS, Cx. 05, Assistência Social, Relação de Casos Especiais, *Casos do Serviço Social da OFIDAS considerados vítimas de perseguição Política – Racial – Religiosa – Econômica*, 1963, não paginado.